

#1 *NEW YORK TIMES* & *USA TODAY*
BESTSELLING AUTHOR

NORA ROBERTS

ESTRELA OCULTA



**ESTRELA
OCULTA**

Hidden Star

Estrelas de Mithra – Livro 1

Nora Roberts

Ela não se lembrava de nada, nem mesmo do próprio nome. Mas sabia que estava em apuros. Assim, para desvendar seu passado e sobreviver, Bailey James precisaria da ajuda de alguém forte, inteligente, decidido e profissional. Alguém como o investigador particular Cade Parris.

Ele estava mais do que disposto a ajudá-la, e realizar o maior sonho de sua vida.

Quando aquela beleza frágil e misteriosa saía de um filme noir aparece em seu escritório, todos os sonhos românticos de Cade se tornam realidade. Afinal, Bailey carrega consigo uma fortuna em dinheiro, um revólver e um diamante de valor incalculável, além de ser a mulher mais linda que o sexy investigador já teve o prazer de atender. O caso perfeito! E ambos não têm muito tempo para descobrir a origem do misterioso diamante...

Estrela Oculta é o primeiro volume da trilogia As Estrelas de Mithra, um dos grandes sucessos da carreira de Nora Roberts.

HARLEQUIN
2008

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: HIDDEN STAR

Copyright © 1997 by Nora Roberts

Tradução Deborah Barros

Digitalização e Revisão: Eve Dallas
[Portal Detonando]

Versão ePub: AZ

Cade Parris não estava no melhor de seus dias quando a mulher de seus sonhos entrou em seu escritório. Sua secretária se demitira no dia anterior... não que fosse muito eficiente, de qualquer forma, mais preocupada em admirar as próprias unhas do que em tomar nota dos telefonemas. Mas ele precisava de alguém que ficasse de olho nas coisas e arquivasse a papelada. Mesmo o aumento de salário que lhe oferecera por puro desespero não a convencera a desistir de sua súbita determinação de se tornar uma estrela da música country.

Assim, sua secretária estava partindo para Nashville numa caminhonete usada, e o escritório dele se parecia com os 15 quilômetros de estrada ruim pela qual Cade sinceramente esperava que ela viajasse.

Ela não estivera exatamente com a mente no trabalho nos últimos dois meses. Essa impressão fora mais do que confirmada ao encontrar um sanduíche de linguiça na gaveta de arquivos. Ou ao menos pensava que a massa de carne apodrecida no saco plástico fosse uma linguiça. E tinha sido arquivada na letra A... de Almoço?

Cade sequer se deu ao trabalho de xingar, assim como não se moveu para atender ao telefone que tocava incessantemente na mesa vazia da recepção. Tinha relatórios para digitar, e, uma vez que esta não era uma de suas melhores habilidades, queria terminar logo com aquilo.

A Investigações Parris não era o que se poderia chamar de uma empresa próspera. Mas a companhia lhe era adequada, assim como o escritório desorganizado com duas salas no último andar de um edifício estreito de tijolos aparentes e um péssimo encanamento no noroeste de Washington, lhe era adequado.

Não precisava de tapetes macios ou móveis de qualidade. Havia crescido com tudo isso, com grandza e esplendor, e já tivera sua quota ao chegar aos 20 anos. Agora, aos 30, com um casamento fracassado às suas costas e uma família que continuava frustrada com suas escolhas, Cade era, em geral, um homem satisfeito.

Possuía sua licença de investigador, uma reputação decente como um homem que fazia bem o trabalho e renda suficiente para manter sua agência em funcionamento.

No entanto, sua renda operacional naquele momento era um problema. Ele estava no que gostava de chamar de calmaria. A maioria de seus casos envolvia seguros ou questões domésticas... alguns degraus abaixo da excitação que imaginara quando decidira se tornar detetive particular. Havia acabado de concluir dois casos, ambos pequenas fraudes de seguro que não haviam requerido muito esforço ou inovação para serem encerrados.

Não havia mais nenhum serviço em vista, seu senhorio ganancioso e sanguessuga aumentara o aluguel, o motor de seu carro vinha fazendo ruídos estranhos, o ar-condicionado estava quebrado. E havia um vazamento no telhado novamente.

Ele pegou o filodendro estreito de folhas amarelas que sua secretária trapaceira havia deixado para trás e colocou no chão sem tapete embaixo da goteira, desejando que ele se afogasse.

Podia ouvir uma voz baixa e monótona em sua secretária eletrônica. Era sua mãe. Meu Deus, pensou ele, um homem alguma vez conseguia escapar da mãe?

— Cade, querido, espero que você não tenha esquecido do baile da embaixada. Sabe que

deve acompanhar Pamela Lovett. Almocei com a tia dela hoje, me disse que Pamela está simplesmente maravilhosa depois de sua temporada em Mônaco.

— Sim, sim, sim — murmurou Cade, com os olhos fixos no computador. Ele e as máquinas tinham um relacionamento ruim e cheio de desconfiança.

Cade se sentou e olhou para a tela enquanto sua mãe continuava a tagarelar:

— Você mandou lavar o seu smoking? Arranje um tempo para cortar esse cabelo. Você parecia tão desmazelado da última vez que o vi!

E não esqueça de lavar atrás das orelhas, pensou ele amargamente, e se desligou da conversa. Sua mãe jamais aceitaria que o estilo de vida Parris não fosse o dele, que Cade não quisesse almoçar em clubes ou levar ex-debutantes entediadas para passear em Washington e que sua opinião não fosse mudar apesar da persuasão dela.

Cade queria aventuras, e, embora lutar para digitar um relatório sobre uma lesão forjada por um fraudador incompetente não fosse exatamente o território de um Sam Spade, estava fazendo seu trabalho.

De modo geral, não se sentia inútil, entediado ou deslocado. Gostava do som do trânsito do lado de fora, mesmo que a janela só estivesse aberta porque o mesquinho proprietário jamais instalara um ar-condicionado central no edifício e o de Cade estava quebrado. O calor era intenso e a chuva entrava pela janela, mas, se ela estivesse fechada, a sala ficaria abafada e sufocante como uma tumba.

O suor escorria por suas costas, fazendo-o se coçar e deixando-o irritado. Usava jeans e camiseta, os dedos longos corriam desastrados pelo teclado. Tinha de afastar o cabelo do rosto diversas vezes, o que o irritava ainda mais. Sua mãe estava certa. Ele precisava cortar o cabelo.

Então, quando uma mecha caiu novamente, ele a ignorou, assim como ignorava o suor, o calor, o barulho do trânsito, a goteira constante do teto. Continuou sentado, metódico, batendo uma tecla de cada vez, um homem notavelmente bonito com uma carranca no rosto.

Cade herdara a aparência dos Parris... os astutos olhos verdes que podiam ser afiados como uma lâmina ou suaves como a névoa do mar, dependendo de seu humor. O cabelo, que precisava de um trato, era castanho-escuro e tendia a enrolar. Naquele exato momento, enrolava no pescoço, sobre as orelhas, e estava começando a incomodá-lo. O nariz era reto, aristocrático e um tanto longo. A boca era firme, e sorria com facilidade quando estava de bom humor.. E com escárnio quando não estava.

Embora suas feições tivessem amadurecido desde o embaraçoso período de sua infância e adolescência, quando costumava parecer um querubim, Cade ainda tinha covinhas. Esperava ansiosamente chegar à meia-idade, quando, com alguma sorte, elas se transformariam em rugas viris.

Sempre quisera ser do tipo mais rude, mas fora presenteado com um rosto bonito e sonhador, que combinava com a capa da revista GQ, para a qual posara aos vinte e poucos anos, sob protesto e grande pressão familiar.

O telefone tocou novamente. Desta vez, ele ouviu a voz de sua irmã, berrando e reclamando sobre ele ter perdido uma grande festa em honra de algum senador barrigudo que ela estava apoiando.

Pensou em tirar a secretária eletrônica da tomada e jogá-la pela janela na avenida Wisconsin, juntamente com a voz irritante de sua irmã.

Então a chuva, que parecia apenas aumentar o calor, começou a pingar sobre sua cabeça. O monitor do computador piscou e apagou, sem qualquer razão que ele pudesse ver exceto pura maldade, e o café que esquecera esquentando na sala adjacente chegara à fervura com um chiado rancoroso.

Cade se levantou, correu e queimou o dedo na cafeteira. Praguejou loucamente quando ela estilhaçou no chão, espalhando cacos de vidro e café quente em todas as direções. Abriu uma gaveta, pegou um maço de guardanapos, e cortou o polegar com a letal lixa de unha de sua antiga secretária... que naquele momento seguia firme no caminho da perdição.

Quando a mulher surgiu à porta, ele ainda estava praguejando, sangrando, e tinha acabado de tropeçar sobre a planta no meio do chão, e sequer olhou para cima.

Não era mesmo de se admirar que ela ainda estivesse parada ali, molhada de chuva, o rosto mortalmente pálido e os olhos arregalados em choque.

— Com licença. — A voz dela soava rouca, como se não falasse há dias. — Eu devo ter errado de sala. — Deu um passo atrás, e aqueles enormes olhos castanhos desviaram para o nome impresso na porta. Hesitando, olhou novamente para ele. — Você é o sr. Parris?

Houve um momento no qual Cade pareceu incapaz de falar. Sabia que estava olhando fixamente para ela, mas não podia evitar. Seu coração parou. Os joelhos fraquejaram. E o único pensamento que lhe veio à mente foi: "Aí está você, finalmente! O que a fez demorar tanto?"

E, como aquilo era ridículo, se esforçou para assumir uma expressão afável, até mesmo cínica, de detetive.

— Sim. — Cade se lembrou do lenço em seu bolso e o enrolou em volta do polegar que sangrava. — É apenas um pequeno acidente.

— Entendo. — Embora não parecesse entender, pelo jeito como continuava a encará-lo. — Cheguei num momento ruim. Eu não marquei hora. Pensei que talvez...

— Parece que minha agenda está vazia.

Ele queria que ela entrasse, completamente. Apesar daquela primeira reação absurda e sem precedentes de Cade, ela ainda era uma cliente em potencial. E, com certeza, nenhuma das damas a atravessar a sagrada porta de Sam Spade jamais fora tão perfeita.

Ela era loira, linda e confusa. Os cabelos, lisos sobre os ombros, quedavam como a chuva. Os olhos eram castanhos como um bom uísque, num rosto que... embora um tanto desprovido de coloração... era delicado como o de uma fada. Um rosto em forma de coração, cujas maçãs desenhavam uma curva gentil, com lábios carnudos, sem batom e solenes.

Ela arruinara seu vestido e sapatos na chuva. Cade reconhecia ambos como sendo da melhor qualidade, com aquela aparência discreta e exclusiva encontrada apenas em lojas de grife. Contra o tecido de seda azul do vestido, a sacola de lona que ela segurava com ambas as mãos parecia, intrigantemente, destoar de todo o conjunto.

Uma donzela em perigo, pensou ele e sorriu. Exatamente o que o médico recomendava.

— Por que não entra e fecha a porta, Srta...

O coração dela disparou no peito, fazendo-a apertar mais a sacola.

— Você é detetive particular?

— É o que diz na porta. — Cade sorriu novamente, abusando das covinhas enquanto a observava mordiscar aquele lábio inferior encantador. Ele mesmo gostaria de mordiscá-lo.

E aquela reação, pensou, com um pequeno alívio, era muito mais satisfatória. Luxúria era um sentimento que podia entender.

— Vamos ali para o meu escritório. — Ele estudou os danos.. jarra quebrada, terra da planta no chão, poças de café. — Acho que terminei aqui por enquanto.

— Tudo bem. — Ela respirou fundo, entrou e fechou a porta. Supunha que precisava começar de algum lugar.

Desviando dos destroços, ela o seguiu para a sala adjacente. Ali, havia pouco mais do que uma mesa e algumas cadeiras baratas. Bem, não podia ser exigente quanto à decoração, lembrou a si mesma. Esperou até que ele se sentasse atrás da mesa, reclinasse a cadeira e lhe sorrisse daquele jeito rápido que obviamente pretendia inspirar confiança.

— Você... Eu poderia... — Ela fechou os olhos com força, centrando-se novamente. — Você tem algumas credenciais que eu possa ver?

Mais intrigado ainda, Cade pegou sua licença e lhe entregou. Ela usava dois anéis muito bonitos, um em cada mão, notou, Um deles possuía um topázio quadrado e parecia uma antiguidade. O outro tinha três pedras de cores diferentes. Os brincos combinavam com o segundo anel, percebeu ele quando ela colocou os cabelos para trás da orelha e estudou sua licença como se pesasse cada palavra impressa.

— Gostaria de me dizer qual é o problema, srta...

— Eu acho... — Ela lhe devolveu a licença e agarrou a sacola com ambas as mãos outra vez. — Acho que gostaria de contratá-lo. — Os olhos castanhos examinaram novamente o rosto de Cade, tão intensos e penetrantes como na foto da licença. — Você aceita casos de pessoas desaparecidas?

Quem você perdeu, querida?, perguntou ele silenciosamente. Desejou, pela segurança dela e da pequena fantasia que estava se formando em sua cabeça, que não fosse o marido.

— Sim, eu aceito casos de pessoas desaparecidas.

— Seu... preço?

— Duzentos e cinquenta dólares por dia, mais despesas. — Quando ela assentiu, ele apanhou um bloco e uma caneta. — Quem você quer que eu encontre?

Ela deu um suspiro trêmulo e profundo.

— Eu. Preciso que você me encontre. Observando-a, Cade bateu a caneta contra o bloco.

— Parece que eu já a encontrei. Quer que eu mande a conta ou prefere pagar agora?

— Não. — Ela podia se sentir fraquejando. Tinha aguentado tanto tempo... ou pelo menos parecia muito tempo... mas agora sentia que o galho ao qual se agarrara quando seu mundo desmoronara sob seus pés estava começando a se quebrar. — Eu não me lembro. De nada. Eu não... — A voz falhou. Tirou as mãos da sacola sobre o colo, e pressionou-as contra o rosto. —

Não sei quem eu sou. Eu não sei quem eu sou... — E chorou. — Eu não sei quem eu sou...

Cade tinha muita experiência com mulheres históricas. Havia crescido com mulheres que choravam e soluçavam em resposta a qualquer coisa, de uma unha quebrada a um casamento rompido. Então, se levantou, se armou com uma caixa de lenços de papel e se agachou na frente dela.

— Aqui, querida. Não se preocupe. Vai dar tudo certo. — Com gentileza, limpou o rosto dela enquanto falava. Acariciou-lhe a mão, os cabelos, estudou os olhos marejados.

— Desculpe. Não posso...

— Chore — murmurou ele. — Você vai se sentir melhor depois. — Cade foi até o banheiro do tamanho de um closet e trouxe água em um copo descartável.

Depois de lotar o colo com lenços de papel molhados e esmagar três copos descartáveis, ela deu um suspiro trêmulo.

— Desculpe. Obrigada. Realmente me sinto melhor. — As maçãs do rosto ruborizaram um pouco quando pegou os lenços e copos amassados. Cade tirou-lhe os itens da mão, jogou-os no cesto de lixo e apoiou o quadril na quina da mesa.

— Quer me contar sobre isso agora?

Ela assentiu, uniu os dedos e começou a entrelaçá-los.

— Eu... Não há muito que contar. Simplesmente não me lembro de nada. De quem eu sou, do que faço, de onde venho. Amigos, família. Nada. — Ela prendeu a respiração e exalou o ar lentamente. — Nada — repetiu.

Era um sonho se realizando, pensou ele. Aquela linda mulher sem um passado saindo da chuva e entrando em seu escritório. Olhou para a sacola que ela ainda segurava no colo. Chegariam lá em breve.

— Por que não me conta a primeira coisa de que se lembra?

— Acordei em um quarto... um pequeno hotel na rua Dezesseis. — Apoiando a cabeça no encosto, fechou os olhos e tentou colocar as coisas em foco. — Mesmo isso não está muito claro. Eu estava encolhida na cama, e havia uma cadeira apoiada sob a maçaneta. Estava chovendo. Eu podia ouvir o barulho da chuva. Eu me sentia grogue e desorientada, mas meu coração estava batendo tão forte... como se eu tivesse acordado de um pesadelo. Eu ainda estava de sapatos. Lembro de ter pensado por que tinha ido para a cama de sapatos. O quarto estava escuro e abafado. Todas as janelas fechadas. Eu estava tão cansada, tão esgotada... então fui ao banheiro lavar o rosto.

Agora, ela abriu os olhos, fitou-o.

— Vi meu rosto no espelho. Um espelho pequeno e feio, com manchas pretas onde o aço havia caído. E não significou nada para mim. O rosto. — Ela ergueu uma das mãos, passou sobre o rosto, sobre o maxilar. — Meu rosto não significava nada para mim. Não conseguia me lembrar do meu nome, de pensamentos, de planos ou do passado. Não sabia por que estava naquele quarto horrível. Abri gavetas e armários, mas não havia nada. Nenhuma roupa. Tive medo de continuar lá, mas não sabia para onde ir.

— A sacola? Isso era tudo que você tinha?

— Sim. — Agarrou as alças novamente. — Sem bolsa, sem carteira, sem chaves. Isso estava no meu bolso. — Enfiou a mão no bolso do casaco e tirou um pequeno pedaço de papel.

Cade o pegou e estudou a letra rápida e rabiscada.

"Bailey, sábado às sete horas, certo? MJ"

— Não sei o que isso significa. Vi um jornal. Hoje é sexta-feira.

— Mmm. Escreva isso — disse Cade, entregando-lhe um bloco e uma caneta.

— O quê?

— Escreva o que diz no bilhete.

— Oh... — Mordiscando o lábio novamente, ela obedeceu.

Embora ele não precisasse comparar as duas letras para chegar a suas conclusões, pegou o bloco da mão dela e colocou-o ao lado do bilhete.

— Bem, você não é MJ. Assim, eu diria que é Bailey.

Ela piscou e engoliu em seco.

— O quê?

— Pela aparência da letra de MJ, essa pessoa, seja homem ou mulher, é canhota. Você é destra. Sua caligrafia é simples e bonita, a de MJ é um rabisco impaciente. O bilhete estava em seu bolso. É provável que você seja Bailey.

— Bailey. — Ela tentou absorver o nome, a esperança, o gosto e a sensação de identidade. Mas era seco e estranho. — Não significa nada.

— Significa que podemos chamá-la de algum nome, e que temos alguma coisa com o que começar. Conte-me o que fez depois.

Distraída, ela piscou.

— Oh, eu... Havia uma lista telefônica no quarto. Procurei por agências de detetives.

— Por que escolheu a minha?

— O nome. Soava forte. — Ela conseguiu dar o primeiro sorriso, e, embora fosse fraco, estava ali. — Comecei a telefonar, mas então pensei que poderia ser dispensada, e, se eu simplesmente aparecesse... Então, esperei no quarto até o horário comercial, depois andei um pouco e peguei um táxi. E aqui estou.

— Por que você não foi a um hospital? Chamou um médico?

— Pensei na possibilidade. — Ela olhou as mãos. — Simplesmente não fiz isso.

Ela estava dando grandes pistas, pensou ele. Rodeando a mesa, abriu uma gaveta e tirou uma barra de chocolate.

— Você não comentou nada sobre ter tomado café da manhã. — Cade a observou estudar o doce com uma expressão intrigada e, aparentemente, divertida. — Isso vai mantê-la em pé até que possamos fazer melhor.

— Obrigada. — Com movimentos precisos e delicados, ela desembulhou a barra de

chocolate. Talvez parte de seu mal-estar fosse fome. — Sr. Parris, talvez haja pessoas preocupadas comigo. Família, amigos. Eu posso ter um filho. Não sei. — Os olhos castanhos se aprofundaram, fixos num ponto sobre o ombro dele. — Não acredito que tenha. Não imagino ninguém se esquecendo do próprio filho. Mas pessoas podem estar preocupadas, se perguntando o que aconteceu comigo. Por que não fui para casa ontem à noite.

— Você poderia ter ido à polícia.

— Eu não quis ir à polícia. — Desta vez, a voz dela era clara, firme. — Não até... Não, não quero envolver a polícia. — Limpou os dedos num lenço de papel limpo, depois começou a rasgá-lo em tiras. — Alguém que não seja um amigo, ou não seja da família, pode estar procurando por mim. Alguém que não está preocupado com meu bem-estar. Não sei por que me sinto dessa forma. Só sei que estou com medo. E mais do que apenas não lembrar. Mas não posso entender nada até que saiba quem eu sou.

Talvez fossem aqueles olhos enormes e suaves, marejados e encarando-o, ou o nervosismo da "donzela em apuros" evidente nas mãos irrequietas. De qualquer forma, Cade não pôde resistir a se exhibir, apenas um pouquinho.

— Eu já posso lhe dizer algumas coisas. Você é uma mulher inteligente, tem cerca de 25 anos. Tem bom gosto para cores e estilo, e uma conta bancária grande o bastante para se mimar com sapatos italianos e roupas de seda. Provavelmente é uma pessoa correta e organizada. Prefere o implícito ao óbvio. Uma vez que não sabe se esquivar muito bem, eu diria que também não sabe mentir. Tem uma cabeça boa, reflete sobre as coisas. Você não entra em pânico facilmente. E gosta de chocolate.

Ela balançou a embalagem vazia do chocolate na mão.

— Por que você presume tudo isso?

— Você fala bem, mesmo quando está assustada. Pensou em como iria lidar com isso e seguiu todos os passos com lógica. Sabe se vestir... mais com qualidade do que com elegância. Suas unhas são benfeitas, embora não use um esmalte berrante. Suas joias são únicas, interessantes, mas não muito ornamentadas. E está ocultando informações desde que entrou por aquela porta, porque ainda não decidiu o quanto vai confiar em mim.

— O quanto devo confiar em você?

— Você veio a mim.

Ela reconheceu aquilo, se levantou e andou até a janela. A chuva caía forte, enfatizando a vaga dor de cabeça.

— Não reconheço a cidade — murmurou. — Ao mesmo tempo, sinto que deveria. Sei onde estou porque vi um jornal, o Washington Post. Sei como é a aparência da Casa Branca e do Capitólio. Conheço os monumentos... mas poderia tê-los visto na televisão, ou em um livro.

Embora o parapeito estivesse molhado pela chuva, ela apoiou as mãos ali, apreciando o frio.

— Sinto como se tivesse sido jogada do nada naquele quarto de hotel feio. Entretanto, sei ler, escrever, falar e andar. O motorista de táxi estava com o rádio ligado, e reconheci música. Reconheci árvores. Não fiquei surpresa pela chuva ser molhada. Senti o cheiro de café queimado quando entrei aqui, e não era um odor estranho. Sei que seus olhos são verdes. E quando a chuva parar, sei que o céu ficará azul.

Ela suspirou uma vez.

— Portanto, não caí do nada. Há coisas que sei, coisas das quais tenho certeza. Porém, meu próprio rosto não significa nada para mim, e o que fica por trás do rosto está em branco. Posso ter machucado alguém, feito algum mal. Posso ser egoísta e calculista, até mesmo cruel. Posso ter um marido ao qual seja infiel, ou vizinhos com os quais tenha me desentendido.

Ela se virou, então, o semblante frio e severo, contrastando com a fragilidade dos cílios ainda molhados pelas lágrimas.

— Não sei se vou gostar da pessoa que você descobrir quando me encontrar, sr. Parris, mas preciso saber. — Ela pôs a sacola sobre a mesa, hesitou brevemente, e então a abriu. — Acho que tenho o bastante para pagar seus serviços.

Cade vinha de família rica, com o tipo de riqueza que aumentava e se propagava ao longo de gerações. Mas mesmo com seu passado, jamais vira tanto dinheiro junto no mesmo lugar. A sacola de lona estava cheia de pilhas e mais pilhas de notas de cem dólares... todas novinhas em folha. Fascinado, ele pegou um maço e folheou. Sim, realmente, pensou, cada uma das notas tinha o rosto digno e familiar de Ben Franklin.

— Imagino que aqui tenha cerca de um milhão — murmurou ele.

— Um milhão e duzentos mil dólares. — Bailey deu de ombros quando olhou para a sacola. — Conte os maços. Não sei como consegui ou por que estava comigo. Posso ter roubado.

As lágrimas começaram a escorrer novamente quando ela se virou.

— Pode ser dinheiro de resgate. Eu poderia estar envolvida em um sequestro. Poderia haver uma criança em algum lugar, em cativeiro, e eu peguei o dinheiro do resgate. Eu só...

— Vamos acrescentar uma imaginação vívida àquelas outras qualidades.

Foi o tom frio e casual na voz dele que a fez se virar.

— Há uma fortuna aí.

— Um milhão e duzentos não é uma fortuna tão grande hoje em dia. — Ele devolveu o dinheiro à sacola. — E lamento, Bailey, mas você não combina com o tipo frio e calculista de uma sequestradora.

— Mas você pode checar. Pode descobrir, discretamente, se houve um sequestro.

— Claro. Se a polícia estiver envolvida, posso conseguir alguma coisa.

— E se houve um assassinato? — Esforçando-se para se acalmar, ela enfiou a mão na sacola novamente. Dessa vez, tirou um revólver 38.

Um homem cauteloso, Cade afastou gentilmente o cano e lhe tirou a arma da mão. Era um revólver Smith & Wesson, e, com uma checagem rápida, descobriu que estava totalmente carregado.

— Qual foi a sensação desta arma em sua mão?

— Não entendo.

— Como você se sentiu quando a pegou? O peso, o formato?

Embora estivesse embaraçada pela pergunta, Bailey fez o possível para responder com

sinceridade:

— Não é tão pesada quanto imaginei que seria. Eu tinha a impressão que uma coisa com tanto poder seria mais pesada, com mais substância. Supondo que a sensação de segurá-la foi estranha.

— A de segurar a caneta não foi.

Desta vez, ela apenas passou as mãos pelos cabelos.

— Não sei do que você está falando. Acabo de lhe mostrar mais de um milhão de dólares e uma arma. E está falando sobre canetas?

— Quando eu lhe dei uma caneta para escrever, a sensação de segurá-la não foi estranha. Você não precisou pensar sobre isso. Apenas a pegou e a usou. — Cade deu um pequeno sorriso e guardou a arma no próprio bolso em vez de na sacola. — Acho que você está muito mais acostumada a usar uma caneta do que um 38.

Houve algum alívio naquilo, na lógica simples. Mas não afastou todas as dúvidas.

— Talvez você tenha razão. Mas isso não significa que eu não tenha usado a arma.

— Não, não significa. E uma vez que você obviamente já colocou suas mãos sobre ela, não podemos provar que não a usou. Posso verificar se a arma está registrada e em nome de quem.

Os olhos dela se iluminaram de esperança.

— Pode ser minha. — Bailey estendeu o braço, pegou-lhe a mão e apertou-a num gesto impensado e natural. — Nesse caso, nós teríamos um nome. Eu saberia meu nome. Não imaginei que pudesse ser tão simples.

— Talvez seja simples.

— Você está certo. — Ela soltou a mão dele e começou a andar. Os movimentos eram suaves, controlados. — Estou me precipitando. Mas ajuda tanto, sabe? Tão mais do que eu imaginava... simplesmente contar a alguém. A alguém que sabe como resolver as coisas. Não sei se sou boa em quebra-cabeça, sr. Parris...

— Cade — disse ele, intrigado por achar os movimentos econômicos de Bailey tão sensuais. — Vamos manter as coisas simples.

— Cade. — Ela respirou fundo, soltou o ar. — É bom chamar alguém pelo primeiro nome. Você é a única pessoa que conheço, o único com quem me lembro de ter conversado. Não posso lhe dizer o quanto isso é estranho, e, nesse momento, o quanto é reconfortante.

— Por que não me torna a primeira pessoa com quem se lembra de ter compartilhado uma refeição?

Uma barra de chocolate é muito pouco para um café da manhã. Você parece exausta, Bailey.

Era tão estranho ouvi-lo usar aquele nome quando a olhava... Mas, já que era tudo que tinha, ela se forçou a responder ao nome.

— Estou cansada — admitiu. — Parece que não dormi muito. Não sei quando foi a última vez que comi.

— Como se sente com relação a ovos mexidos? Ela esboçou um sorriso de novo.

— Não tenho a menor ideia.

— Bem, vamos descobrir. — Ele começou a pegar a sacola de lona, mas ela segurou sua mão.

— Há mais uma coisa. — Bailey não falou por um momento, mas manteve os olhos fixos nos dele, como fizera ao entrar na sala. Analisando, avaliando, decidindo. Mas sabia que não havia escolha. Cade era tudo que tinha.

— Antes de lhe mostrar, preciso lhe pedir que prometa uma coisa.

— Você me contratou, Bailey. Trabalho para você.

— Não sei se o que vou pedir é completamente ético, mas ainda assim preciso de sua palavra. Se, durante sua investigação, descobrir que cometi algum crime, preciso de sua palavra de que vai descobrir tudo que puder, todas as circunstâncias, todos os fatos, antes de me entregar à polícia.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Você está presumindo que vou entregá-la.

— Se violei a lei, espero que me entregue à polícia. Mas preciso de todos os motivos antes que você o faça. Preciso entender todas as razões, a maneira como aconteceu, quem estava envolvido. Pode me dar sua palavra?

— Claro. — Cade segurou a mão que ela lhe estendeu. Era delicada como porcelana e firme como pedra. E, quem quer que ela fosse, pensou ele, era uma combinação fascinante de fragilidade e força.

— Sem polícia até sabermos de tudo. Pode confiar em mim, Bailey.

— Você está tentando me deixar à vontade com o nome. — Novamente, sem pensar, num movimento tão inato quanto a cor de seus olhos, ela o beijou no rosto. — Você é muito gentil.

Tão gentil, pensou Bailey, que ele a abraçaria agora se ela lhe pedisse. E queria tanto ser abraçada, acariciada, assegurada de que seu mundo entraria em foco novamente a qualquer momento... Só esperava que fosse o tipo de mulher que aguentava firme e enfrentava seus próprios problemas.

— Há mais uma coisa. — Ela se virou para a sacola de lona de novo, enfiou a mão no fundo, sentiu o saquinho de veludo, o peso de seu conteúdo.

— Acho que provavelmente é a coisa mais importante.

Bailey o removeu com muito cuidado, e, com o que ele imaginou ser uma certa reverência, desamarrou o saquinho e despejou o conteúdo na palma da mão.

O dinheiro o surpreendera, a arma o preocupara. Mas aquilo o impressionou. O brilho da peça, mesmo na sala escurecida pela chuva, tinha um poder suntuoso e atordoante.

A pedra preciosa preenchia a pequena palma, sua superfície limpa e nítida o bastante para absorver cada pequena centelha de luz e jogá-la de volta no ar em uma cintilação brilhante e irresistível. Seu lugar, pensou ele, era a coroa de alguma rainha mítica, ou entre os seios de alguma deusa da Antiguidade.

— Nunca vi uma safira tão grande.

— Não é uma safira. — E quando Bailey passou a pedra para a mão dele, podia jurar ter sentido a troca de calor: — É um diamante azul, algo em torno de cem quilates. Brilhantemente lapidado, provavelmente da Ásia Menor. Não há inclusões visíveis a olho nu, e é raro tanto na cor quanto no tamanho. Calculo que seu valor de mercado é facilmente três vezes a quantia na sacola.

Cade não estava mais olhando para a pedra, mas para Bailey. Quando os olhares se encontraram, ela meneou a cabeça.

— Eu não imagino como sei de tudo isso. Mas sei. Assim como sei que não está totalmente... não está... completo.

— O que você quer dizer?

— Eu gostaria de saber. Mas é uma sensação muito forte, quase um reconhecimento. Sei que a pedra é apenas parte de um todo. Assim como sei que jamais poderia me pertencer. Na verdade, não pertence a ninguém. A ninguém — repetiu ela. Eu devo tê-la roubado.

Bailey comprimiu os lábios, ergueu o queixo, endireitou os ombros.

— Posso ter matado por ela.

Cade levou-a para sua casa. Foi a melhor opção em que pôde pensar, escondê-la E queria a sacola de lona e seu conteúdo em seu cofre o mais rápido possível. Bailey não discutira quando ele a levava para fora do edifício, não fizera nenhum comentário sobre o pequeno Jaguar parado na vaga estreita do estacionamento.

Cade preferia usar seu sedan batido e indefinido para o trabalho, mas, até que o carro voltasse da oficina, teria de usar o Jaguar, que chamava muita atenção.

Mas Bailey não disse nada, nem mesmo quando ele entrou em um bairro adorável, com árvores graciosas e bem-cuidados gramados floridos, e no caminho que levava a uma casa sóbria e digna, de tijolos aparentes, que mais lembrava um prédio público.

Estivera preparado para explicar que tinha herdado a casa de uma tia-avó que o adorava... o que era verdade. E que morava lá porque gostava do bairro, que oferecia tranquilidade e conveniência no coração de Washington.

Mas ela não perguntou.

Cade tinha a impressão de que Bailey simplesmente se esgotara. Toda a energia que lhe permitira sair na chuva, encontrar o escritório dele e contar sua história tinha sido drenada, deixando-a apática.

E frágil novamente. Ele teve de se controlar para não pegá-la nos braços e levá-la para dentro. Podia ver a cena claramente... o bravo cavaleiro, campeão das donzelas, carregando-a para a segurança do castelo, e para longe de todo e qualquer dragão que a atormentasse.

Realmente precisava parar de pensar aquelas coisas.

Em vez disso, ergueu a sacola, segurou sua mão, que não oferecia qualquer resistência, e conduziu-a para o gracioso foyer, então pelo corredor e diretamente para a cozinha.

— Ovos mexidos — disse ele, puxando uma cadeira e ajudando-a a se sentar à cabeceira da mesa.

— Tudo bem. Sim. Obrigada.

Ela se sentia fraca, confusa e muito grata a ele, que não a estava bombardeando com perguntas não parecia particularmente chocado ou apavorado com sua história. Talvez fosse a natureza do trabalho de Cade que o fizesse encarar tudo aquilo com naturalidade, mas, qualquer que fosse o motivo, sentia-se grata pelo tempo que ele lhe dava para se recuperar.

Agora, ele se movia pela cozinha de modo competente e casual. Quebrando ovos marrons numa tigela branca, colocando fatias de pão na torradeira sobre o balcão de granito. Deveria oferecer ajuda, pensou ela. Parecia a coisa certa a fazer. Mas estava tão exausta, e era tão prazeroso apenas ficar sentada ali na cozinha, com a chuva cantando no telhado, observando-o a lidar com a tarefa simples de preparar um café da manhã...

Cade estava cuidando dela. E Bailey estava permitindo. Fechou os olhos e imaginou se seria o tipo de mulher que precisava dos cuidados de um homem, que apreciava o papel de mulher indefesa.

Esperava que não. Quase com desespero, esperava que não. Então se perguntou por que um traço de personalidade tão pequeno e insignificante importava tanto, quando não podia ter

certeza de não ser uma ladra ou assassina.

Pegou-se estudando as próprias mãos, analisando-as. Pequenas, bem-formadas, unhas arredondadas e pintadas com esmalte clarinho. Aquilo significava que era uma pessoa prática? As mãos eram macias, sem calos. Era improvável que as usasse para trabalhar. Improvável que fizesse qualquer tipo de trabalho manual.

Os anéis... Muito bonitos. Mais únicos do que ousados. Ao menos pareciam únicos. Conhecia as pedras que brilhavam em seus dedos. Granada, citrino, ametista. Como podia saber os nomes das pedras coloridas e não saber o nome de sua melhor amiga?

Teria amigas?

Era uma pessoa amável ou traiçoeira? Generosa ou crítica? Ria com facilidade e chorava em filmes tristes? Haveria um homem que amava e que a amasse?

Teria roubado mais de um milhão de dólares e usado aquela arma horrível?

Ela saltou quando Cade colocou um prato à sua frente, mas se acalmou quando ele pôs uma das mãos em seu ombro.

— Você precisa comer. — Cade voltou para o fogão e pegou a xícara que deixara lá. — E acho melhor apostar em chá do que em café.

— Sim. Obrigada. — Ela pegou o garfo e provou os ovos. — São gostosos. — Conseguiu sorrir de novo, um sorriso tímido e hesitante que tocou o coração de Cade. — Maravilhosos.

Ele se sentou do lado oposto, com sua caneca de café.

— Sou famoso no mundo inteiro por meus ovos mexidos.

O sorriso de Bailey se firmou, floresceu.

— Posso entender por quê. O toque de páprica e aneto dá um sabor especial.

— Espere até provar minha omelete espanhola.

— O mestre dos ovos. — Ela continuou a comer, confortada pelo clima fácil e confortável que sentia entre os dois. — Você cozinha muito?

Bailey olhou ao redor, examinando a cozinha. Gaveteiros com aparência de pedra; madeira clara, em matizes quentes. Uma janela sem cortina sobre uma pia dupla de porcelana branca. Cafeteira, torradeira, uma pilha de diversos jornais.

O cômodo era organizado, observou, mas não de maneira obsessiva. E era um contraste marcante com o escritório totalmente desordenado.

— Não perguntei se você é casado.

— Divorciado, e cozinheiro quando estou cansado de comer fora.

— O que será que eu faço... como fora ou cozinheiro?

— Você reconheceu páprica e aneto quando provou os ovos. — Recostando-se, Cade tomou um gole de café e estudou-a. — Você é linda. — Ela piscou, assustada e, ele notou, instantaneamente cautelosa. — Apenas uma observação, Bailey. Temos de trabalhar com o que sabemos. Você é linda. De uma forma discreta, tranquila, nada que pareça especialmente planejado ou ressaltado. Você não é exibicionista, e não aceita com naturalidade elogios à sua

aparência. Na verdade, acabo de deixá-la muito nervosa.

Ela pegou a xícara, ergueu-a com ambas as mãos.

— Você está tentando me deixar nervosa?

— Não, mas o jeito como você ruboriza e me olha desconfiada ao mesmo tempo é interessante e doce. Pode relaxar, não estou dando em cima de você. — Mas era uma ideia, admitiu Cade, uma ideia excitante e fascinante. — Não acho que você seja fácil, também — continuou. — Duvido que um homem chegasse muito longe com você apenas lhe dizendo que tem olhos calorosos como uísque, e que o contraste entre eles e a sua voz calma e ritmada tem um impacto sexual muito forte.

Ela ergueu a xícara novamente e, embora não fosse fácil, manteve os olhos nos dele.

— Parece mesmo que você está tentando me seduzir.

As covinhas de Cade se aprofundaram de maneira charmosa quando ele sorriu.

— Viu? Você não é fácil. Mas é educada e tem bons modos. Há um sotaque da Nova Inglaterra na sua voz, Bailey.

Com os olhos ainda fixos nele, ela baixou a xícara.

— Nova Inglaterra?

— Connecticut, Massachusetts. Não tenho certeza, mas há uma leve entonação ianque na sua voz, especialmente quando se torna fria.

— Nova Inglaterra. — Ela procurou por alguma conexão, algum pequeno elo. — Não significa nada para mim.

— Isso me dá uma outra pista para trabalhar: Sua classe está estampada no seu rosto. Se já nasceu com classe ou a desenvolveu, não sei, mas está aí de qualquer forma. — Ele se levantou, pegou o prato dela. — Assim como o cansaço. Você precisa dormir.

— Sim. — O pensamento de voltar para aquele quarto de hotel lhe provocou um calafrio. — Devo ligar para o seu escritório, marcar um novo horário? Anotei o telefone do hotel e do quarto onde estou hospedada. Você pode me ligar se descobrir alguma coisa.

— Você não vai voltar para lá. — Cade pegou sua mão novamente, ajudou-a a se levantar e começou a conduzi-la para fora da cozinha. — Pode ficar aqui. Há muito espaço.

— Aqui?

— Acho melhor que permaneça onde posso ficar de olho em você, pelo menos por enquanto. — De volta ao foyer, Cade a conduziu para a escada. — É um bairro tranquilo e seguro. E, até que descobramos como você pôs as mãos em um milhão e duzentos mil dólares e num diamante do tamanho de seu punho, não a quero andando pelas ruas.

— Você não me conhece.

— Nem você me conhece. É mais uma coisa na qual teremos de trabalhar.

Ele abriu a porta de um quarto, onde uma luz suave iluminava as cortinas de renda caindo sobre o chão de madeira polida. Havia uma pequena área de estar, com poltronas de estofamento com botões e uma mesa redonda com bordas ornadas em frente a uma lareira, dentro da qual uma samambaia crescia. Uma bela colcha cobria a cama de casal de dossel alto

adornada por travesseiros convidativos.

— Durma um pouco — aconselhou ele. — Há um banheiro por ali, e vou arranjar alguma roupa para você vestir depois que descansar.

Bailey sentiu as lágrimas retornando, apertando-lhe a garganta com um misto de medo, gratidão e extremo cansaço.

— Você convida todas as clientes para se hospedarem em sua casa?

— Não. — Cade tocou-lhe o rosto, e, como queria puxá-la para mais perto e sentir como a cabeça dela se encaixaria em seu ombro, baixou a mão novamente. — Apenas aquelas que precisam. Vou descer. Tenho algumas coisas a fazer.

— Cade... — Ela pegou sua mão e segurou-a por um momento. — Obrigada. Parece que escolhi o nome certo na lista telefônica.

— Durma. Deixe as preocupações por minha conta por um tempo.

— Farei isso. Não feche a porta — pediu rapidamente enquanto ele saía do quarto.

Ela abriu a porta novamente, estudou-a parada ali na parca luz. Parecia tão delicada, tão perdida...

— Estarei no andar de baixo.

Bailey ouviu os passos se afastando antes de se sentar no banquinho almofadado no pé da cama. Podia ser tolice confiar nele, colocar inteiramente sua vida nas mãos de um homem que não conhecia, como fizera. Mas confiava em Cade. Não apenas porque seu mundo consistia apenas nele e no que lhe contara, mas porque todos os seus instintos lhe diziam que aquele era um homem com quem poderia contar.

Talvez fosse somente fé cega e esperança desesperada, mas, no momento, não achava que poderia sobreviver mais uma hora sequer sem essas duas coisas. Então, seu futuro dependia de Cade Parris, de sua habilidade de lidar com seu presente e desenterrar seu passado.

Ela tirou os sapatos. Depois, removeu o casaco e o dobrou sobre o banco. Quase tonta de fadiga, deitou-se na cama por cima da colcha e adormeceu no momento em que seu rosto tocou o travesseiro.

No andar de baixo, Cade pegou as impressões digitais da xícara de chá de Bailey. Possuía contatos para investigá-las com rapidez e discrição. Se ela tivesse ficha na polícia ou já tivesse trabalhado para o governo, ele a identificaria facilmente.

Verificaria o registro de pessoas desaparecidas, vendo se alguém com a descrição de Bailey estava sendo procurada. Isso também era fácil.

O dinheiro e o diamante exigiam uma outra rota. O roubo de uma pedra preciosa daquele tamanho estava fadado a ser notícia. Precisava verificar as informações que Bailey lhe dera sobre a pedra, e, então, fazer alguma pesquisa.

Precisava checar o registro da arma, também... e verificar com suas fontes sobre homicídios ou tiroteios recentes com um 38.

Todos esses passos seriam mais efetivos se fossem feitos pessoalmente, mas não queria

deixá-la sozinha ainda. Ela podia entrar em pânico e fugir, e Cade não iria se arriscar a perdê-la.

Também era possível que Bailey acordasse de seu sono, se lembrasse de quem era e voltasse para sua vida antes que ele tivesse a chance de salvá-la.

E Cade queria muito salvá-la.

Enquanto trancava a sacola no cofre da biblioteca, ligava o computador e fazia anotações, lembrou-se de que ela podia ter um marido, seis filhos, 20 amantes ciumentos, ou uma ficha criminal tão longa quanto a avenida Pennsylvania. Mas simplesmente não se importava.

Ela era a sua "donzela em apuros", e, droga, a manteria consigo.

Cade deu alguns telefonemas e conseguiu que um mensageiro fosse apanhar as impressões digitais a fim de levá-las para seu contato na polícia. O pequeno favor iria lhe custar uma garrafa de uísque escocês, mas aceitava que nada era de graça.

— A propósito, Mick, você tem algum registro sobre roubo de joias? Coisa grande?

Cade podia imaginar claramente o detetive Mick Marshall mexendo em sua papelada, o telefone preso na orelha para bloquear o barulho da cadeia, a gravata torta, os cabelos vermelhos crespos ao redor de um rosto cuja expressão era uma carranca permanente.

— Você tem algum caso novo, Parris?

— Apenas um rumor — disse Cade com facilidade. — Se entrasse alguma coisa grande, eu poderia fazer um acordo com a companhia de seguros. Preciso pagar o aluguel, Mick.

— Bem, em primeiro lugar não sei por que você não compra o prédio e destrói essa ratoeira, riquinho.

— Sou excêntrico... É assim que chamam os garotos ricos que andam com pessoas como você. Então, o que você sabe?

— Não soube de nada.

— Certo. Tenho um 38 Smith & Wesson Special — Cade ditou o número de série enquanto girava a arma na mão. — Pesquise para mim, por favor.

— Duas garrafas de uísque, Parris.

— Para que servem os amigos? Como está Doreen?

— Petulante como sempre. Desde que você lhe comprou aquelas tulipas, não paro de escutar. Como se eu tivesse tempo de comprar flores todas as noites antes de ir para casa. Talvez eu cobre três garrafas de uísque.

— Se você descobrir alguma coisa sobre uma joia importante desaparecida, Mick, eu lhe compro um; caixa. Vamos manter o contato.

Cade desligou o telefone e olhou feio para o computador. Homem e máquina simplesmente teriam de se entender para aquela pequena etapa da pesquisa.

Ele levou três vezes o tempo que estimou que uma criança de 12 anos levaria para inserir o CD, pesquisar e encontrar o que estava procurando.

Amnésia.

Cade bebeu uma outra xícara de café e aprendeu mais sobre o cérebro humano do que

jamais quisera saber. Por um pequeno momento desconfortável, temeu que Bailey tivesse um tumor. Que ele pudesse ter um, também. Sentiu uma profunda preocupação pessoal pelo estado de seu cérebro e entendeu melhor por que não tinha estudado medicina como sua mãe desejara.

O corpo humano, com todos os seus truques e bombas-relógio, era muito assustador. Preferia encarar uma arma carregada aos caprichos de seus próprios órgãos internos.

Finalmente, com algum alívio, concluiu que era improvável que Bailey tivesse um tumor. Todos os sinais apontavam para uma amnésia histórica, que poderia se resolver sozinha depois de algumas horas do trauma ou levar semanas. Meses. Ou mesmo anos.

O que os levava, pensou, de volta ao princípio. O prático CD que viera junto com seu computador indicava que amnésia era um sintoma, e não uma doença, e que o tratamento envolvia descobrir e remover a causa.

Era ali que ele entrava. Parecia a Cade que, para lidar com o problema de Bailey, um detetive era tão qualificado quanto um médico.

De volta ao computador, digitou suas anotações, questões e conclusões. Satisfeito, subiu a escada a fim de encontrar algumas roupas para Bailey.

Ela não sabia se era um sonho ou realidade... nem mesmo se era seu próprio sonho ou a realidade de outra pessoa. Mas era familiar, estranhamente familiar...

O quarto iluminado apenas pelo brilho suave do abajur. O elefante. Que estranho... o elefante parecia estar sorrindo para ela, a tromba erguida para dar sorte, os olhos azuis brilhando com um divertimento secreto.

Risada feminina... mais uma vez familiar, e tão reconfortante. Uma risada íntima, amigável.

Tem de ser Paris, Bailey. Não vamos passar duas semanas com você cavando na areia novamente. O que você precisa é de romance, paixão, sexo. O que precisa é de Paris.

Um triângulo, dourado e brilhante. E um quarto cheio de luz, brilhante, cegante. Um homem que não é um homem, com um rosto tão gentil, tão sábio, tão generoso que alegra a alma. E o triângulo dourado nas mãos dele, a oferta do objeto, seu poder atordoante, o impacto do rico tom de azul das pedras ali aninhadas, quase palpável. E as pedras reluzindo e pulsando como corações, e parecendo saltar no ar como estrelas... estrelas cadentes que espalham sua luz para todos os lados.

A beleza das pedras ofusca os olhos.

E ela as está segurando nas mãos, e suas mãos estão trêmulas. Uma onda de desespero a invade. Medo, pânico e fúria. As pedras caem de suas mãos, primeiro uma, depois duas, fugindo como pássaros engaiolados. E a terceira, ela segura contra o coração protegendo-a.

Um lampejo de prata, raios de prata lampejando. E o barulho ensurdecedor que faz o solo tremer. Sangue. Sangue para todo lado, como um rio terrível a se derramar.

Meu Deus, é molhado, tão vermelho e molhado e escuro...

Correria, tropeços, o coração disparando. Está escuro de novo. A luz se foi, as estrelas se foram. Há um corredor, e os saltos dela fazem um eco como o trovão que se segue ao raio. Está

vindo atrás dela, caçando-a no escuro enquanto as paredes se fecham mais e mais.

Ela pode ouvir o bramido do elefante e os raios se aproximando. Engatinhando para a caverna, ela se esconde como um animal, tremendo e chorando quando o raio vem em sua direção...

— Vamos, docinho. Acorde, querida. É só um pesadelo.

Ela saiu de seu lugar escuro e foi em direção à voz calma e firme, enterrando o rosto molhado e frio no ombro largo e sólido.

— Sangue. Tanto sangue! Raio. Está vindo... Está perto!

— Não, já passou. — Cade pressionou os lábios nos cabelos de Bailey, balançou-a. Quando entrara no quarto para lhe levar as roupas, ela estava chorando enquanto dormia. Agora, agarrava-se a ele, tremendo. Cade a colocou no colo como se fosse uma criança. — Você está segura agora. Eu juro.

— As estrelas. Três estrelas. — Anda entre o sonho e a realidade, ela se moveu irrequieta nos braços dele. — Preciso ir a Paris.

— Você foi. Estou bem aqui. — Ele inclinou a cabeça de Bailey para trás a fim de beijar-lhe a testa. — Bem aqui — repetiu, esperando que os olhos dela clareassem e recuperassem o foco. — Relaxe agora. Estou bem aqui.

— Não vá embora. — Com um rápido tremor, ela descansou a cabeça no ombro dele, exatamente como Cade imaginara. O disparo no coração foi imediato e arrasador.

Supôs que o amor à primeira vista estava destinado a acontecer.

— Não vou. Eu vou cuidar de você.

Apenas aquilo foi o bastante para fazê-la parar de tremer. Relaxou contra o corpo forte e fechou os olhos novamente.

— Foi apenas um sonho, mas era tão confuso, tão assustador. Não consegui entender nada.

— Então me conte.

Cade ouviu enquanto ela se esforçava para lembrar os detalhes, colocá-los em ordem.

— Havia muita emoção. Como ondas gigantes. Raiva, choque, uma sensação de traição e medo. E então o terror. Somente puro terror.

— Isso pode explicar a amnésia. Você não está pronta para lidar com o que aconteceu, então mistura as coisas. É um tipo de histeria de conversão.

— Histeria? — O termo a fez erguer o queixo. — Eu sou histérica?

— É uma maneira de falar. — Distraído, Cade acariciou aquele queixo erguido. — Parece ficar bem em você.

Num movimento firme e deliberado que o fez arquear a sobrancelha, Bailey empurrou a mão dele de seu rosto.

— Não me importo com o termo.

— Estou falando num sentido estritamente médico. Você não levou uma pancada na cabeça, certo?

Ela estreitou os olhos agora.

— Não que eu lembre, mas sou histérica, afinal de contas.

— Que gracinha. O que eu quis dizer foi que amnésia pode resultar de uma concussão. — Cade enrolou uma mecha dos cabelos de Bailey no dedo enquanto falava, somente para sentir a textura. — Sempre pensei que isso fosse bobagem ou coisa de Hollywood, mas a amnésia está muito bem definida no livro de medicina. Uma das outras causas é uma desordem nervosa funcional, tal como... perdoe o termo... histeria.

Bailey cerrou os dentes agora.

— Não sou histérica, embora tenha certeza de que posso ficar, se você insistir numa demonstração.

— Já tive diversas demonstrações. Tenho irmãs,

Bailey. — Ele segurou-lhe o rosto nas mãos num gesto tão apaziguador que ela arregalou os olhos. — Você está com problemas, esse é o ponto principal. E iremos resolver isso.

— Me segurando no seu colo?

— Esse é só um benefício extra. — Quando o sorriso de Bailey brilhou novamente e ela começou a tentar escapar, ele a segurou com mais força. — Eu gosto disso. Muito.

Ela podia ver mais do que divertimento nos olhos dele, alguma coisa que fez seu coração disparar.

— Não acho que é muito sábio da sua parte flertar como uma mulher quem não conhece sua própria identidade.

— Talvez não, mas é divertido. E lhe dará alguma outra coisa para pensar.

Bailey se descobriu incrivelmente encantada pelas covinhas no rosto de Cade, pelo jeito que a boca máscula se curvava nos cantos para produzir um sorriso lindo. Aquela seria uma boca incrível para um amante, rápida, ágil, cheia de energia. Podia imaginar muito bem como se encaixaria na sua.

Talvez porque não pudesse imaginar nenhuma outra boca, lembrar-se de nenhum outro gosto, de outra textura. E porque, de certo modo, ele seria o primeiro homem a beijá-la, uma onda de excitação lhe percorreu a coluna.

Cade inclinou-lhe a cabeça para trás, lentamente, desviando o olhar para os lábios dela e então de volta para os olhos. Podia imaginar aquilo perfeitamente, e podia jurar que haveria o crescendo de uma música acompanhando aquele primeiro toque de lábios.

— Você quer experimentar?

Um incrível desejo envolveu todo o corpo de Bailey, enfraquecendo-lhe os membros. Estava sozinha com um estranho no qual confiava sua vida. O homem que conhecia mais do que conhecia a si mesma.

— Não posso. — Ela pôs uma das mãos no peito largo, surpresa ao perceber que, embora o tom de voz de Cade fosse calmo, o coração estava batendo tão rapidamente quanto o seu. Por causa disso, podia ser honesta. — Estou com medo.

— Em minha experiência, beijar não é uma coisa assustadora, a menos que estejamos

falando sobre beijar a vovó Parris, o que seria de fato apavorante.

Aquilo a fez sorrir novamente, e desta vez, quando ela se moveu, Cade a liberou.

— Melhor não complicarmos ainda mais as coisas. — Com as mãos agitadas, Bailey penteou os cabelos para trás e desviou os olhos dele. — Eu gostaria de tomar um banho, se possível.

— Claro. Eu lhe trouxe um robe e uma calça jeans que você pode dobrar. O máximo que consegui improvisar como cinto foi uma corda de varal. Vai segurar a calça e se tornar um manifesto de originalidade na moda.

— Você é tão doce, Cade.

— É o que todas dizem. — Ele afastou os pensamentos de luxúria e se levantou. — Você pode ficar sozinha por uma hora? Preciso fazer algumas coisas.

— Sim, ficarei bem.

— Preciso que me prometa que não vai sair de casa, Bailey.

Ela ergueu as mãos.

— Para onde eu iria?

Ele tocou seus ombros gentilmente e esperou que o encarasse.

— Prometa que não vai sair de casa.

— Tudo bem. Prometo.

— Não vou demorar. — Cade foi para a porta e parou. — E, Bailey... Reflita sobre aquilo.

Ela viu o brilho nos olhos de Cade antes que ele se virasse, um brilho que não falava das circunstâncias que a haviam levado a ele. No momento em que foi para a janela, observou-o entrar no carro e partir, já estava pensando sobre aquilo. Sobre ele.

Uma outra pessoa estava pensando nela. Pensamentos sombrios, vingativos. Ela escapara como areia por entre seus dedos, e, com isso, lhe tirara o prêmio e o poder que ele mais cobiçava.

Já exigira um preço pela incompetência, mas não era nem de longe o bastante. Ela seria encontrada, e, quando isso acontecesse, pagaria um preço muito mais alto. Com a vida, certamente, mas isso era insignificante.

Antes, haveria dor, e muito medo. Isso o satisfaria.

O dinheiro que perdera não era nada, quase tão insignificante quanto a vida de uma mulher tola. Mas com ela estava aquilo de que ele precisava, o que lhe deveria pertencer. E ele tomaria de volta o que era seu.

Havia três. Individualmente, eram inestimáveis, mas juntas, o valor ia além da imaginação. Já dera dois passos para recuperar as duas que ela tolamente tentara esconder.

Levaria algum tempo, naturalmente, mas ele as teria de volta. Era importante tomar cuidado, ser cauteloso, ter certeza da recuperação e se manter pessoalmente distante de qualquer violência que viesse a ser necessária.

Contudo, em breve, duas partes do triângulo seriam suas, duas estrelas antigas, com todo o seu brilho, luz e poder.

Ele se sentou na sala que havia construído para seus tesouros, aqueles adquiridos, roubados ou tomados com sangue. Joias e pinturas, estátuas e peles preciosas, resplandecentes e cintilantes em sua caverna secreta de Aladim.

O altar que designara para aquilo que mais cobiçava estava vazio e esperando.

Mas em breve...

Ele teria as duas pedras, e, quando tivesse a terceira, seria imortal.

E a mulher estaria morta.

Era seu corpo no espelho, Bailey disse a si mesma, pensando que era melhor se acostumar com ele. No vidro embaçado, sua pele parecia clara e macia. Consciente de seu corpo, colocou uma das mãos sobre o peito.

Dedos longos, unhas curtas, seios relativamente pequenos. Os braços eram um tanto magros, notou, franzindo o cenho. Talvez devesse começar a pensar em se exercitar para ganhar alguns músculos.

Não havia excesso de gordura na cintura ou nos quadris, então talvez já fizesse algum tipo de ginástica. E suas coxas eram firmes e bem torneadas.

A pele era clara, sem marcas de bronzeamento.

Que altura tinha... aproximadamente 1,65m? Gostaria que fosse mais alta. Parecia que, afinal, se uma mulher ia começar a vida com vinte e poucos anos, deveria ser capaz de escolher seu tipo de corpo. Seios maiores e pernas mais longas seriam legais...

Divertida consigo mesma, girou e virou a cabeça para estudar a parte de trás do corpo. E ficou boquiaberta. Havia uma tatuagem em suas nádegas.

O que, pelo amor de Deus, fazia com uma tatuagem de um... era um unicórnio?... ali atrás? Era louca? Decorar o corpo era uma coisa, mas naquela região específica significava que expusera uma parte íntima de seu corpo a um estranho com uma agulha.

Será que ela bebia muito?

Levemente embaraçada, enrolou uma toalha no corpo e rapidamente deixou o banheiro.

Passou algum tempo ajustando a calça jeans e a camisa que Cade lhe deixara. Pendurou o vestido que tinha usado antes e alisou a colcha da cama. Então, suspirou e passou os dedos pelos cabelos úmidos.

Cade lhe pedira que ficasse na casa, mas não que permanecesse dentro do quarto. Ficaria nervosa novamente, pensando em sacolas de dinheiro, enormes diamantes azuis, assassinato e tatuagens se não encontrasse uma distração.

Saiu do quarto, percebendo que não se sentia desconfortável sozinha na casa. Supôs que isso era um reflexo de seus sentimentos em relação a Cade. Ele a deixava à vontade. Quase desde o primeiro minuto, ela havia sentido que podia conversar com Cade, contar com ele.

E imaginava que aquilo se devia ao fato de não ter conversado com mais ninguém, não ter ninguém em quem pudesse confiar.

Mas ele era um homem gentil, que tinha consideração. Uma pessoa inteligente e lógica, supunha. Caso contrário, não seria investigador particular. Tinha um sorriso lindo, repleto de divertimento, e olhos atentos. Possuía força nos braços e, pensou ela, força de caráter.

E covinhas que faziam seus dedos coçarem de vontade de percorrê-las em carícias.

O quarto de Cade. Bailey mordiscou o lábio quando parou à porta. Era falta de educação bisbilhotar. Imaginou se era rude, descuidada com os sentimentos e privacidade dos outros. Mas precisava de alguma coisa, qualquer coisa para preencher aqueles espaços em branco. E ele deixara a porta aberta.

Bailey atravessou a soleira.

Era um quarto maravilhosamente grande e tipicamente masculino. Jeans jogado sobre uma cadeira, meias no chão. Ela se deteve antes que pudesse pegá-las e procurar um cesto de roupas sujas. Moedas e alguns botões de camisa estavam sobre a cômoda. Uma linda cômoda antiga que, sem dúvida, continha vários fragmentos da vida de Cade.

Ela não abriu as gavetas, mas teve vontade.

A cama desfeita era grande, com uma cabeceira de madeira esculpida e bonita. Os lençóis amassados eram azul-marinho, e Bailey não pôde resistir a correr os dedos sobre eles. Provavelmente tinham o aroma de Cade... aquele perfume suave de menta.

Quando se pegou imaginando se ele dormia nu, um calor lhe subiu às faces, fazendo-a virar.

Havia uma lareira de tijolo e um consolo de pinho lustroso. Uma tola vaca de latão enfeitava o centro, e a fez sorrir. Diversos livros estavam desordenados sobre uma prateleira suspensa. Bailey estudou os títulos seriamente, imaginando quais daqueles livros teria lido. Cade tinha muitos livros policiais e de mistério, mas eram nomes familiares. Aquilo a fez se sentir melhor.

Sem pensar, pegou uma xícara suja de café e uma garrafa vazia de cerveja e carregou-as para baixo.

Não tinha prestado muita atenção na casa quando entrara. Tudo estivera tão nublado, tão distorcido em sua mente... Mas, agora, estudava as linhas simples e elegantes, as janelas longas e adoráveis com seus ornamentos clássicos, as antiguidades brilhantes.

O contraste entre a casa graciosa e o escritório de segunda classe a impressionou, fazendo-a franzir o cenho. Ela lavou a xícara na pia, achou o cesto de lixo reciclável para a garrafa e foi dar uma volta.

Demorou menos de dez minutos para chegar a uma conclusão. Cade era rico.

A casa era repleta de tesouros... tesouros que poderiam estar num museu. Disso tinha certeza absoluta. Podia não ter entendido o unicórnio em suas nádegas, mas entendia o valor de uma mesa de cerejeira entalhada, que era obviamente uma antiguidade. Não sabia dizer por quê.

Reconheceu vasos Waterford, prataria georgiana. A porcelana francesa Limoges na cristaleira da sala de jantar. E duvidava muito que a pintura de Turner fosse uma cópia.

Olhou por uma das janelas. Um gramado bem cuidado, velhas árvores majestosas, rosas desabrochadas. Por que um homem com tanto estilo escolhia trabalhar em um edifício decadente, num escritório pequeno e abafado?

Então Bailey sorriu. Aparentemente, Cade era um enigma tão grande quanto ela. E isso era um tremendo conforto.

Ela voltou para a cozinha, esperando ser útil fazendo um chá gelado ou preparando alguma coisa para o almoço. Quando o telefone tocou, Bailey saltou como um gato esquentado. A secretária eletrônica ligou, e a voz de Cade soou, acalmando-a novamente: "*Você ligou para 555-2396. Deixe seu recado que entrarei em contato.*"

— Cade, isso está ficando muito irritante. — A voz da mulher era impaciente. — Deixe-meia-dúzia de recados no seu escritório esta manhã. O mínimo que você podia fazer era ter a

consideração de ligar de volta. Sinceramente duvido que esteja assim tão ocupado com o que chama de "clientes" para não falar com sua própria mãe. — Sei muito bem que você não falou com Pamela a fim de combinar sobre esta noite. Isso me coloca numa posição muito embaraçosa. Estou indo para a casa de Dodie para jogar bridge. Pode me encontrar lá até as 4h. Não me envergonhe, Cade. A propósito, Muffy está muito aborrecida com você. Houve um clique decidido. Bailey se flagrou pigarreando. Era como se ela mesma tivesse recebido aquela bronca. O que a fez se perguntar se tinha uma mãe implicante, que esperava obediência. Que se preocupava com ela. Bailey encheu a chaleira, ligou o fogo, achou uma jarra. Estava procurando saquinhos de chá quando o telefone tocou novamente. — Cade, aqui é Muffy. Mamãe me disse que ainda não conseguiu encontrá-lo. É óbvio que você está evitando nossos telefonemas porque não quer encerrar seu próprio comportamento deplorável. Sabe muito bem que o recital de Camilla foi ontem à noite. O mínimo que podia ter feito era ter aparecido e fingido que tem alguma lealdade para com a família. Não que eu espere coisa melhor de você. Certamente espero que tenha a decência de ligar para Camilla e se desculpar. Eu me recuso a falar novamente com você até que faça isso. Clique.

Bailey suspirou, fez uma careta. Famílias, pensou, eram obviamente coisas difíceis e complexas de se ter. No entanto, talvez também tivesse um irmão que fosse tão, bem... tão desagradável e arrogante quanto Muffy.

Ela pôs a água para ferver e abriu a geladeira. Havia ovos, muitos deles. Aquilo a fez sorrir. Havia também fatias de presunto defumado, queijo suíço... e, quando descobriu tomates grandes e gordos, concluiu que possuía os ingredientes certos para um sanduíche.

Debateu internamente sobre a escolha entre mostarda e maionese por um tempo, e se o chá deveria ser adoçado ou não. Cada pequeno detalhe era como um tijolo na reconstrução de si mesma. Enquanto fatiava os tomates cuidadosamente, ouviu a porta da frente se abrir e se alegrou de imediato.

Mas, no momento em que começou a chamar, as palavras morreram na garganta. E se não fosse Cade? E se eles a tivessem encontrado? Sua mão apertou o cabo da faca enquanto ia para trás da porta da cozinha. O medo, profundo e descontrolado, a fez transpirar. O coração batia na garganta.

Correndo, fugindo daquele raio forte e cortante. No escuro, com a própria respiração gritando na sua cabeça. Sangue para todo lado.

Os dedos de Bailey se fecharam na maçaneta, a giraram, enquanto se preparava para uma luta.

Quando Cade entrou, Bailey gemeu de alívio. A faca caiu no chão quando ela se lançou nos braços dele.

— É você. É você...

— É claro que sou eu. — Ele sabia que devia se sentir culpado pelo fato do medo tê-la colocado em seus braços, mas era apenas humano. O aroma feminino e único era maravilhoso. — Eu disse que você está segura aqui, Bailey.

— Eu sei. Estava me sentindo segura. Mas, quando ouvi a porta, entrei em pânico por um minuto. — Ela a abraçou mais forte, imensamente grata por tê-lo ao seu lado. Inclinando a cabeça para trás, olhou-o. — Eu queria correr, fugir no momento em que ouvi a porta e pensei que pudesse ser uma outra pessoa. Detesto ser tão covarde e não saber o que devia fazer.

Pareço não conseguir... raciocinar.

Ela gaguejou, sentindo-se hipnotizada. Cade lhe acariciava o rosto enquanto a ouvia, os olhos intensos nos seus. Os braços de Bailey rodeavam a cintura dele, parecendo quase presos ali. A mão que lhe acariciara os cabelos agora segurava a base de seu pescoço, os dedos aplicando uma massagem gentil.

Cade esperou. Viu a mudança nos olhos dela. Então, sorriu, apenas o bastante para fazer o coração de Bailey disparar antes que ele abaixasse a cabeça e gentilmente lhe tocasse os lábios com os seus.

Oh, adorável... Foi o primeiro pensamento de Bailey. Era delicioso ser abraçada com tanta firmeza, ser saboreada tão carinhosamente. Aquilo era um beijo, aquele doce encontro de lábios que fazia seu sangue esquentar nas veias e a alma suspirar. Com um murmúrio baixinho, deslizou as mãos pelas costas de Cade e se colocou na ponta dos pés para satisfazer aquela exigência paciente.

Quando a língua de Cade traçou seus lábios, deslizou entre eles, Bailey tremeu de prazer. E se abriu para ele tão naturalmente quanto a rosa se abre para o sol.

Ele sabia que ela faria isso. De alguma maneira, soubera que Bailey seria ao mesmo tempo tímida e generosa, e que teria um sabor fresco, um aroma doce e alegre. Parecia impossível que a tivesse conhecido apenas algumas horas atrás. Parecia que a mulher que segurava em seus braços havia sido sua por toda uma vida.

E era emocionante, ardentemente excitante, saber que o seu era o primeiro beijo do qual ela se lembraria. Que era o único homem na mente e no coração de Bailey a abraçá-la daquela maneira, tocá-la daquela forma. Era o primeiro a fazê-la tremer, o seu seria o primeiro nome que ela murmuraria quando o desejo a percorresse.

E, quando Bailey murmurou seu nome, todas as outras mulheres que Cade abraçara na vida desapareceram. Ela era a primeira para ele.

Cade aprofundou o beijo gradualmente, ciente de que poderia machucá-la ou assustá-la com facilidade. Contudo, Bailey estava tão viva em seus braços, respondendo com tanta sede e ardor, o corpo tenso pulsando contra o seu...

Ela se sentia viva, brilhantemente viva, consciente de cada batida frenética do próprio coração. Suas mãos se haviam entrelaçado nos cabelos dele e estavam lá agora, como se pudesse puxá-lo para dentro de si. Cade estava preenchendo todos aqueles espaços vazios... todos aqueles vazios assustadores. Aquilo era a vida. Era real. Aquilo que importava.

— Devagar. — Ele mal acabou de falar a palavra e desejou fervorosamente que não o tivesse feito. Estava tremendo tanto quanto Bailey e sabia que, se não se afastasse, se não recuperasse um pouco do controle, a possuiria ali, naquele momento. — Devagar — repetiu, e pressionou a cabeça dela contra o seu ombro para que não ficasse tentado a lhe devorar os lábios maduros e desejosos.

Bailey vibrou contra ele, nervosismo e desejo se mesclando, os ecos das sensações lhe abalando o corpo.

— Não sei se alguma vez já foi assim. Simplesmente não sei.

Aquilo o levou de volta à realidade um tanto abruptamente demais. Ela não sabia, lembrou

a si mesmo. Ele sabia. Jamais fora daquela maneira para ele.

— Não se preocupe. — Ele a afastou e lhe massageou os ombros, novamente tensos. — Você sabe que este não foi um beijo comum, Bailey. Isso deve bastar por enquanto.

— Mas... — Ela mordiscou o lábio quando ele se virou e abriu a geladeira. — Eu fiz... estou fazendo chá gelado.

— Quero uma cerveja.

Bailey recuou ante o tom brusco.

— Você está zangado.

— Não. — Ele abriu a garrafa, tomou três longos goles. — Sim. Comigo mesmo, um pouco. Eu comecei isso, afinal de contas. — Abaixando a garrafa, estudou-a. Ela estava parada com os braços cruzados fortemente ao redor da cintura. A calça jeans dele estava larga nos quadris de Bailey, a camisa caindo nos ombros. Os pés estavam descalços, os cabelos embaralhados em volta dos ombros.

Parecia absolutamente indefesa.

— Vamos ser sinceros sobre isso, certo? — Cade se encostou no balcão para manter distância. — Eu senti o estalo no minuto que você entrou no meu escritório. Nunca me aconteceu antes, apenas um estalo... aí está ela. Achei que isso se devia ao fato de você ser bonita, estar com problemas e ter ido me procurar. Tenho certa atração por pessoas em apuros, especialmente por mulheres lindas.

Ele bebeu de novo, mais devagar desta vez, enquanto Bailey o observava seriamente, com grande atenção.

— Mas não é isso, Bailey, ou pelo menos isso não é tudo. Quero ajudá-la. Quero descobrir tudo sobre você tanto quanto você mesma. Mas também quero fazer amor com você, lentamente, muito lentamente, de modo que cada segundo pareça uma hora. E quando nós terminarmos de fazer amor e você estiver nua sob mim, quero começar tudo de novo.

Ela estava com os braços cruzados sobre o peito agora, para manter o coração descompassado no lugar.

— Oh — foi tudo que conseguiu murmurar.

— E é isso que vou fazer. Quando você estiver se sentindo um pouco mais firme e segura.

— Oh — disse ela novamente. — Bem. — Bailey pigarreou. — Cade, posso ser uma criminoso.

— Hã-hã. — Calmo novamente, ele inspecionou os ingredientes do sanduíche sobre o balcão.

— Então este é o almoço?

Ela estreitou os olhos. Que tipo de resposta era aquela de um homem que tinha acabado de lhe dizer que queria amá-la lentamente?

— Posso ter roubado muito dinheiro, matado pessoas, sequestrado uma criança inocente.

— Certo. — Cade colocou algumas fatias de presunto no pão. — Sim, você é uma criminoso sem limites, querida. Tem um brilho de assassina calculista nos olhos. — Então, rindo,

virou-se para ela.

— Bailey, pelo amor de Deus, olhe para si mesma. Você é uma mulher sofisticada e educada, com uma consciência do tamanho do Kansas. Sinceramente, duvido que tenha uma multa de trânsito em seu nome, ou que tenha feito algo mais louco do que cantar no chuveiro.

Aquilo a perturbou. Não podia ter dito por quê, mas a descrição branda de uma pessoa totalmente correta a ofendia.

— Tenho uma tatuagem nas nádegas. Cade largou o sanduíche que tinha montado.

— Como?

— Tenho uma tatuagem no traseiro — repetiu ela, com um brilho combativo nos olhos.

— Sério? — Ele mal podia esperar para ver. — Bem, então terei de entregá-la à polícia. Agora, se me disser que tem alguma coisa além de piercings nas orelhas, terei de pegar minha arma.

— Estou tão satisfeita por poder diverti-lo.

— Minha querida, você me fascina. — Cade se moveu para lhe bloquear o caminho antes que ela pudesse escapar. — Temperamento forte. Este é um bom sinal. Bailey não é uma pessoa fraca. — Ela deu um passo para a direita. Ele fez o mesmo. — Gosta de ovos mexidos com aneto e páprica, sabe fazer chá gelado, corta tomates em fatias muito precisas, e sabe dar um nó de marinheiro.

— O quê?

— Seu cinto — disse ele com um gesto descuidado. — Ela provavelmente foi escoteira ou gosta de andar de barco. A voz se torna fria quando fica irritada, tem um gosto excelente para roupas, morde o lábio inferior quando ficava nervosa... o que devo lhe avisar que me provoca desejo sem qualquer razão específica.

As covinhas dele se aprofundaram quando Bailey imediatamente parou de mordiscar o lábio e pigarreou.

— Ela mantém as unhas bem cortadas porque é prático — continuou Cade. — E pode beijar um homem apaixonadamente. Uma mulher interessante, nossa Bailey.

Ele lhe puxou os cabelos de leve num gesto amigável.

— Agora, por que não se senta, almoça, e vou lhe contar o que mais descobri. Quer mostarda ou maionese?

— Não sei. — Ainda aborrecida, Bailey se sentou numa cadeira.

— Eu quero mostarda. — Ele levou o pote para a mesa, juntamente com os recheios para o sanduíche dela. — Então, o que é?

Bailey passou mostarda no pão.

— O quê?

— A tatuagem. O que é?

Agora envergonhada, ela colocou o presunto sobre a mostarda.

— Não vejo a menor importância nisso.

— Ora, vamos. — Cade sorriu, inclinando-se para lhe tocar os cabelos novamente. — Uma borboleta? Um botão de rosa? Ou você é uma motoqueira disfarçada, com uma caveira e ossos cruzados escondidos sob meu jeans?

— Um unicórnio — murmurou ela. Cade mordeu a ponta da língua.

— Uma gracinha. — Ele a observou cortar o sanduíche em triângulos precisos, mas refreou-se de comentar.

Para se livrar do embaraço, Bailey mudou de assunto:

— Você ia me contar o que mais descobriu.

Uma vez que pintar imagens mentais de unicórnios provavelmente não faria nenhum bem à sua pressão sanguínea, Cade a deixou fugir do assunto.

— Certo. A arma não está registrada. Minha fonte ainda não conseguiu investigá-la. O cartucho está cheio.

— O cartucho?

— A arma estava completamente carregada, o que significa que não foi usada recentemente, ou foi recarregada.

— Não foi usada. — Ela fechou os olhos, deu um suspiro profundo de alívio. — Talvez eu não a tenha usado, afinal.

— Eu diria que é improvável que você tenha atirado. Usando observações atuais, não posso imaginá-la possuindo uma arma não registrada, mas se tivermos sorte na investigação, poderemos ter um cenário mais claro.

— Você já descobriu tanta coisa.

Cade gostaria de ter se deleitado naquela admiração calorosa, mas deu de ombros e mordeu um bom pedaço do sanduíche.

— A maioria das informações é negativa. Não houve relato de um roubo que envolva uma pedra como a que você está carregando, ou daquela quantidade de dinheiro. Nenhuma situação de sequestro ou refém na qual a polícia local esteja envolvida, e não se sabe de nenhum homicídio na última semana envolvendo o tipo de arma com que estamos lidando.

Ele tomou outro gole da cerveja.

— Ninguém informou o desaparecimento de uma mulher com a sua descrição na última semana, também.

— Mas como isso pode ser? — Ela pôs o sanduíche de lado. — Tenho a pedra. Tenho o dinheiro. E eu estou desaparecida.

— Existem possibilidades. — Cade manteve os olhos nos dela. — Talvez alguém não queira que a informação vaze. Bailey, você disse que acha que o diamante é apenas parte de um todo. E quando estava saindo do pesadelo, falou sobre três estrelas. Estrelas. Diamantes. Pode ser a mesma coisa. Você acha que há três dessas pedras?

— Estrelas? — Ela pressionou os dedos nas têmporas quando uma dor de cabeça começou. — Eu falei sobre estrelas? Não me lembro de nada sobre estrelas.

Era doloroso pensar naquilo, e por isso Bailey tentou se concentrar no que era lógico.

— Três pedras daquele tamanho e qualidade seriam incredivelmente raras. Como um conjunto, mesmo que as outras fossem inferiores à que possuo, se tornariam inestimáveis. Você não poderia começar a acessá-las... — A respiração se tornou ofegante, enquanto ela lutava por ar. — Não consigo respirar direito.

— Tudo bem. — Cade se levantou para que pudesse abaixar a cabeça de Bailey entre os joelhos, esfregar-lhe as costas. — É o bastante por ora. Apenas relaxe, não force mais.

Ele se perguntou, enquanto lhe acariciava as costas, o que Bailey tinha visto para colocar aquele tipo de terror cego nos olhos dela.

— Sinto muito — sussurrou ela. — Quero ajudar.

— Você está ajudando. Vai ajudar. — Cade a ajudou a se sentar novamente, esperando que ela afastasse os cabelos do rosto pálido. — Ei, só faz um dia, lembra?

— Certo. — Como ele não a fazia se sentir envergonhada de sua fraqueza, Bailey respirou fundo. — Quando tentei pensar, realmente pensar no que você estava perguntando, foi como um ataque de pânico, com todos os sentimentos de culpa, horror e medo se misturando. Minha cabeça começou a latejar, as batidas do coração aceleraram. Fiquei com falta de ar.

— Então iremos devagar. Não sente esse pânico quando falamos sobre a pedra que você tem?

Bailey fechou os olhos por um momento, cuidadosamente levando a imagem da pedra à mente. Era tão linda, tão extraordinária. Havia certa preocupação, sim, e um pouco de medo, também. Porém, a imagem era mais focada e menos debilitante.

— Não, não é o mesmo tipo de reação. — Ela meneou a cabeça, abriu os olhos. — Não sei por quê.

— Vamos trabalhar nisso. — Cade colocou o prato de volta diante dela. — Coma. Estou planejando uma noite longa, e você precisará de combustível.

— Que tipo de planos?

— Fui à biblioteca quando saí. Encontrei uma pilha de livros sobre pedras preciosas... coisas técnicas, fotos, livros sobre pedras raras, joias raras, a história dos diamantes, tudo em que puder pensar.

— Nós podemos achar a minha pedra. — A possibilidade a alegrou o bastante para fazê-la dar mais uma mordida no sanduíche. — Se pudéssemos identificar a pedra, poderíamos procurar o dono, e então... Oh, mas você não pode.

— Não posso, o quê?

— Trabalhar esta noite. Você precisa ir a algum lugar com Pamela.

— Preciso? Droga... — Ele pressionou os dedos nos olhos quando lembrou.

— Desculpe-me, esqueci de mencionar. Sua mãe ligou. Eu estava aqui, então ouvi o recado. Ela está aborrecida porque você não retornou as ligações ou contatou Pamela a fim de combinar sobre esta noite. Estará na casa de Dodie até às 4h. Você pode telefonar para lá. Muffy também está muito chateada. Ligou logo depois de sua mãe, e está triste porque você perdeu o recital de piano de Camilla. Ela disse que não vai falar com você até que se desculpe.

— Eu devo ter tanta sorte — murmurou ele, e deixou as mãos caírem ao lado do corpo. —

Seu resumo foi muito bom. Quer um emprego? — Quando Bailey apenas sorriu, Cade meneou a cabeça e teve uma ideia. — Não, estou falando sério. Você é muito mais organizada do que minha última secretária. Alguma ajuda no escritório viria a calhar, e você poderia se beneficiar com algo que a mantivesse ocupada.

— Nem mesmo tenho ideia se sei digitar.

— Eu, com certeza, não sei, portanto você já está um passo à frente. Consegue atender telefonemas, não consegue?

— É claro, mas...

— Você estaria me fazendo um grande favor. — Calculando as fraquezas de Bailey, ele se aproveitou. Aquele era um jeito perfeito de mantê-la perto, de mantê-la ocupada. — Eu preferia não perder tempo anunciando e entrevistando secretárias nesse momento. Se você puder me ajudar algumas horas por dia, eu ficaria muito grato.

Bailey pensou no escritório dele, decidindo que o lugar não precisava de uma secretária tanto quanto necessitava de uma boa limpeza. Bem, talvez pudesse ser útil, afinal de contas.

— Eu ficaria feliz em ajudar.

— Ótimo. Muito bom. Ouça, comprei algumas coisas para você enquanto estive fora.

— Coisas?

— Roupas e coisas assim.

Ela o fitou quando Cade se levantou e começou a tirar os pratos.

— Você comprou roupas para mim?

— Nada sofisticado. Tive de adivinhar os tamanhos, mas tenho um bom olho. — Ele a viu mordiscando o lábio de novo e quase suspirou. — Apenas algumas peças básicas, Bailey. Por mais bonita que você fique com minhas roupas, precisa das suas, e não pode usar o mesmo traje todos os dias.

— Não, suponho que não — murmurou ela, emocionada por ele ter pensado naquilo. — Obrigada.

— De nada. Parou de chover. Sabe o que seria bom para você? Um pouco de ar fresco. Vamos dar uma caminhada, clarear sua cabeça.

— Não tenho sapatos. — Ela pegou os pratos que Cade tinha deixado sobre o balcão e os colocou na lava-louça.

— Comprei um par de tênis. 36?

Com uma risada, ela guardou o presunto.

— Não tenho a menor ideia.

— Vamos experimentar e ver.

Bailey empurrou a prateleira da lava-louça e fechou a porta.

— Cade, você realmente precisa ligar para sua mãe.

Ele sorriu amplamente.

— Hã-hã.

— Eu lhe disse que ela está aborrecida com você.

— Ela está sempre aborrecida comigo. Sou a ovelha negra da família.

— Mesmo assim. — Bailey umedeceu um pano e metodicamente limpou os balcões. — Ela é sua mãe e está esperando seu telefonema.

— Não, ela está esperando para tentar me obrigar a fazer algo que não quero fazer. E quando não faço alguma coisa, ela liga para Muffy, minha irmã diabólica, e as duas se divertem muito me desmoralizando.

— Isso não é jeito de falar de sua família. E você magoou os sentimentos de Camilla. Suponho que seja sua sobrinha.

— Há rumores.

— A filha de sua irmã.

— Não, Muffy não tem filhos, tem criaturas. E Camilla é uma mutante chorona de rosto rechonchudo.

Bailey se recusou a sorrir, lavou o pano, pendurou-o sobre o suporte.

— Essa é uma maneira deplorável de falar sobre sua sobrinha, mesmo que você não goste de crianças.

— Eu gosto de crianças. — Divertindo-se agora, Cade se apoiou contra o balcão e observou-a organizar as coisas na cozinha. — Estou lhe dizendo, Camilla não é humana. Agora, minha outra irmã, Doro, tem dois filhos e, de alguma forma, o mais novo escapou da praga dos Parris. Ele é um ótimo garoto, gosta de beisebol e insetos. Doro acha que ele precisa de terapia.

A risada escapou antes que Bailey pudesse reprimi-la.

— Você está inventando isso.

— Querida, acredite em mim, nada que eu pudesse inventar sobre o clã Parris chegaria perto da terrível verdade. Eles são egoístas, prepotentes e mimados. Você vai limpar o chão agora?

Ela conseguiu fechar a boca, que se abriu diante da condenação descuidada que ele fazia da própria família. Distraída, olhou para o piso cor de marfim.

— Oh, certo. Onde está...

— Bailey, estou brincando. — Cade pegou-lhe a mão e tirou-a da cozinha no exato instante em que o telefone começou a tocar. — Não — disse ele, antes que ela pudesse abrir a boca. — Eu não vou atender.

— Isso é vergonhoso.

— É autopreservação. Nunca aceitei essa relação com Pamela, e não serei pressionado a fazer isso.

— Cade, não quero que você aborreça sua família e falte a um compromisso por minha causa. Vou ficar bem.

— Eu disse que não marquei o compromisso. Minha mãe marcou. E agora, quando tiver de

enfrentar isso, posso usar você como uma desculpa. Estou grato. Tão grato que vou descontar um dia inteiro de serviço de quem tiver de me pagar: Aqui. — Ele pegou uma das sacolas de compras que deixara perto da porta da frente e tirou uma caixa de sapatos de dentro. — Seus sapatos de cristal. Se servirem, você poderá ir ao baile.

Desistindo, Bailey se sentou no primeiro degrau da escada e abriu a caixa. Arqueou as sobrancelhas.

— Tênis vermelho?

— Gostei. É sexy.

— Tênis sexy. — E Bailey se perguntou, enquanto abria o cadarço, como podia estar tão absolutamente confusa e encantada com um par de tênis bobo. Eram exatamente do tamanho de seus pés, e, por alguma razão, aquilo a fez querer rir e chorar ao mesmo tempo. — Perfeito.

— Eu lhe disse que tinha um bom olho. — Cade sorriu quando ela amarrou o cadarço com cuidado, deixando as pontas exatamente iguais dos dois lados. — Eu tinha razão. Muito sexy. — Ajudou-a a se levantar. — Na verdade, você está uma figura muito interessante agora.

— Com certeza estou, quando a única coisa que me serve são os sapatos. — Bailey começou a ficar na ponta dos pés para lhe dar um beijo no rosto, e rapidamente mudou de ideia.

— Covarde — disse ele.

— Talvez. — Ela estendeu a mão em vez disso. — Eu realmente adoraria caminhar um pouco. — Passando pela porta que ele abrira, fitou-o. — Então, essa Pamela é bonita?

Cade considerou, então decidiu que a verdade lhe podia ser vantajosa.

— Maravilhosa. — Ele fechou a porta, passou um braço ao redor da cintura de Bailey. — E ela me quer.

O pequeno murmúrio de lamento na resposta de Bailey levou um sorriso satisfeito aos lábios de Cade.

Quebra-cabeças o fascinavam. Localizar peças, embaralhá-las, tentar novos ângulos até que se encaixassem, era um desafio que sempre o satisfizera. Era um dos motivos pelos quais Cade fora contra tradições familiares e escolhera essa linha de trabalho em particular.

Havia rebeldia suficiente nele para que escolhesse qualquer atividade que negasse as tradições familiares, mas abrir sua própria agência de investigação trouxera o benefício de fazer suas próprias suposições, solucionar enigmas e endireitar algumas coisas erradas pelo caminho.

Possuía opiniões muito definidas sobre certo e errado. Havia pessoas boas e ruins, havia lei e crime. Contudo, não era ingênuo ou simplista o bastante para não entender e apreciar pequenas violações da lei. Na verdade, violava algumas leis insignificantes quando necessário. Mas havia certas linhas que não cruzava.

Também tinha uma mente lógica que ocasionalmente dava voltas recreativas no mundo imaginário.

Acima de tudo, simplesmente amava desvendar mistérios.

Tinha passado bastante tempo na biblioteca depois de deixar Bailey naquela manhã, examinando folhas de microfibra, procurando por algum fragmento de notícia sobre um diamante azul roubado. Não tivera coragem de apontar a Bailey que eles não tinham ideia de onde ela viera. Podia ter viajado para Washington de qualquer lugar durante os últimos dias.

O fato de que ela, o diamante e o dinheiro estavam lá agora não significava que era onde haviam começado. Nenhum dos dois tinha a menor ideia de quanto tempo fazia desde que Bailey perdesse a memória.

Cade tinha estudado mais sobre amnésia, mas não encontrara nada particularmente útil. Pelo que entendia, qualquer coisa poderia lhe despertar a memória, ou isso talvez não acontecesse, com a nova vida de Bailey começando um pouco antes de ela ter entrado na sua.

Ele não tinha dúvida de que ela passara por um trauma ou testemunhara alguma coisa traumática. E, apesar de isso poder ser considerado uma daquelas suas viagens ao mundo imaginário, estava certo de que Bailey era inocente de qualquer delito.

Como uma mulher com olhos castanhos tão doces poderia ter cometido algum crime?

Quaisquer que fossem as respostas, Cade estava decidido... pretendia protegê-la. Estava até mesmo pronto a aceitar o simples fato de que tinha se apaixonado no momento em que a vira. Quem quer que Bailey fosse, era a mulher pela qual ele vinha esperando.

Então, não pretendia apenas protegê-la... planejava ficar com ela para si.

Cade tinha escolhido sua primeira esposa por todas as razões lógicas e tradicionais. Ou, pensou, fora manipulado... cautelosamente... por seus sogros, e também por sua própria família. E aquela união sem sentimento havia sido um desastre em toda sua racionalidade.

Desde o divórcio... que desequilibrara todos, exceto os dois maiores interessados... ele vinha evitando compromissos com impressionante habilidade.

Acreditava que a razão para tudo isso estava sentada de pernas cruzadas sobre o tapete ao seu lado, olhando, muito de perto, para um livro de pedras preciosas.

— Bailey, você precisa de óculos.

— Humm? — Ela estava praticamente com o nariz encostado na página.

— É só uma suposição, mas eu diria que você geralmente usa óculos para leitura. Se seu rosto chegar mais perto desse livro, você vai cair nele.

— Oh. — Ela piscou, esfregou os olhos. — É que as letras são terrivelmente pequenas.

— Não. Não se preocupe, cuidaremos disso amanhã. Já estamos nisso há algumas horas. Quer uma taça de vinho?

— Acho que sim. — Mordiscando o lábio inferior, ela se esforçou para focar o texto. — A estrela da África é o maior diamante conhecido, de 530.2 quilates.

— Parece enorme — comentou Cade enquanto escolhia uma garrafa de Sancerre que estava guardando para a ocasião certa.

— Está fixada no cetro real britânico. É muito grande, e não é um diamante azul. Até agora, não encontrei nada parecido com a nossa pedra. Eu gostaria de ter um refratômetro.

— Um o quê?

— Um refratômetro — repetiu ela, mexendo nos cabelos. — É um instrumento que mede a propriedade característica de uma pedra. O índice refrativo. A mão de Bailey parou quando ele a observou.

— Como sei disso?

Carregando duas taças, Cade se sentou no chão, novamente ao lado dela.

— O que é um índice refrativo?

— É a habilidade relativa para refratar a luz. Diamantes refratam uma única vez. Cade, não entendo como sei disso.

— Como você sabe que não é uma safira? — Ele pegou a pedra de onde estava, como um peso de papel sobre suas anotações. — Certamente me parece uma.

— Safiras têm dupla refração. — Ela deu de ombros. — Sou uma ladra de joias. Deve ser por isso que sei.

— Ou você é joalheira, uma especialista em pedras preciosas, ou uma garota muito rica que gosta de brincar com bugigangas. — Ele entregou-lhe uma taça. — Não tire conclusões precipitadas, Bailey. É assim que você perde os detalhes.

— Tudo bem. — Mas já tinha uma imagem de si mesma vestida de preto, escalando janelas de um segundo andar. — Eu só gostaria de entender por que me lembro de certas coisas. Refratômetros, *O Falcão Maltês*...

— *O Falcão Maltês*?

— O filme... Bogart, Mary Astor. Você tinha o livro no seu quarto, e o filme veio direto à minha mente. E rosas. Sei qual é o cheiro delas, mas não sei qual é o meu perfume favorito. Sei o que é um unicórnio, mas não imagino por que tenho a tatuagem de um.

— Um unicórnio. — Ele sorriu, as covinhas aparecendo. — Símbolo da inocência.

Bailey ignorou o comentário e bebeu o resto de seu vinho rapidamente. Cade lhe passou a

própria taça e se levantou para encher mais uma.

— E havia uma música tocando na minha cabeça enquanto eu estava no banho. Não sei o que é, mas não conseguia me livrar daquilo. — Ela tomou outro gole, franziu as sobrancelhas em concentração e começou a cantarolar.

— "Ode à Alegria", de Beethoven — ele a informou. — Beethoven, Bogart e uma fera mítica. Você continua me fascinando, Bailey.

— E que tipo de nome é Bailey? — perguntou ela, gesticulando expansivamente com as mãos. — É meu sobrenome ou meu primeiro nome? Quem daria o nome de Bailey a uma criança? Eu preferia ser Camilla.

Cade sorriu de novo, se perguntando se deveria tirar o vinho da mão dela.

— Não, você não preferia. Acredite em mim. — Ela soprou os cabelos dos olhos e fez um biquinho. — Fale-me sobre diamantes.

— Eles são os melhores amigos de uma garota. — Ela riu. Então, sorriu para ele. — Eu inventei isso?

— Não, querida, você não inventou. — Gentilmente, Cade tirou o copo com vinho pela metade da mão dela e colocou-o de lado. Anotação mental, pensou... Bailey era fraca para bebidas alcoólicas.

— Conte-me o que sabe sobre diamantes.

— Eles brilham e reluzem. Parecem frios, e são realmente frios quando você os toca. É assim que se pode identificar vidro querendo se passar por diamante. Vidro é quente, diamantes são frios. Isso porque são excelentes condutores de calor. Fogo frio.

Ela se deitou de costas, esticando-se como uma gata, e fazendo a boca de Cade aguar. Bailey fechou os olhos.

— É a substância mais resistente conhecida, com um valor dez na escala de Mohs. Todas as pedras de diamante são diamantes brancos. Uma cor amarelada ou marrom é considerada uma imperfeição.

Meu Deus, pensou ela, e suspirou, sentindo a cabeça girar.

— Diamantes azuis, verdes ou vermelhos são muito raros e altamente valorizados. A cor é causada pela presença de elementos secundários em vez de carbono puro.

— Ótimo. — Ele estudou seu rosto, os lábios curvados num sorriso, os olhos fechados. Ela podia estar falando de um grande amor. — Continue.

— Em gravidade específica, diamantes variam entre 3.15 e 3.53, mas o valor para cristais puros é quase sempre 3.52. Você precisa de brilho e fogo — murmurou ela, esticando-se preguiçosamente de novo.

Apesar de suas boas intenções, o olhar de Cade foi para os seios dela... pequenos, firmes, pressionados contra o tecido da camisa.

— Sim, aposto que sim.

— Diamantes não lapidados possuem um brilho oleoso, mas quando lapidados, oh, eles resplandecem. — Bailey virou-se de bruços, dobrou as pernas no ar e cruzou os tornozelos. —

Isso é tecnicamente caracterizado como adamantino. O nome diamante é derivado da palavra grega adamas, significando "invencível". Há tanta beleza e força...

Ela abriu os olhos novamente. Estavam pesados e nublados. Movimentou-se, balançando as pernas até que estivesse sentada, praticamente no colo dele.

— Você é incrivelmente forte, Cade. E tão bonito... Quando me beijou, foi como se pudesse me devorar, e não pude fazer nada quanto a isso. — Ela suspirou, balançou um pouco o corpo para ficar confortável, então confessou. — Eu gostei muito.

— Oh, Deus. — Cade sentiu o sangue começar sua jornada lenta e preguiçosa da cabeça aos quadris, e cautelosamente cobriu ambas as mãos que Bailey colocou sobre seu peito. — Melhor trocar o vinho por café.

— Você quer me beijar de novo.

— Quase tanto quanto quero continuar a respirar. — A boca de Bailey estava madura, desejosa e próxima. Os olhos, sonhadores e escuros. — Vamos apenas reprimir esse desejo.

Gentilmente, começou a afastá-la para trás, mas Bailey estava subindo o resto do caminho para seu colo. Num movimento ágil e suave, acomodou-se e envolveu as pernas ao redor da cintura dele.

— Eu não acho... Ouça... — Para uma donzela em perigo, ela tinha algumas jogadas muito inteligentes. Cade conseguiu segurar-lhe as mãos habilidosas novamente antes que Bailey lhe tirasse a camisa. — Pare com isso. Estou falando sério.

Ele falava realmente sério, percebeu, e aceitou a constatação de que era insano.

— Você acha que eu seria boa na cama? — A pergunta quase fez os olhos de Cade saltarem e a língua se enrolar. Bailey, por sua vez, apenas suspirou, colocou a cabeça sobre o ombro dele e murmurou: — Espero que eu não seja frígida.

— Não acho que haja muita chance disso. — A pressão sanguínea de Cade subiu enquanto ela lhe mordiscava o lóbulo da orelha delicadamente. As mãos de Bailey deslizaram para baixo de sua camisa com um leve roçar das unhas.

— Você tem um gosto tão bom — notou ela em aprovação, os lábios movendo-se pelo pescoço dele. — Estou terrivelmente excitada. Você está excitado?

Praguejando, Cade virou a cabeça, capturou-lhe a boca e beijou-a com loucura.

O sabor dela era maravilhoso, e seu corpo pulsava de calor. Ele se permitiu mergulhar nas sensações, se perdendo na boca quente e deliciosa, enquanto os pequenos gemidos que Bailey emitia o enlouqueciam de desejo.

Ela era flexível, leve... e se rendia a ele. Quando inclinou a cabeça para trás, oferecendo o pescoço, nenhum santo na Terra poderia ter resistido. Cade roçou os dentes sobre a pele alva, ouviu-lhe o gemido de prazer, sentiu-a mover-se contra ele num convite.

Poderia tê-la amado, simplesmente deitando-a sobre os livros e papéis, e possuído Bailey. Quase podia sentir aquela gloriosa fricção, um ritmo que seria dos dois e somente dos dois.

Por mais que soubesse que aquilo seria certo, que seria perfeito, também sabia que não podia. Não naquele momento, não ali.

— Eu nunca quis ninguém como quero você. — Cade entrelaçou a mão nos cabelos de

Bailey, virou-lhe a cabeça até que os olhos deles se encontrassem. — Que coisa, olhe para mim.

Ela não podia ver qualquer outra coisa. Não queria nenhuma outra coisa. Seu corpo parecia leve como o ar, a mente vazia de tudo, exceto dele.

— Beije-me novamente, Cade. É como um milagre quando você me beija.

Rezando, implorando por forças, ele baixou a testa até a dela para que pudesse regularizar a respiração.

— Da próxima vez que eu beijá-la, você vai saber exatamente o que está acontecendo. — Ele se levantou e a ergueu nos braços.

— Minha cabeça está girando. — Rindo, ela deixou a cabeça cair no braço dele.

— A de quem não está? — Com o que considerava um controle realmente heroico, Cade a deitou no sofá. — Durma um pouco.

— Está bem. — Obedientemente, Bailey fechou os olhos. — Você vai ficar aqui? Sinto-me segura quando você está aqui.

— Sim, ficarei aqui. — Cade passou as mãos pelos cabelos e observou-a adormecer. Eles iriam rir daquilo algum dia, pensou. Talvez quando tivessem netos.

Deixando-a dormir, ele voltou ao trabalho.

...Ela estava cavando na areia. O sol parecia uma bola de fogo num céu cor de safira. A terra ao redor era rochosa e colorida por sombras marrons, vermelhas e cor de lavanda. Forte e pungente era o aroma de salvas dos arbustos verde-claros, saindo com esforço das fendas da terra. Com pá e martelo, Bailey continuava seu trabalho alegremente.

Sob a sombra estreita de uma rocha, duas mulheres estavam sentadas, observando-a. Seu senso de contentamento era forte, e se tornou mais forte ainda quando olhou para cima e sorriu para as mulheres.

Uma delas tinha cabelos curtos que brilhavam como cobre, e uma expressão astuta de raposa no rosto. E, embora os olhos estivessem cobertos por óculos escuros, Bailey sabia que eram muito, muito verdes.

A outra tinha cabelos cor de ébano, apesar de estarem sob um chapéu de palha de aba larga, com tolas flores vermelhas ao redor. Soltos, os cabelos espessos e ondulados chegariam à altura da cintura. O que combinava com o rosto mágico dela, a pele alva e os olhos impossivelmente azuis.

Bailey sentiu uma onda de amor só de olhar para elas, um elo de confiança e uma sensação de vidas compartilhadas. As vozes das duas mulheres eram como música, uma canção distante da qual ela só podia ouvir pedaços.

Eu tomaria uma cerveja gelada.

Qualquer coisa gelada.

Quanto tempo você acha que ela vai ficar cavando? Pelo resto de nossas vidas. Paris no próximo verão. Definitivamente.

Tirá-la de perto das rochas por tempo o bastante.

E do solo.

Definitivamente.

Saber que estavam falando dela, que se preocupavam o suficiente para falar dela, fez Bailey sorrir. Iria a Paris com elas. Mas, por enquanto, cavava, esperando encontrar alguma coisa que valesse a pena, algo que pudesse levar dali para um estudo, e então transformar em uma joia bonita para suas amigas.

Eram necessários paciência e um bom olho. Qualquer coisa que achasse hoje, compartilharia com elas.

Então, subitamente, as pedras azuis praticamente caíram em sua mão. Três diamantes azuis perfeitos, de tamanho e brilho espetaculares. E foi com prazer, em vez de choque, que Bailey os examinou, girou-os nas palmas, e sentiu a incrível onda de poder dominar seu corpo.

Uma tempestade veio rapidamente e com força total, bloqueando o sol, escurecendo o céu e cobrindo a paisagem. Agora havia pânico, uma enorme necessidade de se apressar. Apressar, apressar. Uma pedra para cada uma delas, antes que fosse tarde demais. Antes do raio.

Mas já era tarde demais. Os raios perfuravam a pele, cortantes como uma faca, e ela corria, corria cegamente. Sozinha e apavorada, com as paredes se fechando e os raios batendo em seus calcanhars...

Bailey acordou com a respiração ofegante, sentando-se ereta no sofá. O que tinha feito? Deus, o que tinha feito? Balançando o corpo, as mãos pressionadas contra a boca, esperou que os tremores parassem.

A sala estava silenciosa. Não havia trovões, não havia raios ou tempestades a persegui-la. E não estava sozinha. Do outro lado da sala, sob a iluminação de um lustre no teto, Cade estava adormecido numa cadeira, um livro aberto sobre o colo.

O mero fato de vê-lo ali a acalmou. Os papéis estavam espalhados aos pés dele, uma xícara na mesinha ao lado. As pernas estavam estendidas à frente, cruzadas confortavelmente nos tornozelos.

Mesmo dormindo, ele parecia forte, confiável. Cade não a deixara sozinha. Ela teve de lutar contra a vontade de ir sentar no colo dele e voltar a dormir, aninhada ao corpo forte. Ele mexia com suas emoções de uma maneira impressionante. Não importava que Bailey o conhecesse há menos de 24 horas. Afinal de contas, não conhecia a si mesma por muito mais tempo.

Passando a mão pelos cabelos, olhou para seu relógio. Passavam das três da manhã... um horário vulnerável. Estendendo o corpo novamente, apoiou a cabeça nas mãos e observou-o. Suas lembranças da noite eram claras o bastante, sem brancos, sem vazios. Sabia que tinha tentado seduzi-lo, o que tanto a embarçava quanto a divertia.

Ele estivera certo de parar antes que as coisas saíssem de controle. Ela sabia que esse era o certo.

Mas, oh, desejava que Cade a tivesse amado ali, no chão. Antes que ela tivesse todo esse tempo para pensar no que era certo ou errado, nas consequências.

Ele teria preenchido um pouco do vazio que ela sentia em seu interior, satisfeito algumas daquelas necessidades indefinidas.

Suspirando, deitou-se de costas e olhou para o teto. Mas Cade fizera bem em parar. Ela

precisava pensar.

Bailey fechou os olhos, não para dormir, mas para dar boas-vindas às lembranças. Quem eram as mulheres com quem tinha sonhado? E onde estavam agora? Apesar de seus esforços, adormeceu.

Cade acordou todo dolorido na manhã seguinte. Ossos estalaram quando alongou o corpo. esfregou as mãos no rosto e sentiu os pelos da barba por fazer. No momento em que os olhos clarearam, olhou ao redor. O sofá estava vazio.

Ele teria pensado que sonhara com Bailey, não fosse pelos livros e papéis espalhados pelo chão.

Tudo parecia um sonho... a mulher linda e em apuros, sem passado, entrando em sua vida e no seu coração ao mesmo tempo. Na luz da manhã, ele se perguntou o quanto estava sendo romântico, sentindo aquela conexão profunda com Bailey. Amor à primeira vista era apenas uma ideia romântica na melhor das hipóteses.

E aquela era dificilmente a melhor das hipóteses.

Ela não precisava que ele a ficasse desejando, lembrou a si mesmo. Precisava da mente clara de Cade. Sonhar acordado com o jeito como ela se aninhara ao seu corpo e lhe pedira que a amasse simplesmente não levava a um pensamento muito lógico.

Ele precisava de café.

Cade se levantou e, tentando aliviar a tensão do pescoço, se dirigiu para a cozinha.

E lá estava ela, bonita como um quadro. Os cabelos brilhantes, com mechas douradas, estavam puxados para trás e presos por um simples elástico. Usava uma calça listrada de azul-marinho e branco que ele lhe comprara, com uma blusa branca. Com uma das mãos descansando sobre o balcão e a outra segurando uma xícara quente, Bailey olhava, pela janela, para o quintal, onde uma rede ficava pendurada entre árvores gêmeas, e onde rosas floresciam.

— Você acorda cedo.

A mão dela tremeu em reação à voz profunda. Então, Bailey se virou, esboçando um sorriso. Seu coração bateu um pouco mais acelerado quando o viu, despenteado pelo sono.

— Eu fiz café. Espero que não se importe.

— Querida, eu lhe devo a minha vida — disse ele num tom sincero enquanto pegava uma caneca.

— Parece que sei fazer café. Parece que algumas coisas acontecem naturalmente. Nem precisei pensar nisso. Está um pouco forte. Devo gostar de café forte.

Cade já estava bebendo, saboreando o líquido quente e o efeito da cafeína em seu organismo.

— Perfeito.

— Ótimo. Eu não sabia se deveria acordá-lo. Não tinha certeza de que horas você vai para o escritório ou de quanto tempo precisa para se arrumar.

— Hoje é sábado, e temos o fim de semana prolongado pelo feriado.

— Feriado?

— Quatro de julho. — Enquanto a cafelina fazia seu trabalho, ele largou a xícara. — Fogos de artifício, salada de batatas, bandas e paradas.

— Oh. — Bailey teve um flash de uma garotinha sentada no colo de uma mulher; enquanto luzes explodiam no céu noturno. — É claro. Você vai tirar o fim de semana de folga. Deve ter planos.

— Sim, tenho planos. Planejo que nós dois passemos no meu escritório no meio da manhã. Posso lhe mostrar como estão as coisas por lá. Não seremos capazes de fazer muito trabalho de campo hoje, com tudo fechado, mas podemos começar a organizar o local.

— Não quero que você abra mão de seu fim de semana. Eu ficaria feliz em ir ao seu escritório e organizar tudo por lá, e você pode...

— Bailey. Estou nisso com você.

Ela pôs a caneca sobre o balcão e juntou as mãos.

— Por quê?

— Porque isso me parece certo. Da maneira que vejo, você não pode entender as coisas racionalmente, fazendo tudo por instinto. — Aqueles olhos da cor do mar passearam pelo rosto de Bailey e se fixaram nos dela. — Gosto de pensar que existe uma razão pela qual você me escolheu. Para nós dois.

— Fico surpresa que você possa dizer isso depois da forma que agi ontem à noite. Por tudo que sabemos, posso ir a bares todas as noites e escolher homens estranhos.

Cade riu com a caneca na boca. Era melhor rir, decidiu, do que gemer.

— Bailey, do jeito que um único copo de vinho afeta você, duvido que passe muito tempo em bares. Nunca vi alguém ficar alterada pela bebida tão rapidamente.

— Não acho que isso seja motivo de orgulho. — A voz dela tinha se tornado áspera e fria, fazendo-o querer sorrir novamente.

— Não é nada para se envergonhar, também. E você não escolheu um homem estranho, escolheu a mim. — O divertimento nos olhos de Cade desapareceu. — Ambos sabemos que era algo pessoal, com ou sem álcool.

— Então, por que você não... se aproveitou?

— Porque isso é tudo que eu teria feito. Não me importo de ter a vantagem, mas não estou interessado em usá-la. Quer café da manhã?

Bailey meneou a cabeça, esperou até que ele pegasse uma caixa de cereais e uma cumbuca.

— Aprecio sua contenção.

— Verdade?

— Não inteiramente.

— Ótimo. — Cade sentiu os músculos de seu ego se expandirem e flexionarem, enquanto pegava leite da geladeira. Despejou o leite, então adicionou açúcar o bastante para fazer Bailey

arregalar os olhos.

— Isso não pode ser saudável.

— Vivo para os riscos. — Ele comeu em pé. — Mais tarde, pensei em dirigirmos até o centro da cidade, passear no meio dos turistas. Talvez você veja alguma coisa que desperte sua memória.

— Tudo bem. — Ela hesitou, então pegou uma cadeira. — Não sei nada sobre seu trabalho, sobre sua clientela usual. Mas me parece que você está lidando com tudo isso com muita calma.

— Adoro um mistério. — Ele deu de ombros e comeu mais de seus cereais. — Você é meu primeiro caso de amnésia, se é isso que quer dizer. Meu trabalho geralmente é sobre fraudes de seguro e casos domésticos. Tem seus momentos.

— Você é investigador há muito tempo?

— Quatro anos. Cinco, se você contar o ano que estagiei como detetive na Guardian. Eles são uma grande firma de segurança aqui em Washington. Eu tinha de trabalhar de terno e gravata. Prefiro trabalhar por conta própria.

— Você já precisou... atirar em alguém?

— Não. Uma pena, realmente, porque sou um ótimo atirador. — Ele a viu mordendo o lábio e meneou a cabeça. — Relaxe, Bailey. Policiais e detetives particulares pegam bandidos o tempo todo sem sacar suas armas. Já dei alguns socos, levei outros, mas a maior parte é trabalho de campo, rotina e telefonemas. Seu problema é apenas mais um quebra-cabeça. É só uma questão de achar todas as peças e encaixá-las.

Bailey esperava que ele estivesse certo, esperava que aquilo pudesse ser tão simples e tão lógico.

— Tive um outro sonho. Havia duas mulheres. Eu as conhecia, tenho certeza disso. — Quando Cade puxou uma cadeira e sentou-se diante dela, Bailey lhe contou o que lembrava.

— Parece que você estava no deserto — disse ele no momento que ela ficou silenciosa. — Arizona, talvez Novo México.

— Não sei, mas eu não estava com medo. Estava feliz, muito feliz. Até que a tempestade chegou.

— Havia três pedras, tem certeza disso?

— Sim, quase idênticas, mas não exatamente. Estavam em minhas mãos, e eram tão lindas, tão extraordinárias. Mas eu não podia mantê-las juntas. — Ela suspirou. — Não sei o quanto do conteúdo era real e o quanto era simbólico, como os sonhos são.

— Se uma pedra é real, deve haver mais duas. — Cade pegou-lhe a mão. — Se uma mulher é real, pode haver mais duas. Precisamos apenas encontrá-las.

Já passavam das dez horas quando eles entraram no escritório de Cade. O espaço sujo e abarrotado a impressionava ainda mais agora, depois de ter visto como ele vivia. Mas ouviu atentamente enquanto Cade tentava explicar como usar o computador a fim de digitar anotações, como achava que o arquivamento devia ser feito, como lidar com o telefone e interfone.

Quando ele a deixou sozinha para se fechar em sua sala, Bailey estudou a área. O vaso de filodendro estava caído de lado, espalhando sujeira. Havia vidros quebrados, manchas de café velho e poeira o bastante para remover com uma pá.

Digitação simplesmente teria de esperar; decidiu ela. Ninguém poderia se concentrar numa bagunça daquelas.

De trás de sua mesa, Cade usava o telefone para fazer seu trabalho de campo inicial. Contactou sua agente de viagens e, com o pretexto de planejar umas férias, pediu-lhe que localizasse alguma área deserta onde procurar pedras fosse permitido. Disse que estava explorando um novo hobby.

Depois de toda a pesquisa que tinha feito na noite anterior, sabia bastante sobre o hobby de cavar cristais e pedras preciosas. Do jeito que Bailey descrevera seu sonho, ele estava certo de que era exatamente o que ela estivera fazendo.

Talvez ela fosse do oeste, ou talvez tivesse apenas ido visitar o local. De qualquer forma, aquela era uma outra direção a explorar.

Cade considerou ligar para um especialista em pedras preciosas para examinar o diamante. Porém, com a remota chance de que Bailey tivesse se apossado da pedra por meios ilegais, não quis arriscar.

Pegou as fotografias do diamante que havia batido na noite anterior e espalhou sobre a mesa. O quanto um perito em gemologia seria capaz de dizer através das fotos?, se perguntou.

Talvez valesse a pena tentar. Terça-feira, quando tudo estivesse aberto novamente, pensou, arriscaria aquele caminho, também.

Mas tinha algumas outras ideias para perseguir.

Havia um outro caminho importante pelo qual teria de viajar primeiro. Pegando o telefone, começou a fazer ligações. Encontrou o detetive Mick Marshall em casa.

— Que coisa, Cade, hoje é sábado. Tenho vinte pessoas com fome no quintal e hambúrgueres queimando na grelha.

— Você está dando uma festa e não me convidou? Estou arrasado.

— Não convido policiais de mentira para meus churrascos.

— Agora você está realmente ferindo meus sentimentos. Recebeu aquele uísque escocês?

— Sim, e não encontrei nada suspeito naquelas impressões digitais que você me enviou. Nenhuma novidade.

Cade sentiu tanto alívio quanto frustração.

— Certo. Nenhuma palavra ainda sobre uma pedra desaparecida?

— Talvez se você me dissesse que tipo de pedra.

— Uma pedra grande e brilhante. Você saberia se tivessem dado queixa.

— Nenhuma queixa, e acho que as pedras estão na sua cabeça, Parris. Agora, a menos que queira me dar detalhes, tenho bocas famintas para alimentar.

— Eu lhe retorno para falar disso. E para lhe enviar um outro uísque escocês.

Cade desligou e passou algum tempo refletindo.

Raios continuavam aparecendo nos sonhos de Bailey. Houvera um temporal com trovões na noite antes que ela fosse ao seu escritório. Podia ser simples assim... uma das últimas coisas que ela lembrava era de trovões e raios. Talvez tivesse alguma fobia em relação às tempestades.

Ela falava sobre o escuro, também. Havia faltado eletricidade algumas vezes na cidade durante aquela noite. Talvez o escuro fosse literal em vez de simbólico.

Supunha que Bailey estivera num ambiente fechado. Ela não havia falado de chuva, de se molhar. Dentro de uma casa? Um escritório fechado? Se qualquer coisa que tivesse acontecido a Bailey tivesse sido na noite anterior àquela em que ela o procurara, então certamente teria ocorrido na área de Washington.

Contudo, nenhuma pedra preciosa fora reportada.

Três pedras apareciam no sonho dela, também. Três pedras. Três estrelas. Três mulheres. Um triângulo.

Simbólico ou real?

Cade começou a fazer anotações novamente, usando duas colunas. Em uma delas, listou as lembranças dos sonhos de Bailey como memórias literais, na outra, explorou o simbolismo.

E quanto mais trabalhava, mais concluía que aquilo era, na verdade, uma combinação das duas coisas.

Deu um último telefonema, e se preparou para se humilhar. Sua irmã Muffy havia se casado com um homem cujos negócios de família eram um dos mais antigos e prestigiosos do Leste. A joalheria Westlake.

Quando Cade saiu de sua sala, seus ouvidos ainda estavam doendo, e seus nervos, abalados. Aqueles eram os resultados esperados de uma conversa com sua irmã. Porém, uma vez que ele conseguira o que queria, tentou levar as coisas com calma.

O choque de entrar em uma sala limpa e ordenada e ver Bailey digitando no teclado do computador com eficiência melhorou instantaneamente seu humor.

— Você é uma santa. — Ele pegou sua mão, a beijou inúmeras vezes. — Uma operadora de milagres.

— Este lugar estava sujo. Nojento.

— Sim, com certeza estava. Ela franziu o cenho.

— Tinha comida grudada nos gabinetes de arquivos.

— Não duvido disso. Você sabe mexer num computador.

Ela olhou para a tela.

— Aparentemente. Foi como fazer o café esta manhã. Não precisei pensar.

— Se você sabe como funciona, sabe desligá-lo. Vamos para o centro da cidade. Vou lhe comprar um sorvete.

— Acabei de começar.

— Isso pode esperar. — Ele estendeu o braço para desligar a máquina, mas ela lhe deu um tapa na mão.

— Não. Ainda não salvei. — Murmurando alguma coisa baixinho, Bailey digitou uma série de teclas com tanta segurança que fez o coração de Cade encher-se de admiração. — Precisarei de mais diversas horas para colocar as coisas em ordem por aqui.

— Nós voltaremos. Teremos algum tempo de folga e depois um trabalho sério a fazer.

— Que tipo de trabalho? — perguntou Bailey quando ele a colocou em pé.

— Consegui que você tenha acesso a um refratômetro. — Cade a puxou para a porta. — De que sabor de sorvete você gosta?

— Seu cunhado é dono da joalheria Wesdake?

— Não pessoalmente. É um negócio de família.

— Um negócio de família. — A cabeça de Bailey ainda estava girando. De alguma maneira, tinha passado de limpar comida grudada em gabinetes de arquivos para tomar sorvete de morango enquanto andava nos degraus do Lincoln Memorial. Aquilo já era confuso o bastante, mas o jeito como Cade havia dirigido em ziguezague, passando em semáforos amarelos, a deixara tonta e desorientada.

— Sim. — Ele lambeu seu sorvete duplo de passas ao rum. Uma vez que Bailey não declarara preferência, tinha escolhido morango para ela, o que considerava um sabor feminino. — Eles têm filiais por todo o país, mas a matriz é aqui. Muffy conheceu Ronald num torneio de tênis para caridade, quando ela lhe sorriu enquanto o encobria e levava o ponto. Muito romântico.

— Entendo. — Ou ela estava tentando entender. — E ele concordou em nos deixar usar o equipamento?

— Muffy concordou. Ronald aceita tudo que Muffy quer.

Bailey lambeu o sorvete que pingava na casquinha, observou os turistas... as famílias, as crianças... subirem e descerem os degraus.

— Pensei que ela estivesse brava com você.

— Eu a convenci. Bem, eu a subornei. Camilla também faz balé. Haverá um recital no próximo mês. Então, vou ver Camilla girar num tutu, o que, acredite em mim, não é uma visão bonita.

Bailey reprimiu uma risada.

— Você é tão malvado!

— Ei, eu já vi Camilla de tutu, você não. Acredite em mim, estou sendo generoso. — Ele gostava de vê-la sorrir. Apenas passeando ao seu lado, tomando sorvete de morango e sorrindo. — E há Chip. O outro mutante de Muffy. Ele toca flautim.

— Tenho certeza que você está inventando isso.

— Nada disso, minha imaginação tem limites. Em algumas semanas, terei de me sentar no centro da primeira fila do teatro e ouvir Chip e seu flautim num concerto grupai. — Ele deu de ombros. — Vou comprar tampões de ouvido. Vamos nos sentar.

Eles se acomodaram nos degraus sob o sábio e melancólico presidente. Havia uma brisa fraca que amenizava o ar abafado do verão, mas fazia muito pouco pelo calor úmido e violento que vinha das calçadas. Bailey quase podia ver as ondas de calor; como miragens de deserto, brilharem no ar.

Havia alguma coisa estranhamente familiar em tudo aquilo, a multidão de pessoas passando, empurrando carrinhos de bebê, tirando fotografias, a mistura de vozes e sotaques, os cheiros de suor, humanidade e exaustores, flores desabrochando em seus canteiros, vendedores negociando suas mercadorias.

— Eu posso ter estado aqui antes — murmurou ela. — Mas sinto como se algo estivesse fora de sintonia. Como o sonho de uma outra pessoa.

— As memórias vão voltar — Ele pôs uma mecha de cabelos atrás da orelha dela. — Partes já estão voltando. Você sabe fazer café, usar um computador e pode organizar um escritório.

— Talvez eu seja secretária.

Cade achava que não. A maneira que Bailey relatara informações sobre diamantes na noite anterior lhe dera uma impressão diferente. Mas queria refletir um pouco antes de compartilhar sua ideia.

— Se for secretária, dobro seu salário para que trabalhe para mim. — Mantendo o clima leve, ele se levantou e lhe ofereceu a mão. — Temos compras a fazer.

— Temos?

— Você precisa de óculos de leitura. Vamos para as lojas.

Aquilo foi uma outra experiência, o grande shopping center, repleto de pessoas procurando pechinchas. As promoções do feriado estavam em alta. Apesar do calor, casacos de inverno estavam com desconto de 20%, e ofertas de roupas de outono eram mais procuradas do que as peças de verão remanescentes.

Cade a levou a uma ótica que prometia óculos prontos em uma hora e preencheu os formulários necessários enquanto Bailey escolhia uma armação entre as diversas expostas nas prateleiras.

Ele foi dominado por uma onda de alegria quando a registrou como Bailey Parris e escreveu seu próprio endereço. Aquilo lhe parecia certo, lhe dava uma sensação boa. E, quando ela foi conduzida para os fundos da loja a fim de fazer um exame da vista... gratuito com a compra da armação... ele lhe deu um beijo no rosto.

Em menos de duas horas, Bailey estava de volta ao carro de Cade, examinando seus bonitos óculos de aro fino e o conteúdo das sacolas de compras.

— Como você teve tempo de comprar tudo isso? — Com um movimento puramente feminino, ela passou uma das mãos sobre uma bolsa a tiracolo de couro.

— É tudo uma questão de estratégia e planejamento, saber o que você quer e não se distrair.

Bailey espiou dentro de uma sacola de uma loja de lingerie e viu uma rica seda preta. Cuidadosamente, puxou a peça para fora. Não havia muito tecido, pensou.

— Você precisa de alguma coisa para dormir

— disse Cade. — Estava em promoção. Estava praticamente dado.

Ela podia não saber quem era, mas tinha quase certeza de que conhecia camisolas feitas para seduzir: Guardou a seda de volta na sacola. Colocando a mão mais no fundo, descobriu um saquinho de cristais.

— Oh, são lindos.

— Encontrei uma daquelas lojas de produtos naturais. Então, escolhi algumas pedras. — Ele parou num semáforo vermelho e se virou para observá-la.

— Escolhi algumas que me agradaram. Estas pedras lisas são... Como você as chama?

— Pedras cilíndricas — murmurou ela, alisando-as gentilmente com a ponta do dedo. — Cornalina, citrino, sodalita, jaspe. — Corada de prazer; removeu o papel de seda. — Turmalina, turmalina melancia... está vendo os tons de rosa e verde? E esta é uma coluna adorável de fluorita. É uma de minhas favoritas. Eu... — Bailey parou de falar; pressionou uma das mãos na testa.

Cade enfiou uma das mãos no saquinho, tirou uma ao acaso.

— O que é isso?

— Alexandrita. É um crisoberilo, uma pedra transparente. Suas cores mudam com a luz. Veja, está verde-azulada agora, na luz do dia, mas na luz incandescente ficaria roxa ou violeta. — Ela engoliu em seco porque o conhecimento estava ali, na sua mente. — É uma pedra que possui usos variados, mas é escassa e cara. Foi nomeada em homenagem ao Czar Alexander I

— Certo, relaxe, respire fundo. — Cade virou o carro numa esquina, seguiu a rua ladeada por árvores. — Você conhece suas pedras, Bailey.

— Parece que conheço.

— E elas lhe dão muito prazer. — O rosto dela se iluminara quando estudara as escolhas de Cade.

— Isso me assusta. Quanto mais informações eu descubro dentro do meu cérebro, mais assustada fico.

Ele entrou na garagem da casa, virou-se para ela.

— Está disposta a continuar com isso hoje?

Bailey poderia dizer não, percebeu. Cade a levaria para dentro de casa, onde ela estaria segura. Poderia subir para o quarto bonito e se trancar lá. Não teria de enfrentar nada além de sua própria covardia.

— Quero estar. Estarei — acrescentou ela, e exalou o ar devagar. — Tenho de estar.

— Tudo bem. — Inclinando-se, ele lhe apertou a mão brevemente. — Fique sentada aqui. Vou buscar o diamante.

A joalheria Westlake ficava em um velho prédio, magnífico, com colunas de granito e janelas longas cobertas de cetim. Não era um lugar para pechinchas. A única marca era uma placa de latão discreta e elegante ao lado da entrada em arco.

Cade rodeou a casa com o carro e foi para os fundos.

— Eles estão se preparando para fechar por hoje

— explicou. — Se conheço Muffy, obrigou Ronald a ficar aqui esperando. Ele pode não estar muito feliz comigo, então... Sim, lá está o carro dele. — Cade parou o seu numa vaga ao lado de uma Mercedes cinza-claro. — Você apenas faz o meu jogo, certo?

— O seu jogo? — Ela arqueou a sobrancelha quando ele jogou as pedras dentro de sua bolsa nova. — O que você quer dizer?

— Tive de contar uma pequena história para convencê-la disso. — Inclinando-se, Cade abriu a porta de Bailey. — Apenas coopere.

Ela saiu do carro e andou com ele para a entrada dos fundos.

— Poderia ajudar se eu soubesse com o que tenho de cooperar.

— Não se preocupe. — Ele tocou a campainha.

— Eu lido com tudo.

Ela mudou a bolsa, agora pesada, de ombro.

— Se você mentiu para sua família, acho que eu deveria... — Bailey parou de falar quando a pesada porta de aço se abriu.

— Cade. — Ronald Westlake assentiu brevemente. Cade estivera certo, pensou Bailey instantaneamente. Aquele não era um homem feliz. Ele tinha estatura média, era magro e bem-apeado, num terno azul-marinho com uma gravata listrada que tinha um nó tão apertado que a fazia se perguntar como ele conseguia respirar. O rosto de Ronald era bronzeado, os cabelos escuros num estilo casual, com discretas mechas grisalhas.

A dignidade emanava das feições e da postura.

— Ronald, que bom ver você — disse Cade alegremente, e, como se o cumprimento de Ronald tivesse sido caloroso, apertou-lhe a mão de modo entusiástico. — Como vai o jogo de golfe? Muffy me contou que você está contornando as dificuldades.

Enquanto falava, Cade começou a entrar, parecendo um vendedor ansioso com o pé escorado na porta, pensou Bailey. Ronald continuou franzindo o cenho e deu um passo atrás.

— Esta é Bailey. Muffy deve ter lhe contado um pouco sobre ela. — Num gesto possessivo, Cade passou o braço ao redor dos ombros de Bailey e a puxou para seu lado.

— Sim, como vai?

— Eu a tenho mantido para mim — acrescentou Cade antes que ela pudesse falar. — Acho que você pode ver por quê. — Sem aviso, Cade inclinou o rosto de Bailey para cima e a beijou. — Agradeço por você nos deixar brincar com seu equipamento. Bailey está radiante. Está ansiosa para me mostrar como trabalha com as pedras. — Ele balançou a bolsa dela de modo que as pedras dentro dela fizessem barulho.

— Você nunca mostrou nenhum interesse em pedras preciosas antes — apontou Ronald.

— Eu não conhecia Bailey antes — replicou Cade com facilidade. — Agora estou fascinado. E agora que eu a convenci a ficar nos Estados Unidos, ela terá de pensar em abrir a própria loja. Certo, querida?

— Eu...

— A Inglaterra está fora de cogitação para nós — continuou ele. — E se alguém da família real quiser uma outra joia, terá de vir até aqui. Eu não vou deixá-la partir. — Beijou-a de novo, profundamente, enquanto Ronald bufava e puxava a gravata.

— Cade me contou que você é designer de joias há algum tempo. Deve ser muito

gratificante ter a família real selecionando seu trabalho.

— É uma maneira de manter as coisas em família, também — murmurou Cade com uma piscadela. — Com a mãe de Bailey sendo uma das primas de Diana. É prima de terceiro ou de quarto grau, amor? Oh, bem, que diferença isso faz?

— Terceiro — disse Bailey, impressionada consigo mesma, não apenas por responder, mas também por colocar um fraco sotaque britânico na voz. — Eles não são tão íntimos assim. Cade está exagerando. Simplesmente, alguns anos atrás, um broche que desenhei encantou os olhos da princesa de Gales. Ela adora esbanjar dinheiro, sabe.

— Sim, sim, realmente. — O sotaque refinado teve um efeito considerável em um homem com os requisitos sociais de Ronald. O sorriso dele se ampliou, a voz se tornou mais calorosa. — Estou encantado que você tenha vindo aqui. Eu realmente gostaria de poder ficar, lhe mostrar a loja.

— Nós não queremos prendê-lo. — Cade já estava batendo nas costas de Ronald. — Muffy disse que vocês vão receber convidados em casa.

— É muita presunção da parte de Cade interromper seu feriado. Eu adoraria conhecer tudo melhor uma outra hora.

— É claro, quando você quiser, a qualquer hora. E deveria tentar dar uma passada na minha casa hoje mais tarde. — Com o ego inflado com o pensamento de entreter um membro, mesmo distante, da realeza, Ronald começou a levá-los em direção à área de trabalho da joalheria. — Somos muito rigorosos com nosso equipamento, assim como com nossas pedras. A reputação dos Westlake é impecável há gerações.

— Ah, sim. — O coração de Bailey começou a disparar enquanto estudava os equipamentos na sala com paredes de vidro, as mesas de trabalho, os serrotes, as balanças. — Tudo de altíssima qualidade.

— Orgulhamo-nos de oferecer apenas o melhor à nossa clientela. Frequentemente, cortamos e lapidamos nossas próprias pedras preciosas aqui, e empregamos nossos próprios lapidados.

A mão de Bailey tremeu levemente quando ela a passou sobre uma roda. Um reboło, pensou... uma engrenagem usada para lapidar pedras. Podia ver exatamente como aquilo era feito... a pedra cimentada na ponta de uma vareta de madeira, uma tela revestida presa ao reboło, que girava com a ajuda de um bloco de suporte adjacente à roda.

Ela sabia, podia ouvir os sons da máquina. Sentir as vibrações.

— Gosto do trabalho do reboło — disse Bailey com fraqueza. — Da precisão da máquina.

— Lamento, mas somente admiro artesãos e artistas. Isso é um anel impressionante. Posso? — Ronald pegou a mão esquerda de Bailey, examinou o trio de pedras belamente incrustadas na aliança de ouro. — Muito bonito. Design seu?

— Sim. — Parecia a melhor resposta. — Gosto muito de trabalhar com pedras coloridas.

— Precisa ver o nosso estoque qualquer hora. — Ronald consultou seu relógio e riu. — Estou ficando muito atrasado. O segurança os deixará sair quando você tiver terminado. Por favor, fique todo o tempo que precisar. Lamento que o showroom esteja fechado. E você precisará do guarda para abrir a porta dos fundos, uma vez que funciona de dentro para fora. —

Ele deu a Bailey um sorriso de profissional para profissional. — Você entende como segurança é importante nesse negócio.

— É claro. Muito obrigada pelo seu tempo, sr. Westlake.

Ronald apertou a mão oferecida de Bailey.

— Ronald, por favor: E o prazer é meu. Não deixe que Cade seja muito egoísta a seu respeito. Muffy está ansiosa para conhecer a futura cunhada. Não deixe de passar em nossa casa mais tarde.

Bailey emitiu um som estrangulado, facilmente coberto pela conversa rápida de Cade. Só faltou empurrar Ronald para fora da área de trabalho.

— Cunhada? — disse ela.

— Eu tinha de dizer alguma coisa a eles. — Com expressão inocente, Cade abriu as mãos. — Eles veem fazendo uma campanha para me casar novamente desde que a tinta na minha certidão de divórcio secou. E o fato de você ser parte, de certa forma, da família real, a coloca socialmente muito acima da mulher para quem estão tentando me empurrar.

— Pobre Cade. Sendo empurrado para diversas mulheres.

— Eu sofri. — Vendo um brilho perigoso nos olhos dela, ele tentou seu melhor sorriso. — Você não tem ideia de quanto sofri. Abrace-me.

Ela afastou a mão dele de si.

— Isso tudo é uma grande brincadeira para você?

— Não, mas parte disso foi divertido. — Cade concluiu que seria mais seguro enfiar as mãos nos bolsos. — Garanto que minha irmã está congestionando as linhas telefônicas desde que falei com ela esta manhã. E agora que Ronald a conheceu...

— Você mentiu para sua família.

— Sim. Às vezes, mentir é divertido. Às vezes, é apenas necessário para sobrevivência. — Ele inclinou a cabeça. — Você entrou direitinho no jogo, querida. O sotaque britânico deu um bom toque.

— Eu tinha de entrar no jogo, e não estou orgulhosa disso.

— Você daria uma boa detetive. Vou lhe dizer, mentir rápido e mentir bem é um dos principais requisitos para o emprego.

— E o fim justifica os meios?

— Mais ou menos isso. — O tom de desaprovação na voz dela estava começando a irritá-lo. Tinha a impressão de que Bailey não se sentia tão à vontade quanto ele em áreas não totalmente legais.

— Estamos aqui dentro, não estamos? E Ronald e Muffy terão um grande sucesso em sua festinha. Então, qual é o problema?

— Não sei. Não gosto disso. — Uma mentira, o simples fato de uma mentira a fazia se sentir terrivelmente desconfortável. — Uma mentira leva a outra.

— E algumas delas às vezes levam à verdade.

— Cade pegou a bolsa de Bailey, abriu-a, tirou o saquinho de veludo e deslizou o diamante para sua mão. — Você quer a verdade, Bailey? Ou somente honestidade?

— Não deveria haver uma diferença entre essas duas coisas. — Mas ela lhe tirou a pedra da mão.

— Tudo bem, como você disse, estamos aqui. O que quer que eu faça?

— Certifique-se de que é verdadeira.

— É claro que é verdadeira — disse ela impacientemente. — Eu sei que é verdadeira.

Cade meramente arqueou uma sobrancelha.

— Prove.

Com um suspiro exasperado, ela se virou e se dirigiu a um microscópio. Ativou o iluminador de campo escuro e ajustou o foco com eficiência instintiva.

— Maravilhoso — murmurou Bailey após um momento, com um tom de respeito na voz. — Simplesmente maravilhoso.

— O que você vê?

— O interior da pedra. Não há dúvida de que é de origem natural. As inclusões são características.

— Vamos ver. — Ele a empurrou para o lado gentilmente, inclinou-se para o microscópio. — Pode ser qualquer coisa.

— Não, não. Não há bolhas de ar. Haveria se fosse pasta ou strass. E as inclusões.

— Isso não significa nada para mim. É azul, e azul significa safira.

— Oh, pelo amor de Deus, safira é coríndon. Você acha que não sei a diferença entre carbono e coríndon? — Bailey pegou a pedra e andou para um outro instrumento. — Isto é um polariscópio. Testa se a pedra preciosa retrata apenas uma vez ou se tem dupla refração. Como eu já lhe disse, safiras têm dupla refração, diamantes não.

Ela continuou com seu trabalho, falando sozinha, colocando os óculos no rosto quando precisava deles, enganchando-os no decote V da blusa quando não precisava. Cada movimento era competente, habitual, preciso.

Cade enfiou as mãos nos bolsos traseiros da calça, deu um passo atrás e observou.

— Aqui, o refratômetro — murmurou ela. — Qualquer tolo pode ver que o índice refrativo desta pedra diz diamante, não safira. — Virou-se, segurando a pedra. — Isto é diamante azul lapidado, pesando 102.6 quilates.

— Tudo que você precisa é de um jaleco branco — disse ele calmamente.

— O quê?

— Você trabalha com isso, Bailey. Pensei que pudesse ser um hobby, mas você é precisa demais, confiante demais. E fica facilmente irritada quando questionada. Portanto, minha conclusão é que você trabalha com pedras preciosas. Este tipo de equipamento lhe é tão familiar quanto uma cafeteira. É simplesmente parte de sua vida.

Ela baixou a mão e se sentou num banco.

— Você não fez tudo isso, conseguiu que viessemos aqui, para que pudéssemos identificar o diamante, não é verdade?

— Vamos apenas dizer que esse era um benefício secundário. Agora, temos de descobrir se você está no mercado de pedras preciosas ou de joias. Foi assim que adquiriu esta pedra. — Ele pegou o diamante da mão de Bailey, estudou-o. — E este não é o tipo de pedra que você vê à venda na Westlake ou em qualquer outra joalheria. É o tipo de pedra que se encontra numa coleção particular ou em um museu. Temos um museu muito bom na cidade. Chama-se Smithsonian. — Ele abaixou a pedra. — Você já deve ter ouvido falar.

— Você acha... que eu peguei a pedra do Smithsonian?

— Acho que alguém de lá pode ter ouvido falar desta pedra. — Cade guardou a pedra inestimável no bolso, casualmente. — Mas isso terá de esperar até amanhã. O museu está fechado agora. Não, até terça-feira. — Ele praguejou baixinho. — Amanhã é Quatro de Julho e segunda é feriado.

— O que devemos fazer até terça?

— Podemos começar com listas telefônicas. Pergunto-me quantos gemólogos existem na área metropolitana.

Os óculos de leitura significavam que Bailey podia ler todos os livros sem arriscar uma dor de cabeça. E foi o que fez. Era como reler adoráveis contos de fada, pensou ela. Um terreno muito familiar, no qual gostava de viajar novamente.

Leu sobre a história da incisão de entalhes na Mesopotâmia, sobre as pedras preciosas do período helenístico. Gravuras florentinas.

Leu sobre diamantes famosos. Sobre o Vargas, o Jonker, o Grande Mogol, que havia desaparecido séculos atrás. Sobre Maria Antonieta e o colar de diamantes que alguns diziam ter custado a cabeça dela.

Leu explicações técnicas sobre lapidação de pedras preciosas, sobre identificação, propriedades óticas e formações.

Aquilo tudo era perfeitamente claro para Bailey, e tão refinado quanto a cornalina que segurava entre os dedos.

Como era possível, perguntou-se, se lembrar de pedras e não de pessoas? Podia facilmente identificar e discutir as propriedades de centenas de cristais e pedras preciosas. Contudo, havia apenas uma única pessoa no mundo que conhecia.

E tal pessoa nem era ela própria.

Conhecia somente Cade. Cade Parris, com sua mente ágil e frequentemente complicada. Cade, com suas mãos pacientes e gentis, e lindos olhos verdes. Olhos que a fitavam como se ela fosse o foco de seu mundo.

Entretanto, o mundo dele era enorme se comparado ao seu. O mundo de Cade era povoado por pessoas e memórias de lugares onde estivera, coisas que tinha feito, momentos que havia compartilhado com outros.

A enorme tela branca que era o passado de Bailey a assustava.

Que pessoas conhecia? A quem tinha amado ou odiado? Alguém já a amara? Quem ela havia magoado ou por quem fora magoada? E onde estivera, o que tinha feito?

Era cientista ou ladra? Era o amor da vida de alguém ou era solitária?

Queria ser o amor da vida de alguém. O amor de Cade. Era apavorante o quanto desejava isso. Aconchegar-se na cama com ele e deixar tudo flutuar naquele rio quente de sensações. Sentir as mãos fortes sobre si, explorando-lhe a pele nua, esquentando-a, levando-a para um lugar onde o passado não significava nada e o futuro não importava.

Onde havia apenas o agora, o voraz e glorioso agora.

E desejava que pudesse tocá-lo, sentir os músculos das costas e ombros poderosos enquanto ele a cobrisse. O coração de Cade bateria contra o seu, e ela arquearia o corpo para recebê-lo em seu interior. E então...

Bailey teve um sobressalto quando o livro foi fechado.

— Faça uma pausa — disse Cade, afastando o livro sobre a mesa onde ela o colocara para ler.

— Oh, eu... — Bom Deus, pensou Bailey, olhando para ele. Estava praticamente tremendo, totalmente excitada por sua própria fantasia. O coração estava disparado no peito. — Eu estava apenas...

— Você está vermelha.

Cade se virou para pegar a jarra de chá gelado da geladeira, e Bailey fez uma careta para as costas dele. Vermelha? Ela estava vermelha? Ele não podia ver que aquilo era puro desejo querendo ser satisfeito?

Ele lhe serviu um copo de chá com gelo e abriu uma cerveja para si mesmo.

— Fizemos o bastante por um dia. Estou pondo bifês na grelha. Vamos ver se você é capaz de fazer uma salada. Ei! — Cade se aproximou para firmar o copo que lhe entregara. — Suas mãos estão tremendo. Você estava exagerando.

— Não, eu... — Bailey não poderia lhe contar que estava pensando seriamente em lhe morder o pescoço. Com cuidado, removeu os óculos, dobrou-os e os colocou sobre a mesa. — Talvez um pouco. Há tantas coisas na minha cabeça.

— Tenho o antídoto perfeito para quem pensa demais. — Ele pegou-lhe a mão, puxou-a pela porta para fora, onde o ar estava cheio de calor e perfume de rosas. — Meia hora de preguiça.

Cade pegou o copo de Bailey, colocou-o sobre a pequena mesa de ferro ao lado da rede e pôs sua cerveja ao lado do copo.

— Venha, vamos observar o céu por um tempo. Ele queria que ela se deitasse com ele? Deitar-se ao seu lado naquela rede, enquanto seu corpo estava gritando por liberação?

— Eu não acho que deveria...

— É claro que você deveria. — Para encerrar o assunto, Cade tombou na rede e puxou-a consigo. A rede balançou forte, fazendo-o rir enquanto Bailey lutava por equilíbrio. — Relaxe. Este é um de meus lugares favoritos. Há uma rede aqui desde que consigo me lembrar. Meu tio costumava dormir em uma listrada de vermelho e branco quando deveria estar trabalhando no

jardim.

Ele segurou uma das mãos nervosas de Bailey entre as suas.

— Gostoso e aconchegante. É possível ver os pequenos pedaços de azul através das folhas.

Era fresquinho lá, sombreado por árvores. Bailey pôde sentir o coração de Cade batendo com firmeza no momento em que ele levou as mãos unidas dos dois ao peito.

— Eu costumava escapar para cá com frequência. Sonhei muito e fiz muitos planos nesta rede. Era sempre pacífico aqui, e, quando você está balançando numa rede à sombra, nada parece tão urgente.

— É como estar num berço, suponho. — Bailey se determinou a relaxar, totalmente chocada com o quanto queria rolar para cima dele.

— As coisas são mais simples numa rede. — Cade brincou com os dedos delicados, encantado pela graça e brilho dos anéis. Beijou-os distraído, e fez o coração de Bailey disparar no peito. — Você confia em mim, Bailey?

Naquele momento, ela estava certa de que, qualquer que fosse seu passado, nunca confiaria tanto em alguém.

— Sim.

— Vamos brincar de um jogo.

A imaginação dela girou com diversas possibilidades eróticas.

— Ah... um jogo?

— Associação de palavras. Você esvazia a mente e eu direi uma palavra. A primeira coisa que lhe vier à cabeça, você fala.

— Associação de palavras. — Incerta se queria rir ou gritar, ela fechou os olhos. — Você acha que isso pode ativar minha memória?

— Mal não vai fazer, mas vamos apenas pensar nisso como uma brincadeira preguiçosa para fazer na sombra. Pronta?

Bailey assentiu, manteve os olhos fechados e se deixou aquietar pelo balanço da rede.

— Tudo bem.

— Cidade.

— Congestionamento.

— Deserto.

— Sol.

— Trabalho.

— Satisfação.

— Fogo.

— Azul.

Quando ela abriu os olhos, começou a se movimentar, Cade a aninhou mais junto a si.

— Não pare e analise. Apenas deixe vir. Está pronta? Amor.

— Amigas. — Ela respirou fundo, permitindo-se relaxar novamente. — Amigas — repetiu.

— Família.

— Mãe. — Bailey emitiu um pequeno murmúrio e ele o silenciou.

— Feliz.

— Infância.

— Diamante.

— Poder.

— Raio.

— Assassinato. — Bailey engasgou com a respiração e se virou para enterrar o rosto no ombro dele. — Não posso fazer isso. Não posso olhar para lá.

— Certo, está tudo bem. Chega. — Cade acariciou-lhe os cabelos e, embora suas mãos fossem gentis, os olhos estavam furiosos enquanto fitavam a cobertura de folhas verdes.

A pessoa que a tinha assustado, que a fazia tremer de horror, iria pagar caro.

Enquanto Cade abraçava Bailey sob as árvores, uma outra pessoa estava em pé sobre um terraço de pedras, com vista para uma vasta cadeia de montanhas, jardins bem cuidados e fontes de água. Ele estava furioso.

A mulher tinha desaparecido da face da terra com a posse dele. E suas forças estavam tão dispersas quanto as três estrelas.

Deveria ter sido simples. Ele praticamente as tivera nas mãos. Mas a tola desajeitada havia entrado em pânico. Ou talvez tivesse apenas se tornado gananciosa demais. Em qualquer caso, ele deixara a mulher escapar, e os diamantes haviam ido com ela.

Muito tempo se passara, pensou ele, tamborilando suas lindas unhas bem tratadas no parapeito de pedra. Uma das mulheres tinha desaparecido, a outra, fugido, e a terceira era incapaz de responder suas perguntas.

Aquilo teria de ser resolvido, e resolvido logo. O prazo estava se esgotando. Havia apenas uma pessoa culpada por isso, pensou, entrando de novo em seu escritório e pegando o telefone.

— Traga-o para mim — foi tudo que disse. Recolocou o aparelho no gancho com a arrogância descuidada de um homem acostumado a ter suas ordens obedecidas.

Sábado à noite. Cade a levou para dançar. Bailey tinha se imaginado sentada à mesa da cozinha com livros e um pote de café forte assim que o jantar acabou. Em vez disso, ele a tirara da casa antes que ela terminasse de limpar os balcões, mal lhe dando tempo para passar uma escova nos cabelos.

Ela precisava de uma distração, Cade lhe dissera. Precisava de música. Precisava experimentar a vida.

Aquilo era certamente uma experiência.

Bailey nunca tinha visto nada como aquilo, pelo que sabia. O bar barulhento e congestionado no coração de Georgetown vibrava com vida, balançava do chão ao teto com vozes e pés ocupados. A música era tão alta que ela não podia ouvir os próprios pensamentos, e a pequena mesa que Cade lhes arranjara no meio da confusão ainda estava pegajosa pela jarra de cerveja do último cliente.

Aquilo a impressionava.

Ninguém parecia conhecer ninguém. Ou todos se conheciam bem o bastante para fazer amor em público. Certamente os movimentos ousados e sensuais feitos corpo-a-corpo na minúscula pista de dança não eram nada menos do que um ritual de escolha de parceiros.

Cade lhe comprou um clube soda, pediu a mesma bebida inofensiva para si mesmo e assistiu ao show. Mas mais que isso, observou-a assistir ao show.

Luzes brilhavam, vozes ecoavam, e ninguém parecia ter uma única preocupação no mundo.

— É isso que você geralmente faz nos fins de semana? — Bailey teve de gritar no ouvido dele, e ainda não tinha certeza se era ouvida com todo o barulho de guitarras e bateria.

— De vez em quando. — Raramente, pensou ele, estudando o movimento de solteiros e solteiras no bar. Com certeza quase nunca desde os tempos de faculdade. A ideia de levar Bailey lá tinha sido um impulso, até mesmo uma inspiração, refletiu. Ela mal podia pensar e se preocupar naquelas condições.

— Esta banda é dessa região. — Ele aproximou a cadeira, e passou um braço sobre os ombros dela. — Rock pesado e verdadeiro. Não um rock suave, uma imitação. Eles são sensacionais. O que você acha?

Bailey se esforçou para pensar, para se sintonizar com o ritmo repetitivo e pulsante da música. Sobre o som do oceano em movimento, a banda estava gritando palavras obscenas e desconexas.

— Eu não sei, mas com certeza não é "Ode à Alegria".

Ele riu daquilo, alto e forte, antes de lhe pegar a mão.

— Venha. Dance comigo. — Pânico instantâneo. A palma de Bailey umedeceu, os olhos se arregalaram.

— Acho que não sei...

— Vamos, Bailey. Não há espaço o bastante lá para fazer mais do que violar alguns dos dez

mandamentos. Isso não requer nenhuma prática.

— Sim, mas.. — Ele a estava levando para a pista de dança, passando através das mesas, esbarrando em pessoas. Ela perdeu a conta do número de pés que devia ter pisado. — Cade, eu preferia só olhar.

— Você está aqui para experimentar: — Ele a puxou para seus braços, segurou-lhe os quadris de uma maneira íntima e possessiva que fez o coração de Bailey bater na garganta. — Viu? Violamos um mandamento. — E subitamente o corpo másculo estava se movendo sugestivamente contra o seu. — O resto é fácil.

— Não acho que eu já tenha feito isso alguma vez. — As luzes circulando e brilhando acima a deixavam tonta. E mais impulsiva. — Tenho certeza de que me lembraria.

Cade pensou que ela provavelmente estava certa. Havia alguma coisa inteiramente inocente sobre o jeito como Bailey dançava, na maneira que o rosto enrubescia. Ele deslizou as mãos para as nádegas dela, subindo para a cintura.

— É apenas uma dança.

— Acho que não. Provavelmente já dancei antes.

— Ponha os braços ao meu redor. — Ele pôs os braços dela ao redor de seu próprio pescoço. — E me beije.

— O quê?

— Esqueça.

O rosto dele estava perto, e a música enchia a cabeça de Bailey. O calor do corpo de Cade, de todos os corpos pressionados contra eles, era como uma fornalha. Ela não podia respirar; não podia pensar, e quando a boca de Cade tocou a sua, não se importou.

A cabeça latejava com as batidas altas e rítmicas da música. O calor era cruel, o ar estava pesado de fumaça e calor humano, e o cheiro era um misto de suor, bebida alcoólica e perfumes baratos. Tudo aquilo desapareceu. Bailey balançou-se contra o corpo forte enquanto entreabria os lábios para os de Cade, e a essência masculina e forte a preenchia.

— Se nós estivéssemos em casa, estaríamos na cama — murmurou ele contra os lábios dela, então lhe provocou a orelha com a boca. Bailey estava usando o perfume que ele tinha lhe dado, cujo aroma era incrivelmente íntimo. — Quero você na cama, Bailey. Quero estar dentro de você.

Ela fechou os olhos, pressionada contra ele. Certamente ninguém lhe dissera aquelas coisas antes.

Não poderia ter esquecido aquela louca excitação, aquele medo selvagem. Seus dedos entrelaçaram nos cabelos desalinhados sobre o colarinho da camisa.

— Antes, quando eu estava na cozinha...

— Eu sei. — Cade passou a língua pela orelha dela, fazendo-a sentir o corpo em chamas. — Eu poderia ter tido você. Acha que não pude ver isso?

— Para atormentar ambos, ele traçou os lábios ao longo do pescoço de Bailey. — É por isso que estamos aqui, em vez de em casa. Você não está pronta para o que preciso que me dê.

— Isso não faz o menor sentido. — Bailey achou que tinha sussurrado aquilo, mas ele a ouviu.

— Quem se importa com o que faz sentido? Isso é o agora. — Ele segurou-lhe o queixo, erguendo-lhe o rosto para o seu novamente. — Nós somos o agora. — E beijou-a até o sangue de Bailey parecer explodir na cabeça. — Isso pode ser ardente.

— Mordeu-lhe o lábio inferior até fazê-la quase desmaiar. — Ou doce. — Então, lavou-o carinhosamente com a língua. — Pode ser divertido. — Cade a girou no ar, depois a trouxe de volta para seus braços com uma graça tão casual que a fez piscar.

— Pode ser qualquer coisa que você queira.

Os braços dela estavam ao redor dos ombros largos, os rostos dos dois muito perto. Luzes se revolviavam em volta, e a música pulsava.

— Eu acho... acho que ficaríamos mais seguros com a diversão. Por enquanto.

— Então vamos nos divertir. — Cade a girou novamente, em dois círculos rápidos, os olhos brilhando de divertimento quando ela riu.

Bailey prendeu a respiração quando seu corpo tocou o dele de novo.

— Você fez aulas de dança.

— Querida, devo ter dançado cotilhão mais vezes do que quero admitir, mas algumas coisas ficam impregnadas em nós.

Eles estavam se movendo mais uma vez, de alguma forma, magicamente, no meio de uma multidão de dançarinos.

— Cotilhão? Não é aquela dança antiga com luvas brancas e gravata-borboleta?

— Alguma coisa assim. — Cade subiu as mãos pela lateral do corpo dela e lhe roçou os seios de leve. — E nada parecido com isso.

Bailey errou um passo, colidiu com alguém. Quando se virou para trás, viu o que parecia ser um músculo sólido com uma cabeça careca brilhante, um piercing de prata no nariz e um sorriso amplo.

— Perdoe-me — começou ela, mas descobriu que não tinha mais fôlego para nada quando o homem musculoso girou-a para a direita.

Ela se encontrou comprimida no meio de uma multidão de dançarinos, levando cotoveladas e empurrões entusiasmados. Eles brincavam e a tocavam de uma maneira tão amigável que Bailey tentou acompanhar o jogo. Estava rindo quando foi atirada de novo para os braços de Cade.

— Isso é divertido. — Libertador, quase pagão. — Estou dançando.

O rosto iluminado de Bailey, a voz alegre, a risada de prazer, levaram um sorriso largo ao rosto de Cade.

— Parece que sim. — Ela abanou uma das mãos diante do rosto, numa tentativa inútil de aliviar o calor.

— Gosto disso.

— Então, nós faremos mais vezes. — O volume da música abaixou, o ritmo suavizou. — Pronto, aí vem uma música lenta. Agora, tudo que você tem de fazer é colar seu corpo ao meu.

— Acho que já estou colada.

— Mais perto. — A perna de Cade deslizou intimamente entre as dela, as mãos abaixaram sobre os quadris.

— Oh, meu Deus. — O estômago de Bailey pareceu se encher de borboletas. — Devemos estar violando um outro mandamento.

— Um de meus favoritos.

A música era sedutora, sexy e triste. O humor dela mudou com o ritmo, de agitação para desejo.

— Cade, não acho que isso seja sábio. — Mas ela se colocou na ponta dos pés, de modo que os rostos de ambos ficassem perto.

— Vamos ser impulsivos. Somente por uma dança.

— Isso não pode durar — murmurou ela quando pressionou o rosto contra o dele.

— Psiu. Pode durar pelo tempo que quisermos. Para sempre, pensou Bailey, e abraçou-o com força.

— Não sou uma folha em branco. Só fui apagada por um tempo. Pode ser que nenhum de nós goste do que está escrito lá quando descobrirmos.

Ele podia inalar o aroma de Bailey, senti-la, prová-la.

— Sei tudo que preciso saber. Bailey meneou a cabeça.

— Mas eu não sei. — Ela se afastou para fitar-lhe os olhos. — Eu não sei — repetiu. E quando se afastou completamente e saiu apressada, misturando-se com a multidão, Cade a deixou ir.

Ela correu para o toailete feminino. Precisava de privacidade, precisava se recompor. Precisava lembrar que, por mais que desejasse aquilo, sua vida não tinha começado no momento que entrara no pequeno escritório desorganizado e vira Cade Parris pela primeira vez.

O banheiro estava quase tão cheio quanto a pista de dança, com mulheres se enfeitando diante dos espelhos, falando sobre homens, reclamando de outras mulheres. O lugar cheirava a spray de cabelo, perfume e suor.

Em uma das três pias estreitas, Bailey abriu a torneira e jogou água fria no rosto superaquecido. Tinha dançado num bar barulhento, gritado e rido.

Havia deixado o homem que tanto queria tocá-la intimamente, sem se importar com quem estava vendo.

E soube, quando ergueu o rosto e estudou seu reflexo no espelho sujo, que aquelas coisas não eram comuns para ela.

Aquilo era novo. Assim como Cade Parris era novo. E não sabia como aquelas coisas se encaixariam em sua vida de verdade.

Tudo estava acontecendo rápido demais, pensou, e procurou uma escova na bolsa. A escova

que Cade lhe comprara, lembrou-se enquanto era envolvida por emoções. Tudo que possuía agora, devia a ele.

Era isso que sentia por Cade? Um débito, gratidão? Desejo?

Nenhuma das mulheres naquele banheiro estava preocupada com coisas assim, refletiu Bailey. Nenhuma delas estava se questionando sobre o homem com quem tinha acabado de dançar. O homem que queria, ou que a queria.

Todas voltariam para lá e dançariam novamente. Ou iriam para casa. Fariam amor naquela noite, se estivessem com vontade. E, no dia seguinte, suas vidas seguiriam normalmente.

Mas Bailey precisava se questionar: E como poderia saber a resposta se não conhecia a si mesma? E como poderia fazer amor com Cade, entregar-se a ele até que soubesse?

Recomponha-se, disse a si mesma, e, metodicamente, escovou os cabelos embaraçados. Hora de ser sensata, prática. Calma. Satisfeita pelos cabelos estarem arrumados de novo, guardou a escova na bolsa.

Uma ruiva entrou no recinto, pernas longas e um jeito prepotente, com cabelos curtos e óculos escuros em plena noite.

— O desgraçado agarrou meu traseiro — disse ela para ninguém em particular, e, entrando num dos pequenos compartimentos íntimos, bateu a porta.

A visão de Bailey ficou turva. Uma súbita tontura a fez segurar na borda da pia. Mas seus joelhos enfraqueceram tanto que teve de se inclinar sobre a cuba e respirar fundo.

— Ei! Ei! Você está bem?

Alguém bateu em suas costas, e a voz era como abelhas zunindo em sua cabeça.

— Sim, foi só uma leve tontura. Estou bem, estou bem. — Unindo ambas as mãos em concha, ela pegou água fria e jogou no rosto, repetindo o processo diversas vezes.

Quando achou que suas pernas a sustentariam, puxou um punhado de papel toalha e secou o rosto. Tão vacilante quanto se estivesse bêbada, saiu tropeçando do banheiro e voltou para o bar barulhento.

Foi empurrada e acotovelada e nem notou. Alguém se ofereceu para lhe comprar um drinque. Alguém se ofereceu para comprá-la. Ela continuou andando sem ver nada além de luzes que a cegavam e corpos sem rostos. No momento em que Cade a alcançou, Bailey estava branca como uma folha de papel. Sem fazer perguntas, ele simplesmente a pegou no colo, para a aprovação alegre dos clientes mais próximos, e a carregou para fora.

— Sinto muito, tive uma tontura.

— Foi uma ideia ruim. — Ele estava se censurando por tê-la levado a um bar de segunda categoria, com frequentadores rudes. — Eu não deveria ter trazido você aqui.

— Não, foi uma ideia maravilhosa. Fico feliz por você me trazer. Eu só precisava de um pouco de ar. — Pela primeira vez, Bailey percebeu que ele a estava carregando, e sentiu um misto de embaraço e gratidão. — Ponha-me no chão, Cade. Estou bem.

— Vou levá-la para casa.

— Não. Há algum lugar onde possamos nos sentar? Apenas nos sentar e tomar ar fresco?

— Claro. — Ele a colocou em pé, mas a observou cuidadosamente. — Há um Café no fim da rua. Podemos nos sentar ao ar livre. Beber alguma coisa.

— Ótimo. — Ela segurou firme na mão dele, deixando-o ir na frente. O barulho da banda do lado de dentro era tão alto que parecia sacudir a calçada. O Café, a poucos metros de distância, estava quase tão cheio quanto o bar, com garçons apressados para entregar expressos e sucos de fruta gelados.

— Eu exagerei — começou ele enquanto puxava uma cadeira para ela.

— Sim, você exagrou. Estou lisonjeada. Inclinando a cabeça, Cade se sentou diante dela.

— Você está lisonjeada?

— Sim. Posso não lembrar de nada, mas não acho que sou burra. — O ar, apesar de ainda quente, era maravilhoso. — Você é um homem incrivelmente atraente. E olho ao redor, aqui mesmo... — Firmando-se, Bailey fez exatamente isso, estudando as pequenas mesas, quase encostadas umas nas outras, sob um toldo verde-escuro. — Mulheres lindas em todos os lugares. Por toda a cidade, onde andamos, dentro daquele bar, aqui neste Café. Mas você exagrou por mim. Então, fico lisonjeada.

— Não era exatamente por esta reação que eu estava esperando. Mas suponho que serve por enquanto. — Ele olhou para o garçom que se aproximou da mesa. — Cappuccino? — perguntou a Bailey.

— Seria perfeito.

— Descafeinado ou regular? — indagou o garçom.

— Café de verdade — replicou Cade e se inclinou para mais perto de Bailey. — Sua cor está retornando.

— Eu me sinto melhor. Uma mulher entrou no toailete feminino.

— Ela discutiu com você?

— Não, não. — Emocionada pelo instinto de defesa imediato de Cade, ela cobriu a mão dele com a sua. — Eu estava me sentindo um pouco trêmula, então ela entrou. Falando sozinha. — Bailey deu um pequeno sorriso. — E, por um minuto, eu achei que a conhecia.

Ele virou a mão, apertou a dela.

— Você a reconheceu?

— Não, não ela, precisamente, embora tenha pensado... Não, foi o tipo da mulher, suponho. Arrogante, exibida, prepotente. Uma ruiva alta num jeans justo, com uma marca no ombro. — Bailey fechou os olhos por um momento, respirou fundo, abriu-os novamente. — MJ.

— Este era o nome no bilhete no seu bolso.

— Está aqui — murmurou ela, massageando as têmporas. — Está aqui, em algum lugar na minha cabeça. E é importante. É vital, mas não consigo focar nisso. Mas há uma mulher; e ela é parte da minha vida. E, Cade, alguma coisa está errada.

— Você acha que ela está em apuros?

— Não sei. Quando comecei a formar uma imagem... quando eu quase podia vê-la... aquela imagem de extrema confiança e habilidade. Como se nada pudesse jamais estar errado. Mas sei

que existe algo errado. E é culpa minha. Só pode ser culpa minha.

Cade meneou a cabeça. Culpa não ajudaria. Não era o ângulo por onde eles precisavam ver.

— Diga o que você vê quando começa a formar essa imagem. Apenas tente relaxar e me conte.

— Cabelos curtos e vermelhos escuros, feições fortes. Olhos verdes. Mas talvez os olhos sejam seus. Mas acho que os dela são verdes, mais escuros que os seus. Eu quase poderia desenhar o rosto dela. Se soubesse desenhar.

— Talvez você saiba. — Ele tirou uma caneta e um bloquinho do bolso. — Tente.

Com o lábio preso entre os dentes, Bailey tentou capturar um rosto em formato triangular. Com um suspiro, largou a caneta no momento que o café foi servido.

— Acho que podemos afirmar com segurança que não sou artista.

— Então conseguiremos um. — Ele pegou o bloco de volta, sorriu para o esboço patético. — Até eu poderia fazer melhor que isso, e, com muito esforço, consegui um "C" em meu semestre de artes. Você acha que pode descrevê-la, as feições?

— Posso tentar. Eu não vejo a imagem claramente. É como tentar focar uma câmera fotográfica que não está funcionando direito.

— Artistas da polícia são bons em unir as coisas. Ela derramou café sobre a borda da xícara.

— A polícia? Temos de procurar a polícia?

— Nada oficial, não se preocupe. Confie em mim.

— Eu confio. — Mas a palavra polícia soava na cabeça de Bailey como um alarme. — Vou confiar.

— Temos algo em mãos para prosseguir: Sabemos que MJ é uma mulher alta e ruiva com uma marca no ombro. Mary Jane, Martha June, Melissa Jo. Você estava com ela no deserto.

— Ela estava no meu sonho. — Sol, céu e pedras. Contentamento. E então medo. —Três de nós no sonho, mas não está claro na minha cabeça.

— Bem, vamos ver se conseguimos um retrato falado. Aí teremos algum lugar para começar.

Bailey olhou para seu café espumoso, pensando que sua vida era simplesmente aquilo, uma nuvem escondendo o centro.

— Você faz tudo parecer fácil.

— São somente passos, Bailey. Você vai dar o próximo passo e ver para onde ele vai levá-la.

Ela assentiu, ainda olhando para o café.

— Por que você se casou com alguém que não amava?

Surpreso, Cade se recostou, respirou fundo.

— Bem, isso é uma bela mudança de assunto.

— Desculpe. Não sei por que perguntei isso. Não é da minha conta.

— Não sei. Sob as circunstâncias, me parece uma questão justa. — Ele tamborinou os dedos impacientemente sobre a mesa. — Eu poderia dizer que me cansei demais da pressão familiar, mas isso seria fugir do problema. Ninguém apontou uma arma para minha cabeça, e eu já tinha mais de 21 anos.

Admitir aquilo o perturbava, percebeu Cade. Ser honesto com Bailey era enfrentar a verdade sem desculpas.

— Nós nos gostávamos bastante, ou pelo menos até nos casarmos. Alguns meses de casamento acabaram com essa amizade.

— Sinto muito, Cade. — Era fácil ver o desconforto na expressão dele, a infelicidade que a lembrança trazia. E embora ela invejasse até mesmo aquela infelicidade, detestava saber que a colocara ali. — Não há necessidade de aprofundar esse assunto.

— Nós éramos bons na cama — continuou Cade, ignorando-a. E manteve os olhos nela quando Bailey afastou-se um pouco. — Até o final, o sexo foi bom. O problema foi que, até o fim, que aconteceu um pouco menos de dois anos depois do começo, a relação era puramente física, sem elos emocionais. Não dávamos a mínima.

Ele não podia ter se importado menos, pensou. Apenas duas pessoas entediadas presas na mesma casa.

— Foi isso que acabou com o casamento. Não houve um outro homem, uma outra mulher. Nenhuma discussão fervorosa sobre dinheiro, carreira, filhos, pratos sujos. Apenas não nos importávamos. E quando paramos de nos importar totalmente, nos tornamos sórdidos. Então os advogados entraram em cena, e a relação ficou ainda mais sórdida. E foi o fim.

— Ela o amava?

— Não — respondeu ele imediatamente. Depois, franziu a testa e olhou para o nada, e mais uma vez tentou ser honesto. A resposta foi triste e magoada: — Ela não me amava, não mais do que eu a amava. E nenhum de nós estava preocupado com isso.

Cade tirou dinheiro da carteira, colocou sobre a mesa e se levantou.

— Vamos para casa.

— Cade. — Ela tocou-lhe o braço. — Você merecia coisa melhor.

— Sim. — Ele olhou para a mão em seu braço, os dedos delicados, os anéis bonitos. — Ela também merecia. Mas é um pouco tarde para isso. — Ergueu-lhe a mão de modo que o anel brilhasse entre os dois. — Você pode esquecer uma porção de coisas, Bailey, mas pode se esquecer do amor?

— Não faça isso.

Ele não voltaria atrás no que ia dizer. Subitamente seu fracasso total de um casamento fora jogado em seu rosto. Não voltaria atrás.

— Se um homem pôs isto em seu dedo, o amor de sua vida, você esqueceria? Poderia esquecer?

— Eu não sei. — Bailey se desvencilhou, correu para a calçada e foi em direção ao carro dele. Quando Cade a virou, os olhos dela estavam brilhando de raiva e cheios de lágrimas. — Não sei.

— Você não esqueceria. Não poderia, se isso fosse importante. Isso é importante.

Ele a beijou com desespero, pressionando-lhe as costas contra um carro e abalando ambos com suas frustrações e desejos. Não havia mais paciência, o lento calor da sedução. O que restava era a pura exigência que borbulhava sob a superfície. E queria-a fraca, vulnerável e tão desesperada quanto ele. Apenas por aquele momento.

Apenas pelo agora.

O pânico veio primeiro, uma onda de medo que a deixou sem fôlego. Não podia responder àquele desejo vivido e violento. Simplesmente não estava preparada para enfrentar aquilo e sobreviver.

Então se rendeu, abruptamente, completamente, sem pensar, parte dela confiando que Cade não a machucaria. E uma outra parte rezando para que ele não fosse capaz. Bailey se entregou ao calor do momento, ao poder atordoante do desejo, viajou alto naquilo por um trêmulo instante.

E soube que poderia não sobreviver mesmo se rendendo.

Ela tremeu, enfurecendo-o. Envergonhando-o. Cade a estava machucando. Quase queria machucá-la, de modo que ela jamais se esquecesse dele. Afinal, não era mais fácil lembrar-se da dor do que da gentileza?

Cade sabia que se Bailey o esquecesse aquilo o mataria.

E se a machucasse, mataria tudo de valor que possuía em seu interior.

Ele a liberou, deu um passo atrás. Instantaneamente, ela cruzou os braços sobre o peito numa postura defensiva que o censurava. Música, vozes e risadas soaram na calçada atrás dele enquanto Cade a seguia.

— Sinto muito.

— Cade...

Ele ergueu as mãos, as palmas para fora. Raramente se descontrolava emocionalmente, mas quando isso acontecia, não tentava racionalizar até estar calmo de novo.

— Sinto muito — repetiu ele. — O problema é meu. Vou levá-la para casa.

E, depois de fazer isso, depois que Bailey estava no quarto com as luzes apagadas, Cade se deitou na rede, de onde podia ver a janela dela.

Não era tanto o fato de examinar sua própria vida, percebeu, que o deixara naquele estado. Conhecia os altos e baixos de sua história, os passos equivocados, os erros tolos. Tinham sido os anéis nos dedos dela, e finalmente encarar o fato de que um homem deveria ter colocado um deles ali. Um homem que podia estar esperando que Bailey recuperasse a memória.

E não se tratava de sexo. Sexo era fácil. Ela se entregaria a ele naquela noite. Cade vira isso quando entrara na cozinha e Bailey estava enterrada em um livro. Soubera que estava pensando nele. Desejando-o.

Agora, pensava que tinha sido tolo por não aceitar o que lhe estava sendo oferecido. Mas não aceitara porque queria mais. Muito mais.

Queria amor; e não era sensato querer amor. Bailey estava sem rumo, com medo, com um problema que nenhum dos dois podia identificar. Todavia, Cade queria que ela se apaixonasse, tão rápida e completamente quanto ele se apaixonara.

Isso não era sensato.

Porém, não dava a mínima para a sensatez.

Resolveria o mistério dela, custasse o que custasse. E, uma vez que fizesse isso, lutaria contra qualquer pessoa que estivesse em seu caminho para continuar com ela. Mesmo que fosse a própria Bailey quem estivesse em seu caminho.

Quando dormiu, ele sonhou. E sonhou com dragões e cavaleiros negros, e uma donzela com cabelos dourados, que estava presa numa torre alta e transformava palha em ricos diamantes azuis.

E, quando dormiu, ela sonhou. E sonhou com raios e horror; e que corria na escuridão segurando firme o poder dos deuses em suas mãos.

Apesar de ter dormido mal, Bailey estava acordada e fora da cama por volta das 7h. Concluiu que possuía algum alarme interno que a acordava todos os dias na mesma hora, e não pôde decidir se aquilo fazia dela uma pessoa tediosa ou responsável. De qualquer forma, se vestiu, resistiu à vontade de seguir o corredor e espiar dentro do quarto de Cade e desceu para fazer café.

Sabia que ele estava zangado com ela. Uma raiva que Bailey não tinha ideia de como dissolver. Cade não falara uma única palavra durante o trajeto de Georgetown para casa, e o silêncio havia sido carregado de tensão e, ela tinha certeza, de frustração sexual.

Imaginou se já teria causado frustração sexual em um homem antes, e desejou não sentir aquele prazer interno, totalmente feminino, ao provocar tal sentimento num homem como Cade.

Todavia, acima de tudo, a rápida mudança de humor dele a deixara triste e confusa. Imaginou se saberia mais sobre a natureza humana do que sobre seu próprio passado.

Perguntou-se se sabia alguma coisa sobre os homens em geral.

Os homens se comportavam daquela maneira inexplicável o tempo todo? E, se assim fosse, como uma mulher inteligente lidava com isso? Deveria agir de modo frio e distante até que ele se explicasse? Ou seria melhor se fosse amigável e casual, como se nada tivesse acontecido?

Como se ele não a tivesse beijado parecendo querer devorá-la? Como se não a tivesse tocado, passado as mãos sobre seu corpo como se tivesse esse direito, como se fosse a coisa mais natural do mundo deixá-la tremendo de desejo.

Então, seu próprio humor mudou de envergonhada para irritada, enquanto abria a geladeira para pegar o leite. Como deveria saber de que forma se comportar? Não tinha ideia se já fora beijada daquela maneira antes, se já havia se sentido daquele jeito, desejado com tanto desespero. Somente porque estava perdida, deveria seguir docilmente em qualquer direção que Cade Parris lhe apontasse?

E se ele a apontasse em direção à cama, ela deveria pular nos lençóis?

Oh, não. Achava que não. Era uma mulher adulta, capaz de tomar suas próprias decisões. Não era tola e não era indefesa. Tinha conseguido contratar um detetive, não tinha?

Que coisa!

Só porque não tinha precedentes para seu próprio comportamento, não significava que não podia começar a estabelecer alguns aqui e agora. Não seria um capacho. Não seria tola.

Não seria vítima.

Bailey bateu a caixa de leite sobre o balcão, olhou pela janela com uma carranca. Era azar de Cade que por acaso, ela o visse dormindo na rede bem no momento em que seu temperamento estava alterado.

Ele não estaria dormindo tão pacificamente se pudesse ver a raiva nos olhos dela, o jeito como cerrava os dentes com pura irritação.

Abastecida para uma batalha, Bailey saiu da casa e atravessou o jardim.

Empurrou a rede com força.

— Quem você pensa que é?

— O quê? — Cade foi rudemente acordado, agarrou as laterais da rede para se equilibrar; o cérebro entorpecido de sono. — O quê? Você não lembra?

— Não banque o engraçadinho comigo. — Ela empurrou a rede mais uma vez enquanto ele se esforçava para se sentar. — Eu tomo minhas próprias decisões, dirijo a minha própria vida... mesmo do jeito que está. Contratei você para descobrir quem eu sou e o que me aconteceu. Não estou lhe pagando para vê-lo de mau-humor porque não vou para a cama com você quando lhe dá vontade.

— Certo. — Cade esfregou os olhos e, finalmente, conseguiu focar no rosto lindo e furioso inclinado sobre ele. — Do que você está falando? Não estou de mau-humor, eu... — Não me diga que não está de mau-humor — interrompeu ela. — Dormindo em um quintal como um vagabundo.

— É o meu quintal. — O fato de precisar dizer aquilo o aborrecia. Aborrecia-o ainda mais ser acordado brutalmente com uma discussão antes que sua mente pudesse começar a funcionar.

— Saindo para dançar — continuou Bailey, andando de um lado para o outro. — Tentando me seduzir na pista de dança, depois tendo um acesso de nervos porque...

— Um acesso de nervos! — Aquilo feria. — Ouça, querida, eu nunca tive um acesso de nervos na vida.

— Eu disse que você teve, e não me chame de querida nesse tom de voz.

— Agora você não gosta do meu tom. — Os olhos verdes se estreitaram perigosamente, revelando uma ameaça de vingança. — Bem, vamos tentar um novo tom e ver como você... — Ele acabou a frase praguejando quando ela puxou a rede e o derrubou no chão.

A primeira reação de Bailey foi de choque, então sentiu uma urgência de se desculpar. Mas quando respirou fundo, conseguiu se recompor, ergueu o queixo no ar e saiu andando.

Cade tinha caído no chão com um estrondo, e podia jurar que ouvira seus ossos estalarem. Todavia, Jogo estava de pé novamente, mancando um pouco, mas rápido o bastante para alcançá-la antes que ela chegasse à porta.

Girou-a de modo que ela o encarasse.

— O que deu em você...

— Você merecia isso. — O sangue parecia ferver na cabeça de Bailey, o coração estava disparado, mas não ia recuar agora.

— Posso saber por quê?

— Por... Tanto faz.

— Bem, isso certamente explica.

— Apenas saia do meu caminho. Vou dar uma volta.

— Não — disse ele precisamente —, você não vai.

— Você não pode me dizer o que fazer.

Cade estimava ter aproximadamente duas vezes o peso dela, e uns vinte centímetros a mais. Seus lábios se curvaram num sorriso irônico.

— Sim, posso. Você está histérica. Aquilo a irritou ainda mais.

— Certamente não estou histérica. Se estivesse, eu tiraria esse sorriso cínico do seu rosto com as unhas, e esmurraria esses seus olhos convencidos...

Para simplificar as coisas, Cade simplesmente a pegou no colo e a carregou para dentro. Ela se debateu, chutou um pouco, mas ele conseguiu colocá-la sentada em uma cadeira da cozinha. Pondo as mãos nos ombros de Bailey, o rosto muito perto do seu, ordenou em tom enérgico:

— Fique.

Se ele não tomasse um café, imediatamente, iria morrer. Ou matar alguém.

— Você está demitido.

— Ótimo, excelente, maravilhoso. — Cade deixou-a resmungar enquanto se servia de café e o bebia como se fosse água. — Meu Deus, que jeito de começar um dia! — Pegou um frasco de aspirina e lutou com a tampa à prova de crianças, enquanto a dor de cabeça aumentava cada vez mais. — Não vou tolerar uma mulher gritando comigo antes mesmo que eu abra os olhos. Seja lá o que estiver acontecendo, querida, espere até que eu... — Cade praguejou de novo, batendo a tampa teimosa sobre a extremidade do balcão.

Sua cabeça estava latejando, o joelho doendo onde havia ralado no chão, e ele poderia facilmente ter mastigado o plástico a fim de conseguir a aspirina.

Praguejando com irritação, pegou uma faca de carne do suporte de madeira acima do balcão e cortou o frasco de plástico até destruí-lo por completo. Com expressão furiosa, virou-se, o frasco de aspirina em uma das mãos, a faca na outra. Os dentes estavam cerrados.

— Agora ouça... — começou.

Os olhos de Bailey giraram para cima, então ela escorregou da cadeira para o chão num desmaio instantâneo, antes que ele pudesse se mover.

— Meu Deus! — A faca caiu no chão, aspirinas rolaram para rodo lado quando o frasco deformado tocou o piso frio. Cade a pegou nos braços e, por falta de um lugar melhor, deitou-a sobre a mesa da cozinha, enquanto ia molhar um pano.

— Vamos, Bailey, volte, querida.

Ele lhe umedeceu o rosto, aqueceu-lhe o pulso com atrito e se censurou. Como podia ter gritado com ela daquela maneira, quando estava tão fragilizada? Talvez seu próximo ato fosse sair e chutar cachorrinhos, pisar em gatinhos...

Quando Bailey gemeu e se movimentou, Cade pressionou-lhe a mão trêmula nos próprios lábios.

— Assim, acorde completamente. — Ela abriu os olhos enquanto ele lhe acariciava os cabelos. — Está tudo bem, Bailey. Acalme-se.

— Ele vai me matar. — Os olhos dela estavam abertos, mas cegos. Agarrou a camisa de

Cade quando o mais puro terror a dominou. — Ele vai me matar.

— Ninguém vai machucar você. Estou bem aqui.

— Ele vai me matar. Ele tem uma faca. Se me encontrar, vai me matar.

Ele queria aconchegá-la nos braços e tranquilizá-la, mas Bailey precisava de sua ajuda. Mantendo a voz calma, tirou os dedos delicados curvados sobre sua camisa e os segurou.

— Quem tem uma faca, Bailey? Quem vai matar você?

— Ele... ele... — Ela podia ver a cena, quase ver, a mão cortando, a faca brilhando repetidamente. — Há sangue para todo lado. Sangue para todo lado. Preciso fugir do sangue. A faca. O raio. Tenho de correr.

Cade a segurou no lugar, manteve a voz calma.

— Onde você está? Conte-me onde está.

— Estou no escuro. As luzes estão do lado de fora. Ele vai me matar. Preciso correr.

— Correr para onde?

— Para qualquer lugar. — A respiração dela estava muito acelerada, dificultando a fala. — Para qualquer lugar. Algum lugar longe. Se ele me encontrar...

— Ele não irá encontrá-la. Não deixarei que a encontre. — Cade segurou-lhe o rosto firmemente nas mãos de modo que ela pudesse encontrar seus olhos. — Acalme-se, agora. Apenas relaxe. — Se Bailey continuasse ofegando daquela maneira, iria hiperventilar e desmaiar novamente. Ele não achou que poderia lidar com aquilo. — Você está segura aqui. Está segura comigo. Entende isso?

— Sim, sim. — Ela fechou os olhos, tremeu inteira. — Sim. Preciso de ar. Por favor, preciso de um pouco de ar.

Cade a pegou no colo de novo e a carregou para fora. Acomodou-a num banco almofadado no pátio e se sentou ao seu lado.

— Acalme-se. Lembre-se, você está segura aqui. Está segura.

— Sim, tudo bem. — Com um esforço, ela respirou profundamente. — Estou bem.

Longe disso, pensou ele. Bailey estava muito pálida, fria e tremendo. Mas a memória estava perto, e ele tinha de tentar trazê-la à tona.

— Ninguém irá machucá-la. Ninguém irá tocar em você aqui. Acredite nisso e tente me contar tudo que lembrou.

— As imagens aparecem borradas. — Ela se esforçou para respirar, embora sentisse uma pressão no peito. — Quando você estava com a faca... — Medo a assolou mais uma vez com força total.

— Eu assustei você. Peço desculpas. — Cade pegou-lhe as mãos, segurou-as. — Eu não a machucaria.

— Eu sei. — Ela fechou os olhos novamente, deixou o sol bater nas pálpebras. — Havia uma faca. Uma lâmina longa e curvada. É linda. O cabo de osso é profundamente entalhado.

— Onde você a viu?

— Não sei. Havia vozes, gritos. Não posso escutar o que eles estão dizendo. É como o oceano, como o som de um oceano violento. — Bailey pôs as mãos nos ouvidos, como se pudesse bloquear o som. — Então, há sangue. Sangue espalhado para todo lado. Pelo chão.

— Que tipo de chão?

— Carpete, carpete cinza. Os raios continuam brilhando, a faca continua brilhando.

— Existe uma janela? Você vê os raios através da janela?

— Sim, eu acho... — Bailey tremeu mais uma vez, e a cena que lutava para se formar em sua mente desapareceu. — Está escuro. Tudo ficou escuro, e preciso fugir. Tenho de me esconder.

— Onde você se esconde?

— É um lugar pequeno, nem mesmo um cômodo, e se ele descobrir, estarei encurralada. Ele tem a faca, posso vê-la. A mão dele sobre o cabo. Está tão perto, se ele se virar...

— Fale-me sobre a mão — disse Cade, interrompendo-a gentilmente. — Como é a mão que você vê, Bailey?

— É escura, muito escura, mas há uma luz ao redor. Uma luz que quase me pega. Ele está segurando a faca e as articulações dos dedos estão brancas. Há sangue nelas. No anel do homem.

— Que tipo de anel, Bailey? — Os olhos de Cade permaneciam intensos nos dela, mas a voz continuava calma e suave. — Como é o anel?

— É de ouro. Uma aliança grossa de ouro. Ouro amarelo. A pedra do centro é um rubi cabochão. De cada lado, há pequenos diamantes lapidados. Iniciais. T e S em letras estilizadas. Os diamantes estão vermelhos de sangue. Ele está tão perto, tão perto que posso sentir o cheiro. Se ele olhar para baixo. Se olhar para baixo e me avistar. Vai me matar, me cortar em pedaços, se me descobrir.

— Ele não a viu. — Incapaz de suportar mais um minuto, Cade a puxou para seu colo, abraçou-a. — Você fugiu. Como você fugiu, Bailey?

— Eu não sei. — O alívio era imenso... os braços de Cade ao seu redor, o sol quente em suas costas, o rosto dele pressionado contra seus cabelos... ela podia ter chorado. — Eu não lembro.

— Está tudo bem. É o bastante.

— Talvez eu o tenha matado. — Ela afastou-se um pouco, olhou para o rosto de Cade. — Talvez eu tenha usado a arma que estava na sacola e o matado.

— A arma estava totalmente carregada, Bailey.

— Eu poderia tê-la recarregado.

— Querida, em minha opinião profissional, você não saberia como fazer isso.

— Mas e se eu...

— E se você fez isso — ele segurou-lhe os ombros, chacoalhou-a de leve —, foi para se proteger. O homem estava armado, você estava apavorada, e, pelo que parece, ele já tinha matado alguém. Qualquer coisa que você tenha feito em legítima defesa está certa.

Bailey saiu do colo e sentou ao lado dele, olhou para o jardim, para as flores, as árvores

velhas, a pequena cerca.

— Que tipo de pessoa eu sou? Há uma possibilidade muito real de eu ter visto alguém ser assassinado. Não fiz nada para impedir, nada para ajudar.

— Seja sensata, Bailey. O que você poderia ter feito?

— Alguma coisa — murmurou ela. — Não fui para um telefone, não chamei a polícia. Simplesmente fugi.

— E se não tivesse fugido, estaria morta. — Pela forma como ela se encolheu, Cade soube que seu tom tinha sido duro. Mas era aquilo de que Bailey precisava. — Em vez disso, está viva e, pouco a pouco, recordando as coisas.

Ele se levantou e começou a andar de um lado para o outro, de modo a não ceder à tentação de aninhá-la em seus braços.

— Você estava em algum tipo de prédio. Numa sala com carpete cinza, provavelmente uma janela. Houve uma discussão e alguém tinha uma faca. Ele a usou. As iniciais dessa pessoa podem ser TS. Ele a seguiu e estava escuro. É muito provável que tenha havido um black-out e o prédio estivesse sem energia elétrica. Uma parte do oeste de Washington ficou sem energia por duas horas na noite antes de você me contratar, então temos dados para verificar. Você conhecia o edifício bem o bastante para encontrar um esconderijo. Eu diria que mora ou trabalha lá.

Cade se virou, notando que Bailey o estava olhado, estudando-o com muita atenção. As mãos estavam firmes sobre o colo.

— Posso checar se alguém reportou um esfaqueamento naquela noite, mas tenho lido os jornais e não houve nenhuma notícia como essa.

— Mas isso aconteceu dias atrás. Alguém deve ter achado... achado um corpo, se havia um.

— Não se ele estava em uma residência particular ou num escritório que fica fechado durante o fim de semana prolongado. Se tivesse mais alguém lá, outras pessoas no prédio quando aconteceu, o crime teria sido reportado. As probabilidades são de que você estivesse sozinha.

Pensar naquilo fez o estômago de Cade se revolver... Bailey sozinha no escuro com um assassino.

— A tempestade não começou antes das dez da noite.

Aquilo era lógico, e o simples movimento da teoria ao fato acalmou-a.

— O que faremos agora?

— Vamos dirigir até a área que ficou sem energia elétrica, começando pelo hotel onde você foi parar.

— Não lembro como cheguei ao hotel, se fui pé ou peguei um táxi.

— Você andou, pegou um ônibus ou metrô. Já verifiquei com a empresa de táxis. Ninguém deixou um passageiro a menos de três quadras do hotel naquela noite. Vamos agir, presumindo que você foi a pé, abalada demais para pensar em pegar um ônibus, e, uma vez que o metrô só funciona até meia-noite, é muito pouco provável que o tenha usado.

Ela assentiu, olhou para as próprias mãos.

— Sinto muito por ter gritado com você antes. Você não merecia isso, depois de tudo o que fez por mim.

— Eu mereci. — Ele enfiou as mãos nos bolsos. — Não posso aceitar o termo "acesso de nervos", mas vou permitir a expressão "mal-humorado". — Cade gostou de ver os lábios dela se curvarem num de seus sorrisos hesitantes quando Bailey ergueu a cabeça.

— Suponho que ambos estávamos mal-humorados. Machuquei você quando o derrubei da rede?

— Meu ego ficará arranhado por um tempo. Além disso, não. — Ele inclinou a cabeça. Houve uma rápida ousadia no movimento, e nos olhos que brilhavam para os dela. — E não tentei seduzi-la na pista de dança, Bailey. Eu a seduzi na pista de dança.

A pulsação dela acelerou um pouco. Ele era tão magnífico, parado ali na luz brilhante do sol, amarrotado, os cabelos escuros desalinhados, as covinhas no rosto e a boca arrogantemente curvada... Qualquer mulher viva, pensou Bailey, ficaria com água na boca.

E tinha certeza de que ele sabia disso.

— Seu ego parece funcionar muito bem, com ou sem arranhão.

— Nós sempre podemos fazer uma reconstituição da cena.

Sentiu um frio no estômago com o pensamento, mas deu um sorriso.

— Fico feliz que você não esteja mais zangado comigo. Acho que não lido muito bem com confrontos.

Cade esfregou o cotovelo, onde perdera diversas camadas de pele com a queda.

— Você parece lidar bem o suficiente. Vou tomar um banho, e depois vamos dar um passeio de domingo.

Havia tantos tipos de prédio! pensou Bailey enquanto Cade dirigia pela cidade. Edifícios novos, edifícios velhos, casas em ruínas e casas novas e bonitas. Prédios comerciais altos, outros com fachadas baixas.

Já havia notado a cidade antes?, se perguntou. As paredes inclinadas de pedra, as árvores se erguendo das calçadas. Ônibus soltando fumaça e emitindo ruídos agudos.

Era sempre tão úmido em julho? O céu de verão sempre tinha a cor de papel? E as flores eram sempre tão cheirosas nos lugares públicos que rodeavam estátuas e enfeitavam jardins ao longo das ruas?

Ela havia comprado em alguma daquelas lojas, comido em um daqueles restaurantes?

As árvores dominaram o lugar novamente, altas e majestosas, alinhando os dois lados da rua, de modo que eles pareciam estar passeando de carro dentro de um parque, em vez de no meio de uma cidade congestionada.

— É como ver tudo pela primeira vez — murmurou ela. — Sinto muito.

— Não importa. Alguma memória virá à sua mente, ou não.

Eles passaram por casas antigas graciosas, de tijolo e granito, depois por uma outra fileira

de lojas, modernas e sofisticadas. Bailey emitiu um pequeno murmúrio, e embora mal tivesse consciência disso, Cade diminuiu a velocidade do carro.

— Lembrou-se de alguma coisa?

— Aquela boutique. Marguerites. Eu não sei.

— Vamos dar uma olhada. — Ele pegou um retorno, então estacionou numa vaga estreita diante de várias lojas luxuosas. — Está tudo fechado, mas isso não significa que não podemos olhar as vitrines. — Inclinando-se, abriu a porta de passageiro, então desceu pela sua porta.

— Talvez eu só tenha gostado do vestido na vitrine — murmurou ela.

O vestido era adorável, o tecido de seda rosa clarinho com alças finas feitas de imitação de diamantes que seguiam até abaixo do corpete.

O traje era completado por uma minúscula bolsa prateada e sapatos com saltos absurdamente altos, também prateados.

A maneira como ela sorria fez Cade desejar que a loja estivesse aberta, de modo que pudesse lhe comprar o vestido.

— É o seu estilo.

— Não sei. — Bailey colocou as mãos sobre o vidro, espiou do lado de dentro pelo simples prazer de olhar para coisas bonitas. — Aquele é um lindo conjunto de linho azul-marinho. Oh, e o vestido vermelho é fabuloso. Feito para fazer você se sentir poderosa e realizada. Eu realmente deveria começar a usar cores mais arrojadadas, mas sempre escolho cores pastéis.

Experimente este verde, Bailey. Ele tem energia. Não há nada mais cansativo do que uma covarde para roupas.

Quanto tempo tenho de ficar parada aqui enquanto vocês duas brincam com roupas? Estou faminta.

Oh, pare de reclamar. Você não fica feliz a menos que esteja comendo ou comprando um jeans novo. Bailey, não este bege tedioso. O verde. Confie em mim.

— Ela me convenceu — murmurou Bailey. — Eu comprei o conjunto verde. Ela estava certa. Sempre está.

— Quem está certa, Bailey? — Ele não a tocou, temendo que mesmo um leve toque no ombro pudesse abalá-la. — É MJ?

— Não, não MJ. MJ está irritada, impaciente, detesta perder tempo. Fazer compras é uma perda de tempo tão grande...

Oh, a cabeça de Bailey doía. Iria explodir a qualquer momento. Mas a necessidade era maior, a necessidade de compreender aquilo. Obter aquela resposta. Seu estômago embrulhou, seu frio com o esforço para conter a náusea.

— Grace — exclamou de repente. — Grace — repetiu enquanto os joelhos tremiam. — O nome dela é Grace. Grace e MJ. — As lágrimas marejaram seus olhos, escorreram pelo rosto enquanto jogava os braços em volta do pescoço de Cade. — Eu já estive aqui. Estive nesta loja. Comprei o conjunto verde. Eu lembro.

— Ótimo. Bom trabalho, Bailey. — Ele a balançou brevemente.

— Não, mas isso é tudo. — Ela pressionou a mão contra a testa. A dor estava insuportável agora. — É tudo de que lembro. Apenas de estar aqui com elas, comprando uma roupa. Isso é tanta tolice! Por que eu me lembraria de comprar um vestido?

— Você lembrou das pessoas. — Cade alisou-lhe a testa com os polegares. Quase podia sentir a dor de cabeça de Bailey. — Elas são importantes para você. Foi um momento feliz, alguma coisa compartilhada.

— Mas não posso me lembrar delas. Não realmente. São apenas sentimentos.

— Você está chegando lá. — Ele beijou-lhe a testa, conduziu-a em direção ao carro. — E está acontecendo rapidamente agora. — Ajudou-a a se sentar, prendeu o cinto de segurança. — E isso lhe causa dor.

— Não importa. Preciso saber.

— Importa para mim. Vou lhe dar um comprimido para dor de cabeça, depois alguma coisa para comer. Então, recomeçaremos.

Argumentos não o persuadiriam do contrário. Bailey tinha de admitir que lutar contra Cade e contra uma dor de cabeça alucinante era uma batalha que estava condenada a perder. Deixou-o colocá-la na cama, obedientemente engolindo a aspirina que ele lhe deu. Fechou os olhos como Cade instruiu, então voltou a abri-los no momento em que ele chegou com uma tigela de canja.

— É sopa enlatada — disse ele, ajeitando os travesseiros nas costas dela. — Mas irá alimentá-la.

— Eu podia ter comido na cozinha, Cade. É uma dor de cabeça, não um tumor. E está quase passando.

— Vou trabalhar duro com você mais tarde. Aceite o mimo enquanto pode.

— Tudo bem, farei isso. — Ela deu uma colherada na sopa. — Está maravilhosa. Você adicionou tomilho.

— Para um pequeno toque francês. O sorriso de Bailey desapareceu.

— Paris — murmurou ela. — Alguma coisa sobre Paris. — A dor de cabeça voltou quando tentou se concentrar.

— Esqueça isso por enquanto. — Cade se sentou ao seu lado. — Eu diria que seu subconsciente a está informando que você não está totalmente pronta para lembrar. Um pouco de cada vez será suficiente.

— Suponho que tem de ser. — Ela sorriu novamente. — Quer um pouco de sopa?

— Já que está me oferecendo. — Ele inclinou-se para frente, deixou-a alimentá-lo, olhando-a fixamente. — Não tão pouco.

Ela deu uma outra colherada. Maravilhosa.

— Do jeito que você é bom na cozinha, me surpreende que sua esposa o tenha deixado escapar.

— Ex-esposa, e tínhamos uma cozinheira.

— Oh. — Bailey alimentou-se mais uma vez, revezando lentamente. — Venho tentando pensar numa maneira de lhe perguntar uma coisa sem parecer rude.

Cade pôs os cabelos dela para trás da orelha.

— Pode perguntar.

— Bem, esta casa adorável, as antiguidades, o carro esporte e luxuoso... E aí, há o seu escritório...

Ele fez uma careta.

— Alguma coisa errada com meu escritório?

— Não. Bem, nada que uma escavadora e uma equipe de operários não pudessem resolver. Simplesmente não combina com o resto.

— Faço questão de que os lucros provenientes do meu negócio paguem as despesas do mesmo, e aquele escritório é tudo que meu trabalho rende até agora. Meu trabalho de detetive paga as contas e apenas um pouco mais. Em um nível pessoal, tenho muito. — Os olhos verdes sorriram para os dela. — Dinheiro, quero dizer. Se é isso que você está perguntando.

— Acho que é. Você é rico, então.

— Depende de sua definição, ou se você fala de mim pessoalmente ou da família inteira. Uma família que possui shopping centers, imobiliárias, esse tipo de coisa. Muitos antepassados médicos, advogados e banqueiros. E eu sou...

— Você é a ovelha negra — terminou Bailey, radiante por ele ser exatamente isso. — Não quis seguir as profissões da família. Não quis ser médico, advogado ou banqueiro.

— Não. Eu queria ser Sam Spade. Encantada, ela riu.

— O Falcão Maltês. Fico feliz que você não tenha querido ser banqueiro.

— Eu também. — Cade pegou a mão que ela pousara em seu rosto, pressionou os lábios ali e a sentiu tremer em resposta.

— Fico feliz por ter encontrado seu nome na lista telefônica. — A voz de Bailey estava embargada pela emoção. — Fico feliz por ter encontrado você.

— Eu também. — Ele tirou a bandeja de entre os dois e a colocou de lado. Mesmo que fosse cego, pensou, teria entendido o que via nos olhos de Bailey naquele momento. E seu coração se alegrou com aquilo. — Eu poderia sair daqui e deixá-la sozinha agora. — Traçou um dedo ao longo da clavícula dela e o deixou descansar na pulsação que batia acelerada no pescoço. — Isso não é o que eu quero fazer.

A decisão era dela, Bailey sabia. Sua escolha. Seu momento.

— Não é isso que quero, também. — Quando ele lhe segurou o rosto nas mãos, Bailey fechou os olhos. — Cade, eu posso ter feito alguma coisa horrível.

Os lábios dele pararam a centímetros dos seus.

— Não me importo.

— Eu posso ter.. Posso ser.. — Determinada a enfrentar aquilo, ela abriu os olhos novamente. — Pode haver uma outra pessoa.

Os dedos de Cade ficaram tensos.

— Eu não me importo.

Bailey suspirou longamente, e se demorou um momento antes de dizer:

— Eu também não — e puxou-o para si.

Aquela era a sensação de ser pressionada contra o corpo de um homem. O corpo excitado e desejoso de um homem. Um homem que a queria mais do que qualquer outra coisa. Por aquele momento.

Era uma sensação de tirar o fôlego. Maravilhosa, excitante e nova. A maneira como ele lhe penteava os cabelos com os dedos enquanto os lábios sensuais cobriam os seus a fazia tremer: O encaixe perfeito das bocas, como se lábios e línguas tivessem sido feitos especialmente para provar o gosto de um amante. E era o gosto de Cade que a preenchia... um gosto forte, másculo e verdadeiro.

O que quer que tivesse acontecido antes, o que quer que viesse depois, isso era o que importava agora.

Bailey correu as mãos sobre ele, e era glorioso. O formato do corpo de Cade, as costas e ombros largos, a cintura estreita, os músculos firmes e sólidos. E, quando suas mãos deslizaram por baixo da camisa dele, o contato com a pele quente a fascinou.

— Oh, como eu queria tocá-lo. — Bailey tocou-lhe o rosto com os lábios. — Tive medo de que nunca pudesse fazer isso.

— Eu a quero desde o momento em que você entrou por aquela porta. — Cade se afastou apenas o bastante para lhe ver os olhos, o castanho profundo neles. — Antes que você entrasse por aquela porta. Desde sempre.

— Isso não faz o menor sentido. Nós não...

— Não importa. Somente isso importa. — Os lábios se fecharam sobre os dela novamente, aprofundando o beijo, mesclando o sabor de ambos.

Ele queria ir devagar, apreciar cada segundo. Parecia que havia esperado por Bailey durante uma vida inteira, de modo que, agora, poderia levar quanto tempo quisesse para tocar, provar, explorar. Cada movimento do corpo dela sob o seu era um presente. Cada suspiro, um tesouro.

Tê-la daquela maneira, com o sol entrando pela janela, com os cabelos dourados brilhando sobre a colcha, o corpo disposto e ansioso, era mais doce do que qualquer sonho.

Eles se pertenciam. Era tudo que ele precisava saber.

Vê-la, abrir cada botão da blusa que comprara para ela, revelando pouco a pouco a pele macia, era tudo que Cade queria. Traçou com a ponta dos dedos a curva dos seios magníficos, e sentiu a pele dela tremer em resposta. Observou os olhos castanhos escurecerem e se focarem nos seus.

— Você é perfeita. — Ele a segurou nos braços. Bailey era pequena, firme e feita para suas mãos.

Inclinando a cabeça, roçou os lábios onde a renda do sutiã encontrava a pele, depois se moveu para cima, preguiçosamente, para o pescoço delicado, o maxilar, e de volta para lhe morder a boca.

Ninguém a beijara daquele jeito antes. Bailey sabia que era impossível tanto cuidado para com uma outra pessoa. Com um gemido suave, se entregou ao beijo, suspirando de prazer

quando Cade a moveu para lhe remover a blusa, tremendo quando ele jogou o sutiã de lado e lhe segurou os seios nas mãos.

E, então, tocou-os com a boca.

Ela gemeu, perdida, gloriosamente perdida em um mar de sensações. Algumas suaves, outras mais rudes, cada uma levando à próxima com incrível gentileza, até se fundirem em simples prazer. Para qualquer lado que se virasse, havia alguma coisa nova e excitante. Quando tirou a camisa de Cade, houve o delicioso deslizar da pele quente contra a sua, a intimidade daquilo, o encontro de dois corações batendo descompassados.

E o coração de Bailey dançava com a provocação dos lábios sensuais, com o roçar dos dentes, com a lenta tortura da língua.

O ar estava denso e doce no momento em que ele lhe deslizou a calça pelos quadris. Bailey se esforçou para respirar, mas cada inspiração era rasa e ofegante. Cade a estava tocando em todos os lugares, as mãos gentis e lentas, mas excitando-a de forma implacável até o calor parecer insano. O corpo dela estava em chamas.

Ela murmurou o nome dele, agarrando a colcha e apertando-a nas mãos enquanto o corpo ficava tenso e procurava por algo fora de seu alcance. Quando se arqueou desesperadamente contra ele, Cade a olhou. Puxou-lhe gentilmente o corpo para cima novamente, até que os lábios de ambos estivessem muito perto, e a observou. Observou-a enquanto, com dedos ágeis e rápidos, a levou ao céu.

Foi o nome de Cade que Bailey chamou quando o calor alcançou o ponto máximo, e o corpo dele que agarrou enquanto o seu próprio tremia.

Era isso que ele queria.

Seu nome ainda estava vibrando nos lábios de Bailey quando Cade a beijou, quando rolou com ela sobre a cama numa busca ansiosa por amar e possuir. Cego de desejo, removeu a calça, tremendo também no momento que ela enterrou a boca em seu pescoço e se roçou contra seu corpo num convite trêmulo.

Bailey era mais generosa do que em qualquer fantasia. Mais generosa do que qualquer desejo. Mais sua do que qualquer sonho.

Com o sol batendo nos lençóis emaranhados, arqueou-se contra ele, se abriu como se o estivesse esperando por uma vida inteira. O coração de Cade disparou violentamente quando deslizou para o interior do corpo magnífico e se moveu para preenchê-la.

Choque o paralisou por um momento, e cada músculo de seu corpo retesou. Mas ela meneou a cabeça, abraçou-o com força e o recebeu.

— Você — foi tudo que Bailey murmurou. — Apenas você.

Cade ficou deitado, imóvel, ouvindo as batidas do coração dela, absorvendo-lhe os tremores com seu próprio corpo. Apenas ele, pensou, e fechou os olhos. Bailey era inocente. Virgem. Um milagre! E seu coração estava dividido entre sentimentos de culpa e puro prazer egoísta.

Ela fora inocente, e ele a amara.

Ela havia sido intocada, até que ele a tocara.

Cade queria implorar que Bailey o perdoasse.

Queria subir no telhado e gritar.

Incerto se qualquer das coisas seria adequada à situação, gentilmente testou o terreno.

— Bailey?

— Hmm?

— Ah, em minha opinião profissional de investigador licenciado, concluo que é extremamente improvável que você seja casada. — Ele sentiu o movimento da risada dela e ergueu a cabeça para lhe sorrir. — Colocarei essa informação em meu relatório.

— Faça isso.

Cade afastou uma mecha dourada do rosto dela.

— Machuquei você? Sinto muito. Nunca pensei...

— Não. — Ela lhe cobriu a mão com as suas. — Você não me machucou. Estou feliz, radiante. Aliviada. — Os lábios se curvaram num suspiro. — Também nunca imaginei isso. Eu diria que ambos estamos surpresos. — Abruptamente, ficou nervosa. — Você não está... desapontado? Se estiver...

— Estou arrasado. Realmente desejei que você fosse casada, com seis filhos. Somente gosto de fazer amor com mulheres casadas.

— Não, eu quis dizer... Foi... Eu fui... Foi tudo bem?

— Bailey! — Com uma risada, Cade rolou de modo que ela pudesse se acomodar em seu peito. — Você foi perfeita. Absolutamente, completamente perfeita. Eu amo você. — Ela ficou imóvel, o rosto pressionado contra o coração dele. — Você sabe que eu a amo — sussurrou. — Desde o momento em que a vi.

Agora ela sentiu vontade de chorar; porque aquilo era tudo o que queria ouvir; e nada do que podia aceitar.

— Você não me conhece.

— Nem você se conhece.

Bailey ergueu a cabeça, balançou-a freneticamente.

— Essa é exatamente a questão. Brincar sobre isso não muda a verdade.

— Aqui vai a verdade, então. — Ele se sentou, segurou-a firmemente pelos ombros. — Estou apaixonado por você. Apaixonado pela mulher que estou segurando agora. Você é exatamente o que quero, o que preciso, e querida... — ele a beijou de leve —, vou ficar com você.

— Sabe que não é tão simples assim.

— Não estou pedindo uma coisa simples. — Cade baixou as mãos, pegou as dela. — Estou lhe pedindo que se case comigo.

— Isso é impossível. — Em pânico, Bailey tentou afastar as mãos, mas ele as apertou calmamente e a manteve no lugar. — Você sabe que isso é impossível. Não sei de onde vim, o que fiz. Eu o conheci três dias atrás.

— Tudo isso faz sentido, ou faria, exceto por uma coisa. — Ele a puxou para si e jogou a

cautela ao vento com um beijo.

— Não faça isso. — Muito abalada, Bailey envolveu os braços ao redor do pescoço dele, apertou-o com força. — Não faça isso, Cade. De qualquer jeito que tenha sido minha vida, agora está uma confusão. Preciso encontrar as respostas.

— Nós encontraremos as respostas. Prometo-lhe isso. Mas quero uma promessa sua agora. — Ele a afastou. Tinha esperado as lágrimas, sabendo que estariam brilhando nos olhos de Bailey, lhes dando um tom profundamente dourado. — Diga que me ama, Bailey, ou diga que não me ama.

— Eu não posso...

— É apenas uma pergunta — murmurou ele. — Você não precisa do passado para responder isso.

Não, ela não precisava de nada além de seu próprio coração.

— Não posso lhe dizer que não o amo porque não posso mentir para você. — Ela meneou a cabeça, pressionou os dedos nos lábios de Cade antes que ele pudesse falar. — Não vou dizer que o amo porque não seria justo. Essa é uma resposta que terá de esperar até que eu conheça todas as outras. Até que eu saiba quem é a mulher que lhe dirá isso. Dê um tempo para mim. — Sim, lhe daria tempo, pensou quando a cabeça de Bailey se aninhou em seu ombro novamente. Porque nada, nem ninguém, iria tirá-la dele, o que quer que encontrassem no passado dela.

Cade gostava de dizer que chegar a uma solução era apenas uma questão de seguir passos. Bailey se perguntou quantos passos mais eles teriam de dar. Sentia como se tivesse subido uma escada muito longa naquele dia, e, quando chegara ao topo, estava perdida como sempre.

Não inteiramente verdade, disse a si mesma enquanto estava sentada à mesa da cozinha com um bloco de papel e uma caneta. Até mesmo a necessidade de fazer uma lista sobre as coisas que sabia indicava que era uma pessoa organizada, e que gostava de rever as coisas com clareza.

Quem é Bailey?

Uma mulher que habitualmente acordava no mesmo horário todos os dias. Aquilo fazia dela uma pessoa tediosa e previsível ou responsável? Gostava de café preto e forte, ovos mexidos e bifês ao ponto. Gostos bastante comuns. Seu corpo era bem-delineado e firme, não particularmente musculoso e sem marcas de bronzamento. Portanto, não era fanática por musculação ou pelo sol. Talvez tivesse um emprego que a mantinha num ambiente fechado.

O que significava, pensou levemente divertida, que não era lenhadora ou salva-vidas.

Era destra, loira de olhos castanhos, e muito provavelmente a cor de seus cabelos era natural ou perto do que sempre fora.

Sabia muita coisa sobre pedras preciosas, o que podia significar que aquilo era um hobby, uma carreira, ou simplesmente alguma coisa que gostava de usar. Possuía um diamante que valia uma fortuna, que tinha roubado, comprado... altamente improvável, pensou... ou ganhado acidentalmente por alguma razão.

Havia testemunhado um ataque violento, possivelmente um assassinato, e fugido.

O fato fez sua cabeça começar a latejar de novo e, por isso, desviou o pensamento.

Cantarolava música clássica no chuveiro e gostava de assistir a filmes clássicos na televisão. E não podia entender o que isso dizia sobre sua personalidade ou sobre seu passado.

Gostava de roupas sofisticadas, de tecidos finos, e evitava cores berrantes a menos que pressionada.

Preocupava-a o fato de que pudesse ser vaidosa e fútil.

Mas tinha pelo menos duas amigas que compartilhavam parte de sua vida. Grace e MJ, MJ e Grace. Bailey escreveu os nomes no bloco, esperando que a simples repetição pudesse despertar alguma lembrança.

Suas amigas eram importantes para ela, podia sentir isso. Temia por elas e não sabia por quê. Sua mente podia estar em branco, mas seu coração lhe dizia que as amigas eram muito especiais, mais íntimas do que qualquer outra pessoa no mundo.

Mas tinha medo de confiar no coração.

Havia uma outra coisa que Bailey sabia e não queria escrever no papel, não queria rever com clareza.

Não tinha um amor. Não havia ninguém de quem gostasse o bastante para ter intimidade. Talvez, na vida que levasse, fosse muito crítica, muito intolerante, autocentrada demais para aceitar um homem em sua cama.

Ou talvez fosse comum demais, tediosa e indesejável demais para que um homem a aceitasse na dele.

De qualquer forma, tinha um amante agora.

Por que o ato de amor não lhe parecera estranho, ou assustador, como era, aparentemente, para todas as mulheres numa primeira vez? Em vez disso, com Cade, havia sido tão natural quanto respirar.

Natural, excitante e perfeito.

Ele dizia que a amava, mas como ela podia acreditar nisso? Cade conhecia apenas uma parte sua, uma fração de um todo. Quando sua memória retornasse, ele podia descobrir nela o tipo de mulher que o desgostava.

Não, não confiaria no que Cade dissera para aquela Bailey até que conhecesse a mulher completa.

E quanto aos seus sentimentos? Com uma pequena risada, Bailey pôs a caneta de lado. Tinha sido atraída por Cade instantaneamente, confiado nele completamente no instante em que lhe apertara a mão. E se apaixonado quando o observara de pé na cozinha, quebrando ovos dentro de uma tigela branca.

Mas não podia confiar em seu coração nesse caso, também. Quanto mais se aproximavam de encontrar a verdade, mais a hora em que talvez tivessem de se separar se aproximava.

Por mais que ela quisesse, eles não podiam deixar a sacola de lona e seus conteúdos no cofre de Cade, esquecer que existiam e continuar como se nada tivesse acontecido.

— Você esqueceu algumas coisas.

Com um sobressalto, Bailey virou a cabeça rapidamente e olhou para o rosto de Cade. Há quanto tempo, se perguntou, ele estava em pé ali atrás, lendo suas anotações, enquanto ela pensava nele?

— Pensei que talvez escrever o que sei pudesse ajudar.

— É sempre um bom plano. — Ele foi até a geladeira, pegou uma cerveja, serviu um chá gelado para ela.

Bailey permaneceu sentada, sentindo-se tola e desajeitada, as mãos juntas no colo. Eles realmente haviam rolado nus numa cama banhada pelo sol uma hora antes? Como lidar com tal intimidade numa cozinha pequena, no meio de drinques e enigmas?

Cade não parecia ter problemas com isso. Sentou-se diante dela, colocou os pés numa cadeira vazia e puxou o bloco para si.

— Você é uma pessoa que se preocupa demais.

— Sou?

— Claro. — Ele virou uma página, começou uma nova lista. — Você está preocupada agora. O que deveria dizer a esse sujeito, agora que são amantes? Agora que sabe que ele está loucamente apaixonado por você, que quer passar o resto da vida ao seu lado?

— Cade...

— Só estou enunciando os fatos. — E, se os declarasse com frequência, imaginava que Bailey finalmente os aceitaria. — O sexo foi maravilhoso, e aconteceu com naturalidade. Então, você se preocupa com isso, também. Por que deixou este homem que conhece por um fim de semana levá-la para a cama, quando nunca deixou um outro homem chegar tão perto assim? — Ele a olhou intencionalmente. — A resposta é elementar. Você também está loucamente apaixonada por mim, mas tem medo de admitir.

Ela pegou o copo, bebeu e esfriou a garganta.

— Eu sou covarde?

— Não, Bailey, você não é covarde, mas fia constantemente preocupada que seja. Você é a campeã das preocupações. E uma mulher, acredito, que dá muito pouco crédito às suas forças e tem pouquíssima tolerância por suas fraquezas. Autocrítica.

Cade escreveu isso também, enquanto ela franzia o cenho para as palavras no papel.

— Parece-me que alguém na minha situação precisa tentai julgar a si mesma.

— Prática, lógica. — Cade continuou a coluna. — Agora, deixe-me julgar por um momento. Você é generosa, responsável, organizada. E uma criatura de hábitos. Eu diria que ocupa alguma posição que requer tais características, assim como um bom intelecto. Seus hábitos de trabalho são disciplinados e precisos. Você também tem um bom senso estético.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Bailey, esquecer quem você é não muda quem você é. Essa é a sua grande falha no raciocínio em questão. Se detestava couve-de-bruxelas antes, provavelmente vai continuar detestando. Se era alergia a gatos, ainda vai espirrar se acariciar um. E se você é forte, tem boa moral e um coração generoso, ele ainda está batendo em seu peito. Agora, vou parar por aqui.

Ela virou o rosto, se esforçando para ler de ponta-cabeça.

— O que você está escrevendo?

— Você é fraca para beber. Provavelmente alguma coisa no seu metabolismo. E acho que nesse ponto, poderíamos tomar um vinho mais tarde, assim poderei me aproveitar disso. — Cade sorriu. — E você enrubesce. É uma reação física antiga e doce. É muito limpa e organizada. Pendura as toalhas depois que tomou banho, lava os pratos, arruma sua cama pela manhã.

Havia outros detalhes, pensou ele. Ela balançava os pés quando estava nervosa, os olhos tinham um brilho dourado quando ficava excitada, a voz se tornava fria quando estava irritada.

— Você teve uma boa educação, provavelmente no Norte, pelo seu sotaque. Eu diria que se concentrava nos estudos como uma boa menina e não namorava muito. Caso contrário, não teria sido virgem até algumas horas atrás. Aí está, você corou de novo. Adoro quando faz isso.

— Não entendo o propósito do que você está fazendo.

— Há esse seu tom de voz frio e educado. Agora, se me permite... — acrescentou ele, então bebeu um gole de cerveja — seu corpo é delgado e a pele macia. Ou cuida bem dos dois ou teve muita sorte geneticamente. A propósito, gosto do seu unicórnio.

Bailey pigarreou.

— Obrigada.

— Não, eu é que agradeço — disse Cade, e riu. — De qualquer forma, você deve ganhar bem para poder comprar boas roupas. Aquelas suas sandálias italianas clássicas custam cerca de 250 dólares em qualquer loja de departamentos. E a sua lingerie era de seda. Eu diria que as roupas de baixo de seda e o unicórnio seguem o mesmo padrão. Você gosta de ser um tanto ousada sob a superfície tradicional.

Ela estava boquiaberta.

— Você olhou as minhas roupas? Minha lingerie?

— O pouco que havia, e tudo em nome da investigação — replicou ele. — Peças muito sensuais, simples e caras. Eu diria que seda cor de pêssego ficaria maravilhosa em você.

Bailey emitiu um som estrangulado, depois ficou em silêncio. Realmente não havia nada para dizer.

— Eu não sei qual é a renda anual média de uma gemóloga ou de uma designer de joias... mas aposto que você é uma das duas coisas. Estou inclinado a dizer que tem uma carreira científica e desenha joias como passatempo.

— Essa é uma suposição muito infundada, Cade.

— Não, não é. Somente mais um passo. As peças do quebra-cabeça estão aqui. Não acha que um diamante como aquele no cofre requereria os serviços de um gemólogo? A autenticidade da pedra teria de ser verificada, o valor, estimado. Exatamente do modo que você verificou e estimou ontem.

As mãos de Bailey tremeram, e ela as colocou de volta no colo.

— Se isso é verdade, então é provável que eu tenha roubado a pedra.

— Não, não é. — Impaciente com ela, Cade bateu a caneta com força contra o bloco. — Olhe para os fatos. Por que não pode enxergar por si mesma? Você não roubaria um chiclete. O fato de se consumir de culpa apenas sobre a possibilidade de ter feito alguma coisa ilegal não lhe dá uma dica?

— O fato, Cade, é que a pedra está em minha posse.

— Sim, e não passou por essa sua mente ordenada, lógica e responsável que você pode estar protegendo a pedra?

— Protegendo-a? De...

— Da pessoa que matou para colocar as mãos na pedra. Do homem que teria matado você se a tivesse encontrado. É isso que faz sentido, Bailey, é isso que encaixa. E existem três pedras, então você deve saber onde estão as outras também. Talvez esteja protegendo todas elas.

— Como?

Cade tinha algumas ideias sobre aquilo, também, mas não achava que ela estava pronta para ouvir.

— Vamos descobrir isso. Por enquanto, dei alguns telefonemas. Teremos um dia ocupado amanhã. A desenhista da polícia virá pela manhã, ver se pode ajudá-la a formar imagens. E consegui contatar um dos curadores, ou como quer que sejam chamados no museu Smithsonian. Temos uma hora marcada para amanhã à 1 h.

— Você conseguiu marcar uma hora num feriado?

— É onde o nome Parris e o dinheiro são úteis. Você sugere que fará uma doação para as instituições e muitas portas fechadas se abrem. E veremos se aquela butique vai abrir para os turistas, e descobriremos se alguém se lembra de ter vendido um conjunto verde.

— Não parece que estamos fazendo o bastante.

— Minha querida, conseguimos muita coisa em pouco tempo.

— Você tem razão. — Bailey se levantou, andou até a janela. Havia um melro sobre o galho da árvore, cantando alto. — Não posso sequer começar a lhe dizer o quanto estou agradecida.

— Mandarei a conta pelos serviços profissionais

— disse ele brevemente. — E não quero gratidão.

— Mas sou muito grata, queira você ou não. Você tornou essa situação suportável. Mais do que isso. Não sei quantas vezes me fez sorrir, ou rir, ou apenas esquecer de tudo isso por um pequeno período de tempo. Acho que eu teria enlouquecido sem você, Cade.

— Vou estar sempre do seu lado, Bailey. Você não será capaz de se livrar de mim.

— Você está acostumado a conseguir o que quer

— murmurou ela. — Será que eu estou? Não sinto que isso seja verdade no meu caso.

— Isso é algo que você pode mudar.

Ele estava certo. Era uma questão de paciência, perseverança, controle. E talvez de querer as coisas certas. Ela o queria. Queria pensar que, um dia, estaria parada ali, ouvindo o canto de

verão dos pássaros enquanto Cade adormecia na rede. Aquela poderia ser a casa deles em vez da casa de Cade. A vida deles. A família deles.

Se aquela fosse a coisa certa, Bailey poderia perseverar.

— Vou lhe fazer uma promessa. — Bailey seguiu o instinto e se virou, permitindo que o coração fosse impulsivo. Cade era tudo de que ela precisava, sentado lá com seu jeans rasgado no joelho, os cabelos longos, os pés descalços. — Se, quando tudo isso acabar, quando todos os passos forem dados, todas as peças estiverem no lugar para formar um todo... se eu puder e você ainda me quiser, eu me caso com você.

O coração de Cade bateu mais forte no peito. A emoção lhe deu um nó na garganta. Muito cuidadosamente, pôs a garrafa de lado e se levantou.

— Diga que você me ama.

O amor estava lá, no coração de Bailey, implorando para ser declarado. Mas ela meneou a cabeça.

— Quando tudo estiver terminado e você souber de tudo. Se ainda me quiser.

— Esse não é um tipo de promessa adequada para mim. Sem qualificações, Bailey. Sem "quando", sem "se". Apenas você.

— Isso é tudo que posso lhe dar. É tudo que tenho.

— Podemos ir a Maryland na terça-feira, conseguir uma licença. Casar em alguns dias.

Ele podia ver aquilo. Os dois, loucamente apaixonados, acordando algum juiz de paz e tirando-o da cama no meio da noite. De mãos dadas na sala de estar enquanto um velho cachorro dormia num tapete trançado, a esposa do juiz de paz tocando piano enquanto Cade e a mulher que amava trocavam as alianças e os votos que os uniriam.

— Não há exames de sangue em Maryland — continuou ele. — Tudo que temos de fazer é preencher alguns formulários.

Ele estava falando sério. Bailey ficou impressionada ao ver, naqueles olhos profundamente verdes, que ele falava muito sério. Cade a aceitaria exatamente como ela era, a amaria em qualquer condição.

Como poderia deixá-lo fazer isso?

— E que nome você colocaria no formulário?

— Tanto faz. Você terá o meu nome. — Ele segurou-lhe os braços, puxou-a para si. Em toda sua vida, não houvera ninguém de quem precisasse tanto. — Aceite o meu.

Simples assim, pensou Bailey quando os lábios dele tocaram os seus. Aceitar o que era oferecido... o amor, a segurança, a promessa. Deixar o passado chegar da forma que fosse, deixar o futuro à deriva e viver o momento.

— Sabe que isso não seria certo. — Ela pressionou o rosto no dele. — Você precisa conhecer a verdade tanto quanto eu.

Talvez ele precisasse. Por mais que a fantasia de uma união impulsiva fosse atraente, criar uma identidade falsa para Bailey não era a resposta de que nenhum deles precisava.

— Poderia ser divertido. — Ele se esforçou para amenizar o clima tenso. — Como praticar

para quando for para valer. — Afastou-se para lhe estudar o rosto. Delicado, a expressão preocupada. Adorável. — Você quer um casamento bonito, Bailey? Um vestido branco e um órgão tocando?

Como seu coração suspirou com a imagem, ela conseguiu sorrir.

— Acho que eu gostaria. Pareço ter uma alma tradicional.

— Então, devo lhe comprar um diamante tradicional.

— Cade...

— Só estou especulando — murmurou ele, e lhe ergueu a mão direita. — Não, por mais que sua alma seja tradicional, seu gosto por joias é único. Vamos achar alguma coisa adequada. Mas eu provavelmente terei de levá-la para conhecer minha família. — Cade a fitou e riu. — Que Deus lhe ajude.

Apenas um jogo, pensou ela, somente fingimento. Bailey sorriu de volta.

— Eu adoraria conhecer sua família. Ver Camilla fazer piruetas em sua roupa de bailarina.

— Se conseguir passar por isso e ainda quiser se casar comigo, saberei que você está perdidamente apaixonada. Eles vão interrogá-la, querida. Um interrogatório muito minucioso. Onde você estudou, o que seu pai faz, sua mãe joga bridge ou tênis? E, a propósito, de que clubes você é sócia, e se eu a conheci numa pista de esqui na última temporada de St. Moritz.

Em vez de deixá-la aborrecida, aquilo a fez rir.

— Nesse caso, é melhor eu descobrir as respostas.

— Gosto de inventar coisas para eles. Levei uma policial ao aniversário de 10 anos de casamento de Muffy. Não consegui me livrar da festa. Nós dissemos a todos que ela era sobrinha do primeiro-ministro italiano, educada num colégio interno na Suíça e interessada em adquirir uma segunda residência em Washington.

As sobrancelhas de Bailey se arquearam.

— Oh, verdade?

— Eles só faltaram babar em cima dela. Nada parecido com a reação que teriam se soubessem a verdade.

— Qual era?

— Ela era uma policial fardada que cresceu em Little Italy, em Nova York, e foi transferida para Washington depois de seu divórcio de um cara que dirigia uma cantina perto da Broadway.

— Ela era bonita?

— Claro. — O sorriso de Cade foi amplo. — Fabulosa. E teve a cantora de Chevy Chase que...

— Acho que não quero saber. — Ela se virou, pegou seu copo vazio e foi lavá-lo na pia para se ocupar. — Você namorou muitas mulheres, suponho.

— Isso depende de sua definição de "muitas". Eu provavelmente poderia fazer uma lista de nomes, idades, descrições físicas e últimos endereços conhecidos. Quer digitar isso para mim?

— Não.

Encantado, Cade lhe roçou a nuca com o nariz.

— Só pedi uma única mulher em casamento.

— Duas — corrigiu ela, e colocou o copo agora limpo sobre o balcão com mais força do que o necessário.

— Uma. Eu não pedi Carla em casamento. Foi algo que simplesmente aconteceu. E agora ela está feliz num novo casamento... pelo que sei... com um advogado bem-sucedido, e é a orgulhosa mãe de uma garotinha chamada Eugenia. Portanto, isso quase não conta de qualquer forma.

Bailey mordiscou o lábio.

— Você não quis filhos?

— Sim, eu quis. Quero. — Ele a virou e a beijou gentilmente. — Mas nenhuma de nossas filhas se chamará Eugenia. Agora, o que me diz de pensarmos em sair para jantar num lugar tranquilo e romântico? Depois, podemos ver os fogos de artifício.

— Está cedo para jantar.

— Por isso eu disse para pensarmos sobre isso. — Ele a ergueu nos braços. — Primeiro, precisamos subir e fazer amor novamente.

A pulsação de Bailey acelerou quando curvou os braços ao redor do pescoço dele.

— Temos?

— Isso vai ajudar a passar o tempo. A menos que você queira jogar baralho.

Rindo, ela traçou uma linha de beijos no pescoço de Cade.

— Bem, se essas são minhas únicas alternativas...

— Aqui vai uma ideia. Podemos brincar de strip-tease, com direito a roubar, e, dessa forma... Droga.

— Ele estava na metade da escada, com Bailey já excitada em seus braços, quando a campainha tocou.

— Não esqueça esta ideia, certo? — Colocando-a no chão, foi atender a porta.

Uma espiada pela moldura de vidro ao redor da porta o fez gemer.

— Na hora certa, como sempre. — Com uma das mãos na maçaneta, Cade se virou, olhou para Bailey. — Querida, a mulher do outro lado desta porta é minha mãe. Entendo que você expressou um leve interesse em conhecer minha família, mas estou lhe dando uma chance porque eu a amo. Realmente a amo. Então, eu a aconselho a correr; se esconder e não olhar para trás.

O nervosismo a invadiu, mas ela endireitou os ombros.

— Pare de ser tolo e abra a porta.

— Tudo bem, mas eu a avisei. — Preparando-se, ele abriu a porta e deu um sorriso brilhante de boas-vindas. — Mãe! — Como era esperado, beijou-lhe a face suave. — Que surpresa boa!

— Eu não precisaria surpreendê-lo se você retornasse meus telefonemas. — Leona Parris entrou no foyer.

Ela era, percebeu Bailey, impressionada, à primeira vista, uma mulher espetacular. Certamente, com três filhos adultos e vários netos, devia ter no mínimo 50 anos. E poderia ter passado por 35.

Os cabelos eram castanhos, escuros com mechas douradas, e penteados num elegante coque francês, que complementava um rosto suave com olhos verdes frios, um nariz estreito e boca amuada. Usava um elegante conjunto bronze que lhe moldava a cintura estreita.

Os topázios nos brincos eram lapidados em formato quadrado, e tão grandes quanto o polegar de uma mulher, e ganharam a instantânea admiração de Bailey.

— Ando ocupado — começou Cade. — Alguns casos e alguns assuntos pessoais.

— Certamente não quero ouvir sobre seus casos, como você os chama. — Leona colocou a bolsa de couro sobre a mesa do foyer. — E quaisquer que sejam seus assuntos pessoais, isso não é desculpa para negligenciar os compromissos familiares. Você me deixou numa posição muito embaraçosa com Pamela. Tive de dar suas desculpas patéticas.

— Você não teria precisado dar desculpas se não tivesse marcado o encontro em primeiro lugar. — Ele podia sentir os velhos argumentos borbulhando em seu interior; e lutou para não cair nas armadilhas previsíveis da família. — Lamento tê-la colocado numa posição embaraçosa. Quer um café?

— O que quero, Cade, é uma explicação. No churrasco no jardim de Muffy ontem... ao qual você também não compareceu... Ronald me contou uma história louca sobre você estar noivo de uma mulher de que nunca ouvi falar, e que tem uma ligação com a princesa de Gales.

— Bailey. — Praticamente tinha se esquecido dela, então Cade se virou, ofereceu um sorriso envergonhado e estendeu uma das mãos. — Bailey, venha conhecer minha mãe.

Oh, meu bom Deus, foi tudo que surgiu na mente de Bailey enquanto descia a escada.

— Leona Parris, esta é Bailey, minha noiva.

— Sra. Parris. — A voz de Bailey tremeu de leve quando ofereceu a mão. — É maravilhoso conhecê-la. Cade me falou muito sobre a senhora.

— Verdade? — Com certeza, atraente, pensou Leona. Bem vestida, bem tratada. — Lamento que ele não tenha me falado absolutamente nada sobre você. Desculpe-me, não entendi seu nome todo.

— Bailey só está nos Estados Unidos há alguns meses — murmurou Cade, todo alegre e encantado. — Estou mantendo-a só para mim. — Ele passou um braço ao redor dos ombros de Bailey, apertou-os de leve num gesto possessivo. — Tivemos um flerte tumultuado, não foi, querida?

— Sim — respondeu Bailey com fraqueza. — Tumultuado. Pode-se dizer isso.

— E você é designer de joias. — Lindos anéis, notou Leona. Únicos e atraentes. — Uma prima distante da princesa de Gales.

— Bailey não gosta de mencionar nomes — disse Cade rapidamente. — Querida, talvez você deva ir dar aqueles telefonemas. Lembre-se da diferença de horário em Londres.

— Onde vocês se conheceram? — Leona quis saber.

Bailey abriu a boca, esforçando-se para lembrar se eles tinham falado essa parte da mentira para Ronald.

— Na verdade...

— No museu Smithsonian — interrompeu Cade suavemente. — Na frente do Hope. Eu estava pesquisando um caso, e Bailey estava esboçando designs. Ela parecia tão intensa e tão artística. Precisei de vinte minutos de lábia enquanto a seguia... lembra que você ameaçou chamar a segurança, querida? Mas finalmente eu a convenci de tomar um café. E falando em café...

— Isso é ridículo — disse Bailey, interrompendo-o. — Totalmente ridículo. Cade, esta é sua mãe e não vou tolerar isso. — Ela se virou, encarou Leona diretamente. — Nós não nos conhecemos no Smithsonian, e a princesa de Gales não é minha prima. Pelo menos, duvido muito que seja. Conheci Cade na sexta-feira de manhã, quando fui ao escritório dele para contratá-lo. Eu precisava de um investigador particular porque estou com amnésia, um diamante azul, um revólver e mais de um milhão de dólares em dinheiro vivo.

Leona esperou dez segundos, enquanto batia, ritmicamente, um dos pés no chão. Então, firmou os lábios.

— Bem, posso ver que nenhum de vocês dois pretende me contar a simples verdade. Uma vez que preferem inventar histórias absurdas, posso apenas concluir que são feitos um para o outro.

Ela pegou a bolsa e marchou para a porta com incrível dignidade em cada passo.

— Cade, voltarei a lhe falar quando você decidir me contar a verdade.

Enquanto Bailey apenas olhava, Cade sorria como um bobo para a porta que sua mãe havia batido.

— Eu não entendo. Conte a verdade a ela.

— E agora sei o que a expressão "a verdade pode libertá-lo" significa. — Ele deu uma gargalhada alta, pegou-a de novo nos braços. — Ela está tão furiosa que vai me deixar em paz por uma semana. Talvez duas. — Deu um beijo entusiasmado em Bailey enquanto se dirigia para a escada. — Sou louco por você. Quem teria pensado que contar a história verdadeira a minha mãe a faria me deixar em paz?

Ainda rindo, carregou-a para o quarto e a deitou sobre o colchão.

— Precisamos comemorar. Tenho champanhe gelando. Vou embriagar você de novo.

Afastando os cabelos do rosto, ela se sentou.

— Cade, ela é sua mãe. Isso é vergonhoso!

— Não, é sobrevivência. — Ele se inclinou e lhe deu um beijo estalado dessa vez. — Oh, minha querida, ambos seremos ovelhas negras agora. Não posso lhe dizer o quão mais divertido isso vai ser para mim.

— Não acho que queira ser uma ovelha negra — disse Bailey quando ele saiu para ir buscar o champanhe.

— Tarde demais. — A risada de Cade ecoou de volta para ela.

Eles realmente saíram para jantar. Mas se contentaram com hambúrgueres e batatas, fritos em óleo de amendoim numa feira rural em um parque de diversões em Maryland. Cade tinha pensado em um pequeno restaurante romântico, seguido por um passeio no meio da multidão no centro da cidade, a fim de verem o grande show de fogos de artifício.

Então, uma inspiração. Rodas-gigantes e barracas de tiro ao alvo. Música ao vivo, luzes girando, o brilho dos vaga-lumes em algum campo próximo, com fogos de artifício para coroar tudo.

Aquele era, pensou, o primeiro encontro romântico perfeito.

Quando Cade lhe disse exatamente isso, enquanto Bailey se agarrava a ele com gritos presos na garganta no carrinho que girava loucamente no ar, ela riu, fechou os olhos com força e esperou que sobrevivesse.

Ele queria andar em todos os brinquedos do parque, e a puxava de fila em fila, tão ansioso quanto qualquer uma das crianças que puxavam as mãos dos pais. Bailey foi girada, chacoalhada, balançada, até que sua cabeça pareceu rodar e o estômago enjoou.

Então, Cade lhe ergueu o rosto a fim de inspecionar e declarou que, uma vez que ela ainda não estava verde, eles podiam fazer tudo de novo.

E eles fizeram.

— Agora, você precisa de um prêmio — decidiu ele quando Bailey saiu do Polvo.

— Chega de algodão-doce. Estou lhe suplicando.

— Eu estava pensando mais num elefante. — Ele passou um braço ao redor da cintura dela e a conduziu para a barraca de tiro ao alvo. — Aquele roxo grande ali em cima.

O bicho de pelúcia tinha noventa centímetros de altura, com uma tromba dobrada, e unhas dos pés pintadas de cor-de-rosa brilhante. Um elefante. O pensamento de elefantes iluminou o rosto dela com um sorriso radiante.

— Oh, é maravilhoso. — Bailey sorriu, piscou para Cade. — Eu o quero.

— Então, é meu trabalho consegui-lo para você. Espere aí atrás, mocinha. — Ele pegou algumas notas e escolheu a sua arma. Coelhos e patos de rostos vermelhos rolavam, com ocasionais lobos ou ursos surgindo em alguns momentos para ameaçar. Cade mirou a espingarda e atirou.

Bailey sorriu, depois aplaudiu, então ficou boquiaberta quando os bichos evaporaram aos montes.

— Você não errou nenhuma vez! — Ela o olhou.

— Nenhuma vez!

A expressão de admiração no rosto de Bailey o fez se sentir como um adolescente se exibindo para a rainha do baile.

— Ela quer o elefante — disse ele para o atendente, então riu quando Bailey se atirou em seus braços.

— Obrigada! Você é maravilhoso! É incrível! Uma vez que cada declaração era pontuada por beijos ávidos, ele pensou que ela poderia querer o cachorro marrom de orelhas caídas, também.

— Quer mais um?

— Homem, vocês estão acabando comigo — murmurou o atendente, então suspirou quando Cade colocou mais notas sobre o balcão.

— Quer tentar? — Cade ofereceu a arma a Bailey.

— Talvez. — Ela mordiscou o lábio e estudou sua presa. Tinha parecido bem simples quando Cade fizera aquilo. — Tudo bem.

— Apenas mire no pequeno V no fim do cano

— começou ele, dando um passo atrás para ajustar a posição dela.

— Estou vendo. — Bailey prendeu a respiração e puxou o gatilho. O pequeno estouro a fez saltar, mas os patos nadaram e os coelhos continuaram a saltar. — Eu errei?

— Só por um quilômetro, mais ou menos — brincou ele, e se convenceu definitivamente de que Bailey nunca tinha segurado uma arma na vida.

— Tente novamente.

Ela tentou de novo, e de novo. No momento em que conseguiu mover algumas penas e despentear pelos de alguns bichos, Cade já tinha colocado vinte dólares nas mãos do agradecido atendente.

— Pareceu tão fácil quando você fez!

— Está tudo bem, querida, você estava quase pegando o jeito. O que ela ganhou?

O atendente vasculhou sua fileira de prêmios mais baratos, geralmente reservados para crianças menores de 12 anos, e surgiu com um patinho de plástico.

— Vou ficar com ele. — Encantada, Bailey guardou o brinquedo no bolso da calça. — Meu primeiro troféu.

De mãos dadas, eles caminharam ouvindo os gritos, a música distante de uma banda de blues, o barulho dos brinquedos em movimento. Ela adorava as luzes, as cores, brilhantes como joias na noite calma. Todos os cheiros... de óleo fritando, algodão-doce e molhos picantes.

Aquilo parecia tão fácil, como se não pudesse haver nenhum problema no mundo... somente luzes, música e risadas.

— Não sei se já estive nesse tipo de festa antes — disse Bailey. — Mas, se já estive, esta é uma das melhores.

— Eu ainda lhe devo um jantar à luz de velas. Ela virou a cabeça para sorrir-lhe.

— Eu me contentaria com uma outra volta na roda-gigante.

— Tem certeza de que está disposta?

— Quero andar de novo. Com você.

Bailey entrou na fila, brincou com um garotinho que mantinha a cabeça no ombro do pai e

a fitava com imensos olhos azuis. Imaginou se era boa com crianças, se alguma vez tivera a chance de conviver com elas. E, deitando a cabeça no ombro de Cade, sonhou um pouco.

Se aquela fosse uma noite normal em vidas normais, eles podiam ficar ali, juntos, daquela forma. Estariam de mãos dadas como agora, e não teriam uma única preocupação no mundo. Ela não teria medo de nada. Sua vida seria repleta, rica e brilhante como aquela festa.

O que havia de errado em fingir que era, e poderia ser, somente por aquela noite?

Bailey sentou na cadeirinha dupla ao lado dele e se aconchegou ao corpo forte. E subiu para o céu. Abaixo, pessoas andavam ao longo do gramado. Adolescentes se empertigavam, casais passeavam, crianças corriam. Os aromas subiam com o vento, uma mistura evocatória que poderia inalar para sempre.

A primeira descida foi rápida e emocionante, fazendo seus cabelos esvoaçarem e lhe causando um friozinho na barriga. Inclinando a cabeça para cima, fechou os olhos e se preparou para o balanço ascendente.

É claro, ele a beijou. Ela queria aquilo também, o doce e inocente encontro de lábios enquanto eles circulavam acima do gramado alto do verão, com as luzes ao redor, como um arco-íris colorido.

Estavam subindo quando os primeiros fogos de artifício pintaram o céu escuro de dourado.

— É lindo! — Bailey acomodou a cabeça no ombro dele. — Como joias jogadas no mar. Esmeraldas, rubis, safiras.

As cores reluziam acima, descendo do céu e parecendo cair sobre suas cabeças. Abaixo, pessoas aplaudiam e assobiavam, preenchendo o ar com barulho. Em algum lugar, um bebê chorava.

— Ele está assustado — murmurou ela. — Os barulhos são como tiros ou trovões.

— Meu pai costumava ter um cão perdigueiro que se escondia embaixo da cama todo feriado de Quatro de Julho. — Cade brincava com os dedos dela enquanto Bailey assistia ao espetáculo. — Tremia por horas depois que os fogos começavam.

— É tão alto e assustador se você não sabe o que é... — Um flash dourado com um brilho adamantino irrompeu do céu quando eles chegaram ao topo da roda-gigante. O coração de Bailey começou a disparar, a cabeça a latejar. Era o barulho, só isso. O barulho, e o modo louco como as cadeirinhas balançaram quando a roda-gigante parou de repente para descarregar os passageiros.

— Bailey? — Ele a puxou para mais perto, estudando-lhe o rosto. Ela estava tremendo agora, as faces pálidas, os olhos escuros.

— Estou bem. Só um pouco enjoada.

— Vamos descer logo. Apenas mais algumas cadeirinhas.

— Está tudo bem. — Mas as luzes cintilaram de novo, abalando o céu. E a imagem invadiu o cérebro de Bailey como um trovão.

— Ele pôs as mãos para cima — ela conseguiu murmurar num sussurro. Não podia ver as luzes agora, o espetáculo cruzando o céu. A lembrança a cegou para tudo o mais. — Ergueu as mãos para tentar agarrar a faca. Eu não conseguia gritar. Não conseguia gritar. Não conseguia

me mover. Havia apenas a luz da mesa. Somente um feixe de luz. Eles são como sombras, e estão gritando, mas eu não consigo. Então vem o raio. É tão brilhante, só por aquele instante, tão brilhante que o cômodo se ilumina inteiro. E ele... Oh, Deus, a garganta dele. Ele corta a garganta.

Bailey virou o rosto para o ombro de Cade.

— Eu não quero ver isso. Não suporto ver isso.

— Deixe vir na sua mente. Segure-se em mim e deixe acontecer. Estamos descendo agora. Pronto. — Ele a tirou da cadeirinha, e praticamente a carregou ao longo do gramado. Ela estava tremendo como se o ar tivesse ficado gelado, e Cade podia ouvir os soluços desesperados. — Isso não pode machucá-la agora, Bailey. Você não está sozinha agora.

Cade foi para a área onde os carros estavam estacionados, praguejando a cada vez que um estouro dos fogos a fazia saltar. Colocou-a no banco do carro, deu a volta e se sentou rapidamente atrás do volante.

— Chore — murmurou Cade e virou a chave. — Grite se quiser, apenas não deixe que isso a consuma dessa maneira.

Já que ele não a deixava se sentir envergonhada, Bailey chorou um pouco, descansando a cabeça dolorida contra o assento enquanto Cade pegava a estrada sinuosa e voltava para a cidade.

— Continuo vendo joias — murmurou ela finalmente. A voz era baixa, mas firme. — Lindas pedras preciosas. Muitas delas. Lápis-lazúli e opalas, malaquita e topázio. Todas de diferentes formatos, lapidadas e não lapidadas. Posso escolher qualquer uma. Sei o que são, e conheço a sensação de tê-las nas mãos. Há uma peça longa de calcedônia, suave ao toque e em forma de espada. Está sobre uma mesa como um peso de papel. E esse quartzo preso a uma corrente de fios de prata que o atravessam como estrelas cadentes. Posso vê-las. Elas são tão familiares...

— As pedras a fazem feliz, a deixam à vontade.

— Sim, creio que sim. Quando penso nelas, quando surgem na minha mente, tenho uma sensação agradável. De alívio. Há um elefante. Não este. — Ela abraçou o bicho de pelúcia contra si para conforto. — Pedra-sabão, entalhado com uma manta de joias sobre as costas, e brilhantes olhos azuis. Ele é tão régio e tão bobo.

Bailey parou por um momento, tentou pensar, apesar de sua cabeça latejar.

— Há outras pedras, de todos os tipos, mas elas não me pertencem. Entretanto, são suaves. Não me assusta pensar nelas. Mesmo o diamante azul. É uma coisa tão maravilhosa. Um milagre tão grande da natureza. É incrível, realmente, que os elementos certos, os minerais certos, a pressão e a quantidade de tempo corretas possam se unir para criar algo tão especial.

"Eles estão discutindo sobre as pedras. Sobre o assunto. — Ela continuou, fechando os olhos com força para tentar trazer a imagem à tona. — Eu os escuto, e estou zangada e sei que estou certa. Posso quase ver a mim mesma andando para a sala onde eles estão discutindo, e estou furiosa e satisfeita. É uma contradição estranha. E sinto um pouco de medo. Fiz alguma coisa... eu não sei."

Bailey se esforçou, cerrando os punhos.

— Alguma coisa imprudente, impulsiva, ou mesmo tola. Vou para a porta. Está aberta, e as

vozes deles ecoam do lado de fora. Vou para a porta, e estou tremendo por dentro. O sentimento não é só de medo, não acho que seja apenas medo. Uma parte é raiva. Fecho uma das mãos sobre a pedra. Está no meu bolso, e me sinto melhor com minha mão sobre ela. A sacola de lona está lá, sobre a mesa perto da porta. Está aberta também, e posso ver o dinheiro dentro. Eu pego a sacola enquanto eles gritam um com o outro.

Quando Cade saiu do campo e entrou na cidade, as luzes fizeram os olhos de Bailey lacrimejarem, e ela os fechou novamente.

— Eles não sabem que estou lá. Estão tão compenetrados em sua discussão que não notam a minha presença. Então, vejo a faca na mão dele, a lâmina curva brilhando. E o outro homem levanta as duas mãos para agarrá-la. Eles lutam pela faca, e estão sem luz agora, lutando. Mas eu vejo sangue, e uma das sombras balança. A outra se move. Ele não para. Simplesmente não para. Estou paralisada ali, agarrando a sacola, observando. A luz acaba de uma vez, e está totalmente escuro. Então os raios chegam, enchem o céu. De repente, está tão claro! Quando ele passa a faca sobre o pescoço do outro novamente, me vê. Ele me vê, e eu corro.

— Certo, tente relaxar. — O trânsito estava pesado, deixando Cade impaciente. Não podia pegar a mão dela, puxá-la para perto, confortá-la. — Não force agora, Bailey. Resolveremos isso em casa.

— Cade, eles são a mesma pessoa — murmurou ela, e emitiu um som entre um gemido e uma risada. — Eles são o mesmo.

Ele amaldiçoou o trânsito, procurou uma brecha e ultrapassou uma caminhonete com poucos centímetros de sobra.

— Como assim "o mesmo"?

— Eles são a mesma pessoa. Mas isso não pode ser. Sei que não pode ser porque um está morto, e o outro, vivo. Acho que estou ficando louca.

Símbolos novamente?, se perguntou Cade. Ou a verdade?

— Como assim, eles são o mesmo?

— Eles têm o mesmo rosto.

Bailey levou o elefante de pelúcia para dentro da casa, abraçando-o junto ao corpo como se ele fosse uma corda de salvamento para a realidade. Sua mente estava confusa, presa entre sonhos, com uma leve dor de cabeça pairando, e parecendo apenas esperar o momento de latejar.

— Quero que se deite. Vou fazer um chá para você.

— Não, eu faço. Fico melhor quando estou fazendo alguma coisa. Qualquer coisa. Desculpe-me. Foi uma noite tão maravilhosa... — Na cozinha, ela colocou o elefante sorridente sobre a mesa. — Até que...

— Foi uma noite maravilhosa. E qualquer coisa que ajude a colocar mais peças no quebra-cabeça vale a pena. Isso machuca você. — Ele a segurou pelos ombros. — E lamento, mas teremos de continuar com isso até chegarmos onde queremos.

— Eu sei. — Bailey cobriu-lhe uma das mãos com as suas e a apertou brevemente. Então

se virou para pôr a chaleira no fogo. — Não vou me despedaçar; Cade, mas tenho medo de que possa não estar muito estável. — Pressionando os dedos contra os olhos, riu. — Declaração engraçada para alguém que não consegue se lembrar do próprio nome.

— Você está se lembrando de mais coisas o tempo inteiro, Bailey. E é a mulher mais sã que já conheci.

— Nesse caso, estou preocupada com você também, e com seu gosto para mulheres.

Ela colocou as xícaras sobre os pires de modo preciso, se concentrando na tarefa simples. Saquinhos de chá, açúcar, açucareiro.

Numa das árvores gêmeas do jardim, o melro dera lugar a um noitibó, cujo canto era como a prata líquida. Ela pensou em trepadeiras floridas crescendo sobre uma cerca de arame, perfumando o ar noturno enquanto o pássaro chamava sua parceira para o acasalamento.

Como uma garotinha chorando sob um salgueiro.

Bailey meneou a cabeça. Uma lembrança amarga de infância, talvez. Pensou que aqueles fragmentos do passado viriam mais rapidamente agora. E teve

— Você tem perguntas. — Ela pôs o chá sobre a mesa, se firmou e o fitou. — Não as está fazendo porque tem medo que eu desmorone. Mas não vou desmoronar. Quero que me faça as perguntas, Cade. É mais fácil quando você faz.

— Vamos nos sentar. — Ele puxou uma cadeira para ela, se demorou mexendo o açúcar no chá. — A sala tinha carpete cinza, uma janela, uma mesa perto da porta. Há um abajur sobre a mesa. Como é a mesa?

— É uma mesa de madeira, George III. — Bailey colocou a xícara sobre o pires com um ruído. — Oh, isso foi inteligente. Nunca esperei que você perguntasse sobre a mesa. Sequer pensei; simplesmente estava lá.

— Concentre-se na mesa, Bailey. Descreva-a para mim. 1

— É uma peça linda. Uma escrivaninha. O topo é feito de pau-rosa, incrustado com linhas de buxo. As laterais, mesmo o local para os joelhos, são ovais. De um dos lados, há uma gaveta longa almofadada com frente falsa. Ela se abre para prateleiras. É tão inteligente! Os puxadores são de latão e estão bem polidos.

Desconcertada, ela olhou para o chá.

— Agora estou parecendo uma negociante de antiguidades.

Não, pensou ele, apenas alguém que amava coisas bonitas. E que conhecia muito bem a escrivaninha.

— O que há sobre a mesa?

— O abajur. É de latão, também, com uma cúpula de vidro verde, e um cordão antigo de corrente. E há papéis, uma pilha organizada de papéis no canto da mesa. Um mata-borrão de couro no centro, e um briefke.

— Um, o quê?

— Um briefke, um pequeno recipiente de papel para guardar pedras soltas. Elas são esmeraldas, de distintos formatos e quilates. Há uma lupa de joalheiro e uma pequena balança

de latão. Um copo de cristal Baccarat, com gelo derretendo no uísque. E... e a faca... — A respiração dela estava presa, mas se esforçou para exalar. — A faca está lá, o cabo de osso entalhado, lâmina curva. É antiga e muito bonita.

— Há alguém à mesa?

— Não, a cadeira está vazia. — Mais fácil para desviar os olhos da faca, para olhar para algum outro lugar. — É estofada, de couro cinza-chumbo. A cadeira está de costas para a janela. Há uma tempestade. — A voz de Bailey tremeu. — Há uma tempestade. Raios, chuva. Eles estão gritando mais alto que o barulho dos trovões.

— Onde eles estão?

— Na frente da mesa, um diante do outro. Cade empurrou a xícara de lado para que pudesse pegar a mão de Bailey.

— O que eles estão dizendo, Bailey?

— Eu não sei. Alguma coisa sobre um depósito. Pegue o depósito, deixe o país. É uma negociação ruim. Muito perigosa. Ele está decidido.

Ela podia ouvir as vozes. As frases eram ditas em tom alto e furioso. As palavras eram rudes.

Traidor desgraçado.

Você quer lidar com ele, então vá em frente. Estou fora disso.

Nós dois. Juntos. Sem voltar atrás.

Você pega as pedras, lida com ele. Bailey está desconfiada. Não é tão estúpida quanto você pensa.

Você não vai fugir com o dinheiro e me deixar de mãos vazias.

— Ele o empurra. Eles estão brigando, empurrando, puxando, socando. A maneira como se odeiam me assusta. Não sei como podem se desprezar tanto, porque são o mesmo.

Cade não queria levá-la ao que tinha acontecido depois. Tinha a cena agora, os passos.

— Eles são o mesmo. Como?

— O mesmo rosto. Os mesmos olhos escuros e os mesmos cabelos escuros. Tudo igual. Como um espelho. Até mesmo as vozes têm a mesma entonação. Eles são o mesmo homem, Cade. Como podem ser o mesmo homem, a menos que isso não tenha acontecido de forma alguma... e eu tenha perdido, não apenas a memória, mas a razão...

— Você não está vendo uma coisa simples, Bailey. Simples e óbvia. — O sorriso de Cade era amplo, os olhos brilhavam. — Gêmeos.

— Gêmeos? Irmãos? — Cada parte do ser de Bailey rejeitou a ideia. Conseguiu apenas menear a cabeça, e continuou até que o movimento se tornou frenético. — Não, não, não! — Não podia aceitar aquilo. Não aceitaria. — Não é isso! Não pode ser!

Ela se afastou da mesa abruptamente, a cadeira raspando no chão.

— Eu não sei o que vi. — Desesperada agora para bloquear as imagens, pegou sua xícara, derramando chá sobre a mesa antes de levá-la para a pia e jogar o resto do líquido no ralo.

— Estava escuro. Não sei o que eu vi.

Bailey não queria saber o que tinha visto, concluiu Cade. Não estava pronta para saber: E ele não ia arriscar brincar de analista até que ela estivesse recomposta.

— Guarde isso, por enquanto. Foi um dia difícil, você precisa descansar.

— Sim. — A mente dela estava suplicando por paz, pelo esquecimento. Mas estava com muito medo de dormir e dos sonhos que poderia ter. Virou-se, pressionando o corpo frágil contra Cade. — Faça amor comigo. Eu não quero pensar. Só quero que você me ame.

— Eu a amo. — Cade encontrou-lhe os lábios com os seus. — E farei isso.

Ele a conduziu para fora da cozinha, parando no caminho para beijar, tocar. Na base da escada, desabotoou-lhe a blusa, deslizou as mãos pelo pescoço delicado e, então, lhe segurou os seios.

Com um gemido abafado, Bailey entrelaçou as mãos nos cabelos dele e o puxou para um beijo.

Ele queria ser gentil, carinhoso. Mas os lábios dela eram sedentos e exigentes. Cade entendeu que era de loucura e desespero que Bailey necessitava naquele momento. E se deixou levar.

Rasgou o sutiã e observou o choque e a excitação brilharem nos olhos dela. Quando as mãos másculas a tocaram desta vez, eram ávidas e rudes.

— Há muita coisa que eu não lhe mostrei. — Cade lhe alisou a curva delicada entre o pescoço e o ombro. Mordiscou. Muita coisa que ninguém havia mostrado a ela, pensou, com uma onda louca de pura luxúria. — Você pode não estar pronta.

— Mostre. — Bailey inclinou a cabeça para trás, e a pulsação disparou loucamente. O medo era, de súbito, libertador. — Quero que você me mostre.

Ele desceu-lhe a calça pelos quadris, e a tocou intimamente. As unhas de Bailey se enterraram em seus ombros enquanto ela escalava em direção ao êxtase. O murmúrio na garganta se transformou num grito, que revelava tanto medo quanto alegria.

Cade quase perdeu o fôlego enquanto a observava naquela escalada sensual. A expressão deslumbrada nos olhos dela o excitava em demasia. Bailey ficaria indefesa agora, se ele a quisesse indefesa.

E queria.

Terminou de despi-la com mãos rápidas e hábeis. Quando ela estava nua e tremendo, os lábios de Cade se curvaram num sorriso. Correu os polegares sobre os mamilos sensíveis, fazendo-a fechar os olhos.

— Você pertence a mim — sussurrou, com voz rouca e emocionada. — Preciso ouvi-la dizer isso. Por enquanto, você me pertence.

— Sim. — Ela teria dito qualquer coisa. Teria lhe prometido sua alma, se Cade lhe pedisse isso. Aquele não era um rio tranquilo agora, mas um mar de sensações avassaladoras. E Bailey queria se afogar nelas. — Mais..

E ele lhe deu mais. Percorreu todo o corpo de Bailey com a boca, então se concentrou no ponto mais íntimo.

Ela balançou, tremeu, explodiu. Cores surgiram em sua cabeça... luzes alegres e joias, estrelas e arco-íris. Pressionou as costas contra o corrimão da escada, segurando-se ali para se equilibrar enquanto seu mundo girava como um carrossel enlouquecido.

Então, o prazer, o auge do prazer começou a se transformar numa dor suave. Naquele ponto, entre glória e devastação, seu corpo simplesmente se despedaçou.

Cade a puxou para seus braços, satisfeito por ela estar relaxada, sem energia. Deixando as roupas de Bailey onde estavam, carregou-a escada acima. Para sua cama desta vez, pensou, com um desejo impaciente de possuí-la.

Caiu na cama com Bailey e deixou seu fogo interior dominar a situação.

Aquilo era glorioso. Suas mãos, sua boca a destruíram, a reconstruíram. O suor escorria pela pele de Bailey, fazendo-a brilhar. Então, ela lhe removeu as roupas, arqueou o corpo, pediu por mais, movimentando-se ansiosamente a cada nova exigência.

No momento em que Cade a posicionou de pernas abertas, ela o envolveu com avidez, arqueando o corpo para trás quando a cabeça dele abaixou mais uma vez para lhe provocar os seios. E quando a cabeça de Bailey tocou o colchão e seu corpo vibrou, Cade mergulhou em seu interior.

O gemido dela foi baixo e profundo, um som fraco enquanto ele lhe segurava os quadris. Com o próprio coração batendo descompassado no peito, Cade estabeleceu um ritmo forte e rápido. Sem pensamentos, sem dúvidas, nada além daquela união ardente e frenética.

A luz da lua batia no rosto de Bailey, fazendo os cabelos brilharem, a pele úmida resplandecer. Mesmo quando a visão de Cade nublou, fixou a imagem dela na mente. Manteve-a ali, enquanto o prazer chegava ao máximo e ele se esvaía no interior do corpo amado.

Cade esperou até se certificar de que ela havia dormido. Por um tempo, apenas observou, encantado por ela e pelo que conseguiam juntos. Nenhuma mulher que havia tocado antes, nenhuma mulher que o tocara, jamais fora tão fundo em sua alma, lhe tomara o coração com tanta força ou tão rapidamente.

Tinha exigido que Bailey lhe dissesse que lhe pertencia. Não era menos verdade que pertencia a ela. O milagre daquilo o emocionava.

Tocou com os lábios a testa de Bailey. Quando a deixou, ela estava deitada de bruços, um braço estendido onde ele estivera deitado ao seu lado. Esperou que a exaustão lhe tranquilizasse os sonhos. Deixou a porta aberta para que pudesse ouvi-la se chorasse ou o chamasse.

Cade aproveitou o tempo para fazer café e carregá-lo para a biblioteca. Olhou com desprezo para o computador antes de ligá-lo. O relógio no canto bateu meia-noite, então deu outra badalada após meia hora quando ele encontrou o seu ritmo.

Em quase o dobro do tempo que levaria um hacker de 10 anos, a informação que estava procurando surgiu na tela.

Especialistas em pedras preciosas na Grande Washington.

Ele estudou as páginas, mantendo os sentidos em alerta com a cafeína, atrapalhando-se um momento para ligar a impressora e imprimir uma cópia em papel.

Boone e Filho.

Consultoria de Diamantes Kleigmore.

Criações de Joalheria Landis.

Seu computador lhe proporcionava informações mais detalhadas do que a lista telefônica. Estudou os dados, nomes, datas, e continuou a ler.

Salvini.

Salvini. Seus olhos se estreitaram enquanto lia os dados. Avaliadores e gemólogos. Especializado em joias usadas e antiguidades. Fundado em 1952 por Charles Salvini, agora falecido.

Certificados de garantia. Consultores para museus e colecionadores particulares. Designs personalizados, restauração e remontagem. Trabalho feito em instalações próprias.

Um endereço em Chevy Chase, pensou Cade. A localização era próxima o bastante. A firma era respeitada, classificada como "Tripla A". Donos: Thomas e Timothy Salvini.

TS, pensou, numa breve onda de excitação.

— Não tenha pressa.

Bailey respirou fundo e esforçou-se para se comportar com tanta calma e precisão quanto Cade queria.

— O nariz dela é mais afilado que isso, eu acho. O nome da artista da polícia era Sara, e ela era jovem e paciente. Habilidosa, Bailey não tinha dúvida, ou Cade não a teria chamado. Estava sentada à mesa da cozinha com seu bloco de desenho e alguns lápis, uma xícara de café quente perto do cotovelo.

— Mais assim? — Com alguns rabiscos rápidos, Sara afilou o nariz.

— Acho que sim. Os olhos dela são maiores, e mais inclinados para cima.

— Em formato amendoado? — Sara usou a borracha e depois o lápis, ajustando tamanho e formato.

— Suponho que sim. É difícil ver tudo isso na minha cabeça.

— Apenas me dê impressões. — O sorriso de Sara era fácil e relaxado. — Partiremos daí.

— Parece que a boca é mais larga, mais suave que o resto do rosto. Tudo o mais são ângulos.

— Um belo rosto — comentou Cade enquanto Sara esboçava. — Interessante. Sexy.

Enquanto Bailey continuava a instruir, ele estudava a imagem. Um rosto anguloso, cabelos curtos com franjas longas e repicadas, sobrancelhas dramaticamente arqueadas. Exótica e forte, decidiu, e tentou combinar uma personalidade com aquelas feições.

— Isso está muito perto do que me lembro. — Bailey pegou o esboço que Sara ofereceu. Conhecia aquele rosto, pensou, e olhá-lo lhe provocava uma vontade de sorrir e de chorar ao mesmo tempo.

MJ. Quem era MJ e o que elas compartilhavam?

— Você quer fazer um intervalo? — perguntou Cade, e baixou as mãos para os ombros de Bailey a fim de aliviar-lhe a tensão.

— Não, quero continuar com isso. Se você não se importar — disse ela a Sara.

— Ei, posso fazer isso o dia inteiro. Contanto que continuem me abastecendo de café. — Ela ergueu a xícara vazia para Cade, com um sorriso rápido que disse a Bailey que eles se conheciam muito bem.

— Vocês.. Ah, é um trabalho interessante — começou Bailey.

Sara jogou uma longa trança ruiva para trás das costas. O traje que usava era informal: calça jeans e uma blusa branca lisa, a combinação simples e sexy.

— É a sobrevivência — respondeu ela a Bailey. — Os computadores estão lentamente me tirando do negócio. É incrível o que eles podem fazer com as imagens. Mas muitos policiais e investigadores particulares ainda preferem os esboços. — Ela pegou a xícara cheia da mão de Cade. — Parris aqui, por exemplo, fará qualquer coisa para evitar um computador.

— Ei, estou aprendendo sobre eles. Sara riu.

— Quando você aprender, eu estarei fazendo caricaturas em bares. — Ela deu de ombros, bebeu um gole do café e pegou um lápis novo. — Quer tentar a outra?

— Sim, tudo bem. — Dizendo a si mesma para não pensar em quão bem Sara e Cade se conheciam, Bailey fechou os olhos e se concentrou.

Grace. Deixou o nome brincar na mente, trazendo a imagem.

— Suave — começou ela. — Há uma suavidade no rosto dela. É muito bonito, quase inacreditavelmente bonito. É um rosto oval, bastante clássico. Os cabelos são pretos e muito longos. Caem ao longo das costas em cachos macios. Sem franja, apenas uma cortina de seda espessa e preta. Os olhos são grandes, com pálpebras largas e cílios grossos. Olhos intensamente azuis. O nariz é pequeno e reto. Perfeito.

— Estou começando a odiá-la — brincou Sara, e fez Bailey sorrir.

— Deve ser difícil ser tão bonita, você não acha? As pessoas só olham para a superfície.

— Acho que eu poderia viver com isso. E quanto à boca?

— Exuberante, carnuda.

— Claro...

— Sim, isso está bom. — Uma excitação começou. O esboço estava se formando rapidamente. — As sobrancelhas são um pouco mais cheias, e uma pintinha ao lado da esquerda. Bem aqui — disse Bailey, apontando para o próprio rosto.

— Agora eu realmente a odeio — murmurou Sara — Não quero saber se ela tem um corpo para combinar com esse rosto. Diga que ela tem orelhas de abano.

— Lamento, mas não. — Bailey sorriu para o esboço e sentiu carinho e vontade de chorar de novo. — Ela é simplesmente maravilhosa. Salta aos olhos.

— Ela parece familiar.

Com o comentário distraído de Sara, Bailey ficou tensa.

— Parece? Mesmo?

— Eu podia jurar que já vi este rosto antes. — Pressionando os lábios, Sara bateu o lápis contra o bloco. — Em uma revista, talvez. Ela parece uma modelo... talvez alguém que faça propaganda de um perfume caro ou creme facial. Se você tem um rosto de um milhão de dólares, seria louca de não usá-lo.

— Uma modelo... — Bailey mordiscou o lábio, lutou para lembrar. — Simplesmente não sei.

Sara tirou a folha do bloco, entregou a Cade.

— O que você acha?

— De parar o trânsito — murmurou ele após um momento. — A fada dos genes estava incrivelmente de bom humor quando ela nasceu. Não a reconheço, no entanto, e este é um rosto que nenhum homem com sangue nas veias esqueceria.

O nome dela é Grace, Bailey disse a si mesma. E ela é mais do que bonita. Não é apenas um rosto.

— Bom trabalho, Sara. — Cade colocou os dois desenhos juntos sobre o balcão. — Tem tempo para mais um?

Sara deu uma rápida olhada para seu relógio.

— Tenho aproximadamente mais meia hora.

— O homem, Bailey. — Cade se abaixou para que seus olhos ficassem no nível dos dela. — Você sabe como é a aparência dele agora.

— Eu não...

— Você sabe. — Ele falou com firmeza, embora suas mãos fossem gentis nos braços dela. — É importante. Apenas diga a Sara como você o vê.

Aquilo doeria, percebeu Bailey. Seu estômago já embrulhava com a ideia de deixar aquele rosto entrar em sua mente de novo.

— Eu não quero vê-lo novamente.

— Você quer as respostas. Quer o fim disso. Este é um passo e você precisa dar os passos.

Ela fechou os olhos, mudou de posição. A cabeça começou a doer quando se colocou de volta naquela sala com carpete cinza e a janela castigada pela tempestade.

— Ele tem a pele morena — murmurou ela baixinho. — O rosto é longo e estreito. Está comprimido de raiva. A boca expressa amargura e ira. O nariz é levemente curvado. Não feio, mas forte. É um rosto forte. Os olhos são profundos. Escuros. Olhos escuros.

Brilhando com ódio. Havia desejo de assassinato neles. Ela tremeu, cruzou os braços e lutou para se concentrar.

— Maços do rosto rasas e testa alta. As sobrancelhas são escuras e retas. Assim como os cabelos. São bem-cortados, cheios no topo da cabeça, e precisamente aparados ao redor das orelhas. É um rosto muito bonito. O maxilar estraga um pouco, é flácido, levemente fraco.

— É ele, Bailey? — Cade colocou uma das mãos sobre o ombro dela novamente, apertando-o de leve para lhe dar apoio.

De braços cruzados, Bailey abriu os olhos e estudou o esboço. Não estava preciso. Não estava perfeito. Os olhos deveriam ser um pouco mais afastados, a boca um pouco mais cheia. Mas foi o bastante para fazê-la tremer.

— Sim, é muito parecido com ele. — Reunindo todo seu controle, Bailey se levantou devagar. — Com licença — murmurou, e saiu da cozinha.

— A moça está apavorada — comentou Sara, guardando os lápis de volta no estojo.

— Eu sei.

— Você vai me contar em que tipo de problema ela está metida?

— Não tenho certeza. — Cade enfiou as mãos nos bolsos. — Mas estou perto de descobrir. Você fez um bom trabalho, Sara. Fico lhe devendo essa.

— Mandarei a conta. — Ela pegou seu material e se levantou. Beijou-o de leve e lhe estudou o rosto. — Não acho que você vá mais me convidar para uma noite fora da cidade.

— Estou apaixonado por Bailey — disse ele simplesmente.

— Sim, percebi. — Sara pôs a bolsa sobre o ombro e lhe tocou o rosto. — Vou sentir a sua falta.

— Estarei por aí.

— Você estará por aí — concordou ela. — Mas aqueles dias loucos e excitantes acabaram para você, Parris. Eu gosto dela. Espero que dê certo. — Com um último sorriso melancólico, se virou. — Sei o caminho da porta.

Ele a acompanhou de qualquer modo, e, fechando a porta, percebeu que estava realmente fechando uma parte de sua vida. A liberdade de ir e vir quando bem entendesse, com quem quisesse. Noites em bares, com a perspectiva de um sexo amigável e sem compromisso em seguida. Sem responsabilidade por ninguém, exceto por si mesmo.

Olhou para a escada. Ela estava lá em cima. Responsabilidade, estabilidade, compromisso. Uma única mulher de agora até o resto de sua vida... uma mulher com problemas que ainda precisava dizer as palavras que ele precisava ouvir, fazer as promessas de que ele necessitava.

Cade ainda podia desistir, e Bailey não o culparia. Na verdade, tinha certeza de que era isso que ela havia esperado. Aquilo o fez questionar quem a deixara antes.

Meneando a cabeça, subiu a escada até ela sem o menor arrependimento.

Ela estava em pé no quarto, de costas para a porta, olhando pela janela. As mãos estavam unidas na frente do corpo.

— Você está bem?

— Sim. Me desculpe. Fui rude com a sua amiga. Eu nem agradei.

— Sara entende.

— Você a conhece há muito tempo?

— Alguns anos, sim. — Bailey engoliu em seco.

— Vocês já estiveram juntos. — Cade arqueou uma sobrancelha, decidiu não se aproximar.

— Sim, estivemos juntos. Já estive com outras mulheres, Bailey. Mulheres das quais gostei, com as quais me importei.

— Eu sabia. — Ela se virou com a palavra, e seus olhos estavam intensos.

— Sabia — concordou ele, assentindo com um gesto de cabeça.

— Isso está fora de sincronia. — Bailey passou as mãos pelos cabelos. — Você e eu, Cade, a nossa relação está fora de sincronia com o resto todo. Nunca devia ter acontecido.

— Mas aconteceu. — Ele pôs as mãos nos bolsos porque sentiu a tensão, a vontade de cerrar os punhos. — Você vai ficar parada aí e me dizer que está chateada porque conheceu uma mulher com quem eu dormi? Porque não fui a você da mesma maneira que você veio a mim?

— Em branco. — A palavra foi atirada como uma bala. — Você não veio a mim em branco. Tem família, amigos, namoradas. Uma vida. Não tenho nada senão pedaços que não se encaixam. Não me importo se você dormiu com centenas de mulheres — Bailey falou de modo agressivo, e, então, o tom passou a um sussurro quando acrescentou: — É o fato de você se lembrar delas. Poder lembrar.

— Quer que eu lhe diga que elas não tiveram nenhuma importância? — Ele começou a ficar alterado, nervoso e com medo. Ela estava se afastando, recuando. — É claro que elas tiveram importância. Não posso apagar meu passado por você, Bailey.

— Eu não ia querer que você fizesse isso. — Ela cobriu o rosto com as mãos por um momento, enquanto lutava por pelo menos um fio de controle. Tinha tomado uma decisão. Agora, precisava apenas ser forte o bastante para segui-la. — Desculpe. Sua vida particular antes de eu chegar não é da minha conta, ou nem mesmo a questão. A questão é: você teve uma vida, Cade.

— Você também teve.

— Também tive. — Ela assentiu, pensando que era exatamente isso que a apavorava. — Eu nunca teria chegado tão perto de descobrir isso sem você. Mas percebo que deveria ter ido diretamente à polícia. Somente compliquei as coisas não fazendo isso.

Porém, é o que vou fazer agora.

— Você não confia em mim para terminar o

— Essa não é a questão.

— Com certeza não é — disse ele. — Isso não é sobre ir à polícia. É sobre você e eu. Acha que pode sair daqui e fugir do que existe entre nós? — Ele tirou as mãos dos bolsos, segurou-lhe os braços. — Pense bem.

— Alguém está morto. Eu estou envolvida. — Os dentes de Bailey ameaçaram bater enquanto lutava para encará-lo. — E eu não deveria ter envolvido

— É tarde demais para isso agora. Era tarde demais quando entrou em meu escritório. Você não vai me abandonar. — Quando Cade lhe cobriu a boca com a sua, o beijo tinha gosto de frustração e raiva. Apertou-a contra seu corpo, bloqueando qualquer escolha, saboreando-a até as mãos de Bailey amolecerem em seus ombros.

— Não faça isso — ela conseguiu murmurar no momento em que Cade lhe tirou os pés do chão. Mas para aquilo também era tarde demais. Estava pressionada sob ele na cama, cada um de seus sentidos reagindo vigorosamente enquanto as mãos fortes a acariciavam.

— Não dou a mínima para o que você esqueceu. — Com olhos intensos e selvagens, ele lhe tirou as roupas. — Você se lembrará disso.

Cade a tirou do controle, do tempo e do espaço. Só havia um aqui e agora que Bailey nunca havia experimentado e ao qual não podia resistir: A boca sensual se fechou sobre seu seio, inundando-a de prazer. E enquanto não podia conter os gemidos, os dedos de Cade fizeram sua mágica e a levaram ao topo.

Bailey gritou, não de medo, nem de protesto, mas com o êxtase que a levava para além da razão. Enterrou as unhas nas costas largas, o corpo se movendo sob o dele. Abriu-se de forma imprudente e se entregou completamente. O único pensamento em sua cabeça era agora, agora, agora.

Cade a possuiu profundamente, sem cuidado, e a sentiu tremer ao seu redor enquanto ela voava sobre a próxima onda de prazer. Aquilo era louco, desesperado. Era errado. E irresistível.

Ele entrelaçou as mãos de Bailey nas suas, observou o cume do prazer transformar o rosto dela. O animal em seu interior tinha se libertado, atingindo a ambos. Cade a beijou quase com

agressividade, amou-a com loucura, até que ela sussurrasse o nome dele e o que lhe restava de controle fosse perdido.

Vazio, saciado, tombou sobre ela. O corpo de Bailey tremia sob o seu enquanto um choro baixinho ecoava da garganta. A mente de Cade começou a clarear o bastante para sentir a vergonha.

Nunca tinha amado uma mulher com tanta brutalidade. Nunca dera a uma mulher tão pouca escolha. Saiu de cima dela, olhou para o teto, apavorado pelo que havia descoberto dentro de si mesmo.

— Sinto muito. — Aquela frase era patética. Cade percebeu a inutilidade da mesma quando se sentou, esfregou as mãos sobre o rosto. — Eu machuquei você. Lamento muito. Não há desculpa para isso. — E, não encontrando nenhuma, se levantou e a deixou sozinha.

Bailey conseguiu se sentar, uma das mãos pressionada contra o coração acelerado. Seu corpo estava fraco, ainda pulsando com ardor. Sua mente continuava nublada e confusa, mesmo enquanto esperava, pacientemente, que clareasse. A única coisa de que estava certa era de que tinha sido amada de modo selvagem. Dominada por sensações, por emoções, por ele.

Tinha sido maravilhoso.

Cade deu-lhe tempo para se recompor. E usou o tempo para formular seus próximos passos. Era tão difícil pensar quando estava furioso... Já tinha ficado com raiva antes. Magoado antes. Envergonhado antes. Mas quando ela desceu a escada, toda arrumada e parecendo nervosa, aquelas três emoções ameaçaram consumi-lo.

— Você está bem?

— Sim. Cade, eu..

— Você vai fazer o que quiser — ele a interrompeu num tom de voz que era tanto frio quanto tenso. — Assim como eu. Pelo desculpas novamente por ter tratado você daquela forma.

Ela sentiu um frio no estômago.

— Você está zangado comigo.

— Com nós dois. Posso lidar comigo mesmo, mas antes tenho de lidar com você, que quer ir embora.

— Não é isso que eu quero. — Havia um apelo por compreensão na voz dela. — Mas é o certo. Usei você de uma forma errada.

— Você me contratou.

Bailey deu um suspiro impaciente. Como ele podia ser tão cego e teimoso?

— Não estamos tendo uma relação profissional, Cade. Mal começamos dessa forma.

— Está certo. É pessoal, e você não vai me deixar agora por um senso enganoso de culpa. Se quer me deixar por outras razões, nós as discutiremos quando isso tudo acabar. Eu amo você. — Havia uma fúria nas palavras que apenas aprofundava a emoção por trás delas. — Se você não me ama, não pode me amar ou não vai me amar, terei de aceitar e viver com isso. Mas desistir a essa altura simplesmente não é uma opção.

— Eu só quero...

— Você quer ir à polícia. — Cade parou por um momento, enfiou os polegares nos bolsos da frente de modo que não pudesse tocá-la. — Tudo bem, é a sua escolha. Mas, enquanto isso, você me contratou para fazer um trabalho e ainda não terminei. Independentemente de seus sentimentos pessoais, ou dos meus, pretendo terminar. Vá buscar a sua bolsa.

Bailey não sabia bem como lidar com ele agora. Mas se perguntou: alguma vez soubera? Contudo, o homem zangado e frio diante de si era muito mais um estranho do que aquele que vira pela primeira vez num escritório sujo e desorganizado, apenas alguns dias atrás.

— A hora marcada no museu Smithsonian — começou ela.

— Eu adiei. Temos um outro lugar para ir antes.

— Onde?

— Vá buscar a sua bolsa — repetiu Cade. — Daremos esse próximo passo do meu jeito.

Ele não falou durante o trajeto de carro. Bailey reconheceu alguns dos prédios. Eles haviam passado por lá antes. Mas quando Cade saiu de Washington e entrou em Maryland, os nervos dela ficaram à flor da pele.

— Eu gostaria que você me dissesse aonde estamos indo. — As árvores eram muito perto da estrada, pensou ela em pânico. Muito verdes, muito grandes.

— Voltar — disse ele. — Às vezes, você só precisa abrir a porta e olhar o que tem do outro lado.

— Precisamos falar com o curador do museu.

— Sentia um nó na garganta. Daria tudo por um copo d'água. — Devemos fazer o retorno e seguir para a cidade.

— Você sabe aonde estamos indo?

— Não. — A negação foi em tom de desespero.

— Não, não sei!

Ele apenas a fitou com os intensos olhos verdes.

— As peças do quebra-cabeça estão lá, Bailey.

Cade virou à esquerda, saindo da estrada, ouvindo a respiração dela se tornar rasa e acelerada. Determinado, reprimiu seu instinto de tranquilizá-la. Bailey era mais forte do que fingia ser. Ele podia admitir isso. E ela enfrentaria aquilo. Com a sua ajuda.

Se o lugar estivesse sendo observado, Cade a estaria expondo. Precisava pesar as possibilidades disso contra fazer seu trabalho. Ela o contratara para solucionar o quebra-cabeça, lembrou a si mesmo. E aquela, com toda certeza, era a última peça.

Bailey não podia continuar vivendo no pequeno mundo seguro que ele estava lhe proporcionando. Estava na hora, para ambos, de seguir em frente.

Erguendo o maxilar, entrou no estacionamento de Salvini.

— Você sabe onde estamos.

A pele de Bailey estava fria. Com movimentos fortes e demorados, ela esfregou as mãos úmidas sobre os joelhos da calça.

— Não, eu não sei.

O prédio era de tijolos, dois andares. Antigo e adorável, com janelas altas ladeadas por azáleas bem tratadas, que floresceriam lindamente na primavera. Havia uma elegância no lugar que não deveria tê-la feito tremer.

Um único carro estava parado no estacionamento. Um BMW azul-marinho. A pintura brilhava à luz do sol.

O edifício erguia-se sozinho, contornando a esquina, enquanto, atrás dele, do outro lado do vasto estacionamento, um shopping center moderno parecia estar fazendo boas vendas no feriado.

— Eu não quero estar aqui. — Bailey virou a cabeça, recusando-se a olhar para a placa sobre o prédio, com letras grandes e claras.

SALVINI

— Eles estão fechados — continuou ela. — Não há ninguém aqui. Seria melhor irmos embora.

— Há um carro no estacionamento — apontou Cade. — Não custa nada tentarmos.

— Não. — Bailey puxou a mão da dele e tentou se encolher no canto do banco. — Eu não vou entrar lá. Não vou.

— O que tem lá, Bailey?

— Não sei. — Terror. Somente terror. — Não vou entrar.

Cade teria preferido cortar o coração a forçá-la a fazer o que ele pretendia. Mas, pensando nela, desceu do carro, deu a volta e abriu a porta.

— Estarei com você. Vamos.

— Eu disse que não vou entrar lá.

— Covarde — disse ele com desprezo na voz. — Você quer se esconder o resto da vida?

A fúria brilhou nos olhos marejados de Bailey quando ela abriu o cinto de segurança.

— Eu odeio você por isso.

— Eu sei — murmurou ele, mas lhe pegou a mão com firmeza e a conduziu para a entrada do edifício.

O interior do lugar estava escuro. Pela janela, Cade não podia ver muita coisa, além do tapete grosso e mostruários de vidro, onde ouro e pedras preciosas brilhavam. Era um pequeno showroom, mas elegante, com algumas banquetas almofadadas e superfícies espelhadas, onde os clientes podiam se sentar e admirar suas escolhas.

Ao seu lado, Bailey estava tremendo como uma folha ao vento.

— Vamos tentar os fundos.

Os fundos davam para o shopping, e tinha obviamente as entradas de carga e dos funcionários. Cade estudou a fechadura na porta dos funcionários e concluiu que poderia abri-la. Tirou um pequeno estojo de ferramentas de couro do bolso.

— O que você está fazendo? — Bailey deu um passo atrás. — Você vai arrombar a porta? Não pode fazer isso.

— Acho que posso conseguir. Pratico pelo menos quatro horas por semana. Fique quieta um minuto.

Foram necessários concentração, habilidade e diversos minutos. Se o alarme fosse ativado, pensou, desligaria assim que ele soltasse a primeira tranca. Isso não aconteceu — Cade mudou de ferramenta e começou com a segunda.

Um alarme silencioso não estava totalmente fora de questão, pensou, manuseando a fechadura. Se a polícia chegasse, teria muitas explicações a dar.

— Isso é loucura. — Bailey deu mais um passo atrás. — Você está invadindo uma loja em plena luz do dia. Não pode fazer isso, Cade.

— Já fiz — disse ele com alguma satisfação quando a última tranca caiu. Meticulosamente, guardou as ferramentas no estojo e depois no bolso. — Uma unidade como esta deve ter um alarme ativado, também.

Cade entrou. Na luz parca, viu a caixa de alarme ao lado da porta. Desativado.

Quase podia ouvir uma outra peça do quebra-cabeça se encaixando.

— Descuido deles — murmurou Cade. — Do jeito que anda a criminalidade...

Ele pegou a mão de Bailey e a puxou para dentro.

— Ninguém irá machucar você enquanto eu estiver por perto. Nem mesmo eu.

— Não posso fazer isso.

— Já está fazendo. — Mantendo a mão dela firme na sua, ele acendeu as luzes.

Era uma sala estreita, parecendo mais um corredor com piso de madeira gasto e paredes pintadas de branco. Contra a parede esquerda, havia um bebedouro e um porta-casaco de latão. Uma capa de chuva feminina cinza estava pendurada ali.

A previsão do tempo anunciara a possibilidade de uma tempestade na quinta-feira anterior; pensou ele. Uma mulher prática como Bailey não iria trabalhar sem sua capa de chuva.

— É sua, não é?

— Não sei.

— A capa faz o seu estilo. De boa qualidade, cara, discreta. — Ele olhou dentro dos bolsos, achou algumas balas de menta, uma pequena lista de mercado, um pacotinho de lenço de papel. — É a sua letra — murmurou, oferecendo-lhe a lista.

— Eu não sei. — Bailey se recusou a olhar para o papel. — Não me lembro.

Cade guardou a lista no próprio bolso e a conduziu para o próximo cômodo.

Era uma sala de trabalho, uma versão melhor da dos Westlake. Ele reconhecia o equipamento agora, e deduziu que, se tivesse tempo de trabalhar nas fechaduras das gavetas de

um alto gabinete de madeira, encontraria pedras soltas. As diversas pedras que

Bailey havia descrito em seus sonhos. Pedras que a faziam feliz, que lhe desafiavam a criatividade, lhe tranquilizavam a alma.

A mesa de trabalho estava completamente limpa, sem manchas. Nada, nem mesmo a mais fina correntinha de ouro, estava fora de lugar.

Aquilo era, pensou Cade, exatamente como ela.

— Alguém mantém esta área limpa — murmurou ele suavemente. A mão de Bailey estava gelada na sua quando Cade se virou. Havia uma escada que levava ao andar superior. — Vamos ver o que há por trás da porta número dois.

Ela não protestou desta vez. Estava aterrorizada demais para formar palavras. Ficou tensa quando Cade iluminou a escada e a levou para cima.

No segundo andar, os pisos eram carpetados de cinza. Bailey ficou nauseada de imediato. O corredor era largo o bastante para que andassem lado a lado, e havia mesas antigas brilhantes em pontos estratégicos. Rosas vermelhas estavam murchando em um vaso de prata. E o cheiro das flores morrendo a enjoou.

Cade abriu uma porta. E soube, no primeiro olhar, que aquela era a sala de Bailey.

Nada estava fora do lugar. A mesa, um modelo bonito e feminino, Queen Anne, brilhava com polimento sob a leve camada de pó acumulada no fim de semana. Sobre a mesa, havia um cristal longo e leitoso, recortado em uma ponta, como uma lâmina quebrada de uma espada. Ela a chamara de calcedônia. E a pedra lisa com multi ângulos ali perto devia ser o quartzo.

Aquarelas sonhadoras em molduras finas de madeira enfeitavam as paredes. Havia uma pequena mesa ao lado de um sofá de dois lugares, que era estofado num tecido grosso e de tom rosado, com almofadas verde-claras. Sobre a mesa, jazia um pequeno vaso de cristal com violetas inclinadas, e fotografias em porta-retratos de prata.

Ele pegou o primeiro. Bailey tinha cerca de 10 anos, calculou, um pouco magra e sem forma, mas não havia erro naqueles olhos. E ela era muito parecida com a mulher que estava sentada ao seu lado num balanço de varanda, sorrindo para a câmera.

— Este é o seu passado, Bailey. — Ele pegou uma outra foto. Três mulheres, de braços dados, rindo. — Você, MJ, e Grace. Seu presente. — Ele pôs o porta-retrato sobre a mesa, pegou um outro. O homem era loiro, bonito, um sorriso caloroso no rosto.

O futuro dela?, se perguntou Cade.

— Ele está morto. — As palavras saíram estranguladas, cortando o coração de Bailey no processo. — Meu pai. Ele está morto. O avião caiu em Dorset. Ele está morto.

— Sinto muito. — Cade pôs a foto sobre a mesa.

— Ele nunca voltou para casa. — Ela estava encostada contra a mesa, as pernas tremendo, o coração disparado enquanto muitas imagens povoavam seu cérebro. — Ele partiu em uma viagem de negócios e nunca retornou. Costumávamos tomar sorvete na varanda. Ele me mostrava todos os tesouros. Eu queria aprender. Adoráveis coisas antigas. Papai cheirava a sabonete de pinho e cera de abelhas. Gostava de polir as peças sozinho, às vezes.

— Ele possuía antiguidades — murmurou Cade baixinho.

— Era um legado. Do meu avô para meu pai, do meu pai para mim. A loja era tão cheia de coisas lindas! Ele morreu, morreu na Inglaterra, a milhares de quilômetros de distância. Minha mãe teve de vender o negócio. Ela precisou vender quando...

— Fique calma e fale devagar. Apenas deixe vir.

— Ela se casou de novo. Eu tinha 14 anos. Mamãe ainda era jovem, estava solitária. Não sabia dirigir um negócio. Foi isso que disse. Não sabia como fazer aquilo. Ele sempre cuidara de tudo. Sem preocupações.

Bailey balançou no lugar; se equilibrou. Então seu olhar pousou no elefante de pedra-sabão com a manta de joias, que estava sobre a mesa.

— MJ me deu de presente no meu aniversário. Gosto de coisas bobas. Coleciono elefantes. Isso não é estranho? Você escolheu um elefante para mim no parque de diversões, e eu os coleciono.

Ela passou uma das mãos sobre os olhos, tentando se controlar.

— Nós rimos quando o abrimos. Só nós três. MJ, Grace e eu, apenas algumas semanas atrás. Meu aniversário é em junho, 19 de junho. Tenho 25 anos.

A cabeça pareceu girar enquanto ela se esforçava para se concentrar em Cade.

— Tenho 25 anos. Sou Bailey James. Meu nome é Bailey Anne James.

Gentilmente, Cade a sentou no sofá e lhe pegou as mãos.

— Prazer em conhecê-la.

— Está tudo misturado na minha cabeça. — Bailey pressionou os dedos nos olhos. Imagens vinham à tona, entravam à força em seu cérebro e desapareciam antes que ela pudesse retê-las com firmeza.

— Conte-me sobre seu pai.

— Meu pai. Ele está morto.

— Eu sei, querida. Conte-me sobre ele.

— Ele... ele comprava e vendia antiguidades. Era um negócio de família. A família era tudo. Nós morávamos em Connecticut. O negócio começou lá. Nossa casa era lá. Ele... ele expandiu. Uma filial em Nova York, outra em Washington. O pai dele tinha estabelecido a primeira loja, depois meu pai expandiu os negócios. O nome dele era Matthew.

Então, Bailey pressionou uma das mãos sobre o coração, como se tivesse sido ferido e partido.

— É como perdê-lo novamente. Ele era o centro do mundo para mim. Ele e minha mãe. Mamãe não podia ter mais filhos. Suponho que eles me mimaram. Eu os amava tanto. Tínhamos um salgueiro no quintal. Fui para lá quando minha mãe me contou sobre o acidente de avião. Sentei debaixo do salgueiro e tentei fazê-lo voltar.

— Sua mãe apareceu e achou você? — Cade estava adivinhando agora, incentivando-a gentilmente a enfrentar a dor.

— Sim, ela saiu no quintal, e ficamos sentadas juntas por um longo tempo. O sol se pôs e continuamos lá, juntas. Estávamos perdidas sem ele, Cade. Mamãe tentou, tentou tão arduamente manter os negócios funcionando, cuidar de mim, da casa. Mas era demais. Ela não conseguia fazer aquilo. Conheceu... Charles Salvini.

— Este é o prédio dele.

— Era. — Bailey esfregou a boca com o dorso da mão. — Ele era joalheiro, especializado em peças antigas e usadas. Ela o consultou sobre alguns de nossos bens. Foi assim que começou. Mamãe estava solitária, e ele a tratava muito bem. Me tratava muito bem. Eu o admirava. Acho que ele a amava muito, realmente acho. Não sei se mamãe o amava, mas precisava dele. Suponho que eu também. Ela vendeu o que tinha restado do negócio de antiguidades e se casou com Charles Salvini.

— Ele era bom para você?

— Sim, era. Ele era um homem gentil. E, como meu pai, era escrupulosamente honesto. Honestidade nos negócios e em assuntos pessoais era vital.

Era minha mãe que ele queria, mas eu fazia parte do pacote, e Charles sempre foi bom para mim.

— Você o amava.

— Sim, era fácil amá-lo, ser grata pelo que ele havia feito por mim e por minha mãe. Ele tinha muito orgulho do negócio que construíra. Quando me interessei por pedras preciosas, ele me encorajou. Fui aprendiz aqui, nos verões, e depois da escola. Charles me mandou estudar na

universidade. Minha mãe morreu quando eu estava fora da cidade, na faculdade. Eu não estava aqui. Estava longe quando ela morreu.

— Querida... — Cade a puxou para mais perto, tentou confortá-la. — Sinto muito.

— Foi um acidente. Aconteceu muito rapidamente. Um motorista embriagado a atropelou. Foi isso. — A dor estava ali de novo. Aguda e renovada.

— Charles ficou arrasado. Nunca se recuperou realmente. Era aproximadamente 15 anos mais velho do que mamãe, e, quando ela faleceu, ele perdeu o interesse em tudo. Aposentou-se, se isolou. Morreu menos de um ano depois.

— E você ficou sozinha.

— Eu tinha meus irmãos. — Ela deu de ombros, apertou as mãos de Cade. — Timothy e Thomas. Os filhos de Charles. Meus meios-irmãos.

— Houve um soluço então. — Gêmeos. — Bailey apertou mais as mãos. — Quero ir agora. Quero sair daqui.

— Fale sobre seus irmãos — disse Cade calmamente. — Eles são mais velhos que você?

— Quero ir embora. Preciso sair daqui.

— Eles trabalhavam aqui — continuou Cade. — Assumiram o negócio de seu padrasto. Você trabalhava aqui com eles.

— Sim, sim. Eles assumiram o negócio. Vim trabalhar aqui quando me formei em Radcliffe. Nós somos uma família. Eles são meus irmãos. Tinham 20 anos quando Charles se casou com minha mãe. Morávamos na mesma casa, somos uma família.

— Um deles tentou matar você.

— Não. Não. — Bailey cobriu o rosto novamente, se recusando a ver aquilo. — Isso é um engano. Eu lhe disse, eles são meus irmãos. Minha família. Morávamos juntos, trabalhávamos juntos. Nossos pais estão mortos, e só restamos nós. Eles são impacientes ou bruscos às vezes, mas nunca me machucariam. Nunca machucariam um ao outro. Não poderiam.

— Eles têm escritórios aqui? Neste prédio, neste andar? — Bailey meneou a cabeça, mas seu olhar foi para a esquerda. — Quero que você fique sentada aqui. Não saia daqui, Bailey.

— Aonde você vai?

— Preciso dar uma olhada. — Ele lhe segurou o rosto, fitou-a diretamente nos olhos. — Sabe que preciso olhar. Fique aqui.

Bailey deixou a cabeça cair sobre a almofada e fechou os olhos. Ficaria lá. Não havia nada que precisasse ver. Nada que precisasse saber. Sabia seu nome agora, quem era sua família. Isso não era o bastante?

Mas as imagens vieram à sua mente, os raios.. fazendo-a gemer.

Não tinha se movido quando Cade retornou à sala, mas abriu os olhos. E quando fez isso, viu a verdade nos olhos dele.

— É Thomas — disse ela com fraqueza. — É Thomas que está morto no escritório no fim do corredor.

Cade não estranhou o fato de Bailey ter bloqueado o que havia visto. O ataque fora cruel e violento. Testemunhar a causa e o efeito na sala que ele acabara de deixar teria sido horrificante. Mas assistir, de alguns metros de distância, sabendo que era um irmão assassinando o outro com violência teria sido indescritível.

— Thomas — repetiu ela, e deu vazão às lágrimas. — Pobre Thomas. Ele queria ser o melhor em tudo. Frequentemente era. Eles nunca foram rudes comigo. Ignoravam a minha existência muitas vezes, como fazem os irmãos mais velhos, eu acho. Sei que se ressentiam por Charles ter me deixado parte do negócio, mas toleravam isso. E me toleravam.

Bailey pausou, olhou para as próprias mãos.

— Não há nada que possamos fazer por ele, há?

— Não. Eu vou tirar você daqui. — Ele lhe pegou a mão, ajudou-a a se levantar. — Vamos parar por aqui.

— Eles planejavam roubar as Três Estrelas de Mithra.

Bailey se controlou. Podia suportar aquilo, prometeu a si mesma, e precisava falar tudo.

— Fomos encarregados para verificar a autenticidade e avaliar os três diamantes. Ou eu fui, na verdade, uma vez que esta é a minha área. Geralmente dou consultoria ao Smithsonian. As estrelas fariam parte do mostruário do museu. São originalmente da Pérsia. São muito antigas, e durante uma época estiveram cravadas num triângulo de ouro, preso nas mãos abertas de uma estátua de Mithra.

Ela pigarreou e, então, falou calmamente, focada na praticidade.

— Ele era o antigo deus persa da luz e da sabedoria. O mithraísmo se tornou uma das principais religiões do Império Romano. Acreditava-se que Mithra matara o touro divino, e que, do corpo morto, haviam nascido todas as plantas e animais.

— Você pode me contar no carro.

Ela a apressou para a porta, mas Bailey simplesmente não podia se mover mais até que dissesse tudo.

— A religião não foi levada a Roma até 68 a.C., e se espalhou rapidamente. É similar ao cristianismo em muitos aspectos. Os ideais de amor fraternal. — A voz falhou, forçando-a a engolir de seco. — As Três Estrelas eram consideradas um mito, uma lenda nascida da Trindade, embora alguns estudiosos acreditassem piamente em sua existência e as descrevessem como símbolos de amor, conhecimento e generosidade. Diziam que, se alguém possuísse as três pedras, a combinação de tais elementos traria poder e imortalidade.

— Você não acredita nisso.

— Acredito que elas são poderosas o bastante para causar grande amor, grande ódio e grande ganância. Descobri o que meus irmãos estavam fazendo. Percebi que Timothy estava criando duplicatas no laboratório. — Ela esfregou os olhos. — Talvez ele pudesse ter escondido uma coisa dessas de mim se fosse mais metódico, mais cuidadoso, mas era sempre o mais impaciente dos dois, o mais impulsivo. — Seus ombros baixaram enquanto recordava. — Ele se meteu em encrencas algumas vezes, por agressão. Fica nervoso muito facilmente.

— Ele nunca machucou você?

— Não, nunca. Pode ter ferido meus sentimentos algumas vezes. — Bailey tentou um sorriso, mas este desapareceu em seguida. — Parecia pensar que minha mãe só se casara com o pai dele para que ele pudesse cuidar de nós. Isso era parcialmente verdade, suponho. Assim, era sempre importante para mim demonstrar que era capaz.

— Você provou que era capaz aqui — apontou Cade.

— Não para ele. Timothy não era do tipo que elogiava as pessoas. Mas nunca foi cruel, não realmente. E nunca imaginei que ele ou Thomas pudessem ser desonestos. Até que fomos incumbidos de avaliar as Estrelas.

— E aquilo foi mais do que eles podiam resistir.

— Aparentemente. As cópias falsas não enganariam ninguém por muito tempo, mas, no momento em que as pedras fossem descobertas, meus irmãos teriam pegado o dinheiro e desaparecido. Não sei quem os estava pagando, mas eles estavam trabalhando para alguém.

Ela parou na escada e olhou para baixo.

— Ele me perseguiu lá embaixo. Eu estava correndo. Estava escuro. Quase caí da escada. Podia ouvir os passos de Timothy atrás de mim. E sabia que ele me mataria. Passamos todos os Natais juntos desde que eu tinha 14 anos. E ele me mataria, do mesmo jeito horrível que tinha matado Thomas. Por dinheiro.

Bailey segurou o corrimão enquanto descia vagarosamente para o piso inferior.

— Eu o amava, Cade. Amava os dois. — À base da escada, ela se virou, gesticulou para uma porta estreita. — Há um porão aí embaixo. É muito pequeno e abarrotado. Foi para onde corri. Existe um pequeno esconderijo debaixo dos degraus, com uma porta de ripas de madeira cruzadas. Eu costumava explorar o prédio quando era mais jovem, e gostava de sentar naquele esconderijo, onde era quieto. Eu estudava os livros sobre pedras preciosas que Charles me deu. Não acho que Timothy conhecia o esconderijo. Se conhecesse, eu estaria morta.

Ela andou para a luz do sol.

— Honestamente, não me lembro quanto tempo fiquei lá, no escuro, esperando que ele me encontrasse e me matasse. Não sei como cheguei ao hotel. Devo ter andado parte do caminho, pelo menos. Não vou de carro para o trabalho. Moro a apenas alguns quarteirões daqui.

Cade queria lhe dizer que tudo tinha acabado agora, mas não tinha. Queria a cabeça de Bailey para descansar em seu ombro e fazê-la esquecer daquilo. Mas não podia. Em vez disso, segurou suas mãos, lhe virou o rosto para que ela o encarasse.

— Bailey... Onde estão as outras duas estrelas?

— As... — Ela empalideceu completamente, de forma tão rápida que ele a segurou, certo de que Bailey desmaiaria. Mas os olhos permaneceram abertos, arregalados e chocados.

— Oh, meu Deus. Oh, meu Deus, Cade, o que eu fiz? Ele sabe onde elas moram. Ele sabe.

— Você deu as pedras a MJ e Grace. — Movendo-se com rapidez, Cade abriu a porta do carro. A polícia teria de esperar. — Diga onde.

— Eu estava tão furiosa! — disse ela enquanto eles enfrentavam, à toda, o trânsito da tarde. — Percebi que eles estavam me usando, usando meu nome, meu conhecimento, minha reputação para autenticar as pedras. Então as trocariam e me deixariam... deixariam o negócio

que meu padrasto construiu. A Salvini seria arruinada, depois de tudo que Charles fez para construí-la. Eu lhe devia lealdade. E eles também, que coisa!

— Então, você se vingou deles dessa forma.

— Foi um impulso. Eu ia enfrentá-los, mas queria as Estrelas fora de alcance. Pelo menos pensei que as pedras não deveriam estar todas no mesmo lugar. Enquanto estivessem, poderiam ser roubadas. Então, enviei uma a MJ e uma a Grace, por diferentes serviços de correio noturno.

— Santo Deus, Bailey, você colocou diamantes inestimáveis no correio?

Ela fechou os olhos com força.

— Nós usamos um serviço de correio especial regularmente para enviar pedras preciosas. — O tom de Bailey era afetado, vagamente insultado. Já tinha dito a si mesma que fora inacreditavelmente imprudente. — Tudo que pude pensar era que havia duas pessoas no mundo em quem eu podia confiar para qualquer coisa. Não considerei que elas seriam colocadas em risco. Nunca me dei conta do quão longe isso podia ir: Estava certa de que, quando confrontasse os meus irmãos, lhes contasse que tinha separado os diamantes por segurança, e faria arranjos para que os diamantes fossem entregues ao museu, a história acabaria bem.

Ela se segurou na porta quando o carro virou uma esquina.

— É este prédio. Moramos no terceiro andar. Meu apartamento fica na frente do de MJ.

Bailey estava fora do carro antes que ele pudesse parar completamente e correndo em direção à entrada. Praguejando, Cade tirou a chave da ignição e a seguiu. Alcançou-a na escada.

— Fique atrás de mim — ordenou ele. — Estou falando sério.

Mas a fechadura e o batente do apartamento 324 estavam quebrados. Fitas da polícia estavam pregadas ao redor.

— MJ — foi tudo que ela conseguiu sussurrar quando empurrou Cade e levou a mão à maçaneta do apartamento de MJ.

— Ai está você, querida. — Uma mulher de calça de lycra cor-de-rosa e chinelos acolchoados apareceu no corredor. — Eu estava ficando preocupada com você.

— Sra. Weathers! — As articulações dos dedos de Bailey ficaram brancas quando ela girou a maçaneta. — MJ. O que aconteceu com MJ?

— Tanta confusão! — A sra. Weathers balançou seus cabelos loiros tingidos e deu a Cade um sorriso calculado. — Você não espera coisas assim num bairro bom como este. O mundo está chegando ao ponto de destruição completa, juro.

— Onde está MJ?

— Da última vez que a vi, ela estava fugindo com algum homem. Eles desceram a escada, gritando e se xingando. Isso foi depois de todo o tumulto. Vidros quebrando, móveis caindo. Tiros. — Ela assentiu brevemente diversas vezes, como um pássaro piscando.

— Tiros? MJ foi baleada?

— Não parecia baleada para mim. Enlouquecida, sim, e furiosa.

— Meu irmão. Ela estava com meu irmão?

— Não. Nunca vi o jovem que estava com MJ antes. Eu teria lembrado, lhe garanto. Ele era muito alto, tinha os cabelos pretos em um daqueles rabos-de-cavalo bonitinhos e olhos de aço. Uma covinha no queixo, como um astro de cinema. Dei uma boa olhada no homem, considerando que ele quase me deixou de joelhos bambos.

— Quando isso aconteceu, sra. Weathers?

Ela olhou para Cade com a pergunta, sorriu e ofereceu uma das mãos.

— Não acho que fomos apresentados.

— Sou Cade, um amigo de Bailey. — Ele sorriu de volta, enquanto a impaciência lhe causava nós no estômago. — Estivemos fora por alguns dias, e gostaríamos de encontrar MJ.

— Bem, não vejo nem rastro dela desde que fugiu no sábado. Deixou a porta do apartamento aberta... ou assim pensei até ver que estava quebrada. Então, espiei lá dentro. O lugar estava destruído. Sei que ela não é uma dona de casa tão boa quanto você, Bailey, mas estava tudo de ponta-cabeça e... — Ela fez uma pausa dramática. — Havia um homem deitado no chão. Um homem corpulento. Então, voltei ao meu apartamento e chamei a polícia. O que mais eu podia fazer? Acho que ele já tinha se levantado e fugido quando a polícia chegou aqui. Deus sabe que não coloquei um pé para fora da porta até os policiais baterem e dizerem que o homem havia sumido.

Cade passou um braço ao redor da cintura de Bailey. Ela estava começando a tremer.

— Sra. Weathers, será que tem uma chave extra do apartamento de Bailey? Ela esqueceu na minha casa, e precisamos apanhar algumas coisas.

— Oh, então é assim? — Ela sorriu de modo malicioso, mexeu nos cabelos novamente e voltou-se para Bailey: — Já não era sem tempo, também. Sempre sozinha aqui em cima, noite após noite. Agora, vamos ver. Acabei de aguardar as begônias da sra. Hollister, portanto tenho as chaves em mãos. Aqui estão.

— Não me recorde de ter dado minha chave para a senhora.

— É claro que deu, querida, ano passado, quando você e as garotas foram para o Arizona. Fiz uma cópia, só em caso de necessidade. — Murmurando sozinha, ela destrancou a porta de Bailey. Antes que pudesse abri-la, Cade se pôs na frente.

— Muito obrigado.

— Sem problemas. Não posso imaginar aonde aquela garota foi — disse ela, torcendo o pescoço para ver através da abertura na porta do apartamento de Bailey. — Conte à polícia como ela estava fugindo de sua própria casa. Oh, e agora que penso nisso, Bailey, na verdade, eu vi seu irmão.

— Timothy? — sussurrou Bailey.

— Não posso dizer qual dos dois com certeza. Parecem clones para mim. Ele veio aqui, vamos ver... — ela bateu um dedo no dente da frente, como se para desemperrar o pensamento. — Deve ter sido no sábado à noite. Eu lhe disse que não tinha visto você, que achava você devia ter tirado umas férias. Ele parecia um tanto perturbado. Entrou fechou a porta na minha cara.

— Eu não sabia que ele tinha uma chave, também — murmurou Bailey, então se recordou que havia deixado a bolsa para trás quando fugira. Imaginou o quão inútil seria trocar a fechadura.

— Obrigada, sra. Weathers. Caso eu não consiga achar MJ, pode lhe dizer que estou procurando por ela?

— É claro, querida. Agora, se você... — Ela franziu o cenho quando Cade lhe deu uma piscada rápida, puxou Bailey para dentro e fechou a porta.

Felizmente fizera aquilo, pensou Cade. Uma olhada ao redor informou que sua organizada Bailey geralmente não deixava o apartamento com almofadas rasgadas e gavetas abertas.

Aparentemente, Salvini não ficara satisfeito em revistar o lugar. Quisera destruí-lo.

— Amador desorganizado — murmurou Cade, passando uma das mãos nas costas dela.

Era a mesma loucura, percebeu Bailey. A mesma perda de controle violenta que tinha visto no momento em que Timothy pegara sobre a mesa a faca, que Thomas usava para abrir cartas. E quando a usara.

Aquelas eram apenas coisas materiais, lembrou a si mesma. Por mais queridas e estimadas que fossem, eram apenas coisas materiais.

Vira pessoalmente o que Timothy podia fazer com as pessoas.

— Preciso ligar para Grace. Ela teria ido para a casa de Grace se pudesse.

— Você reconheceu com quem MJ estava pela descrição?

— Não. Não conheço ninguém assim, e conheço a maioria dos amigos de MJ. — Ela andou em meio à destruição de seu apartamento e chegou ao telefone. A secretária eletrônica estava piscando, avisando que havia recados, mas Bailey ignorou aquilo e discou os números. — É a secretária eletrônica de Grace — murmurou, e esperou a voz rouca recitar a mensagem. — Grace, se você estiver aí, atenda. É urgente. Estou com problemas. MJ está com problemas. Não sei onde ela está. Quero que você vá à polícia, entregue o pacote que lhe enviei. Ligue para mim imediatamente.

— Dê meu número a ela — instruiu Cade.

— Eu não sei.

Ele pegou o telefone, ditou o número e devolveu o aparelho a Bailey.

Revelar o paradeiro de Bailey era um risco calculado, mas o diamante seria protegido, e ele não queria colocar impedimentos para que Grace os contatasse.

— É uma questão de vida ou morte, Grace. Não fique sozinha em casa. Vá à polícia. Não fale com meu irmão em hipótese alguma. Não o deixe entrar na sua casa. Ligue para mim, por favor. Por favor, me ligue.

— Onde ela mora?

— Em Potomac — respondeu Bailey quando ele, gentilmente, lhe tirou o telefone da mão e o recolocou no gancho. — Talvez ela não esteja lá. Grace tem uma casa de campo, no oeste de Maryland. Foi para onde enviei o pacote. Não há telefone lá, e poucas pessoas sabem da existência da casa. Outras vezes, Grace entra no carro e dirige até ver um lugar que lhe agrade. Ela pode estar em qualquer lugar.

— Quanto tempo ela geralmente fica sem entrar em contato?

— Não mais do que alguns dias. Ela teria me ligado, ou para MJ. — Praguejando, Bailey

ligou a secretária eletrônica. A primeira voz que souo foi a de Grace.

— Bailey, o que você está aprontando? Essa coisa é verdadeira? Está pensando em começar a roubar? Ouça, você sabe que odeio essas máquinas. Entrarei em contato.

— Quatro horas no sábado. — Bailey fez uma pausa nas mensagens. — Grace estava bem às 4h no sábado, segundo este recado.

— Não sabemos de onde ela telefonou.

— Não, mas ela estava bem no sábado. — Bailey apertou o botão para ouvir a próxima mensagem. Desta vez, era MJ.

— Bailey, ouça. Não sei o que está acontecendo, mas estamos com problemas. Não fique aí, ele pode voltar. Estou num telefone público perto de...

— Houve um xingamento, um som de pancada.

— Mãos ao alto, seu... — E o sinal de ocupado.

— Domingo, duas da manhã. O que eu fiz, Cade?

Sem dizer nada, ele apertou o botão para a próxima mensagem. Era a voz de um homem desta vez.

— Sua idiota, se ouvir isso, acharei você. Quero o que é meu. — Houve um soluço, um engasgo.

— Ele cortou o meu rosto. Ele mandou alguém cortar o meu rosto por causa do que você fez. Vou fazer o mesmo com você.

— É Timothy — murmurou ela.

— Imaginei que fosse.

— Ele enlouqueceu, Cade. Pude ver isso naquela noite. Alguma coisa aconteceu a Timothy.

Cade não duvidava disso, não depois do que vira no escritório de Thomas Salvini.

— Há alguma coisa de que você precise aqui? — Quando ela apenas olhou ao redor inexpressivamente, ele pegou-lhe a mão. — Mais tarde nos preocupamos com isso. Vamos.

— Para onde?

— Para algum lugar tranquilo onde poderemos nos sentar e você me contar todo o resto. Depois, daremos um telefonema.

O parque era sombreado e verde. De alguma maneira, o pequeno banco sob as grandes árvores parecia amenizar o calor opressivo de julho. Não chovia fazia dias, e a umidade pairava como uma nuvem de vespas no ar.

— Você precisa estar controlada quando formos à polícia — murmurou Cade. — Precisa estar com a mente clara.

— Sim, tem razão. E preciso explicar tudo para você.

— Estou montando o quebra-cabeça bem o bastante. É isso que faço.

— Sim. — Ela olhou para as próprias mãos, sentindo-se inútil. — É isso que você faz.

— Você perdeu seu pai quando tinha 10 anos. Sua mãe fez o melhor que pôde, mas não tinha cabeça para negócios. Tentou manter uma casa, criar uma filha sozinha e dirigir um negócio de antiguidades. Então conheceu um homem, um homem mais velho, bem-sucedido, competente, estabilizado financeiramente e cativante, que a queria e estava disposto a aceitar sua filha como parte da família.

Bailey suspirou de forma irregular.

— Suponho que é isso, resumindo o principal.

— A criança quer uma família, e aceita o padrasto e os meios-irmãos como tais. É isso, também,

— Sim. Eu sentia falta de meu pai. Charles não o substituiu, mas preencheu uma necessidade. Ele era bom para mim, Cade.

— E os meios-irmãos não gostavam muito da ideia de uma irmãzinha. Uma irmãzinha bonita, inteligente, disposta a agradecer.

Ela abriu a boca para negar aquilo, então voltou a fechar. Era hora de encarar o que tinha tentado ignorar por anos.

— Sim, acho que sim. Eu não era como eles. Não queria me exhibir. Os dois estavam na faculdade quando nossos pais se casaram, e quando voltaram para morar em casa novamente, eu saí. Não posso dizer que éramos próximos, mas parecia... sempre senti que éramos uma família unida. Eles nunca me provocavam ou abusavam de mim, não me faziam me sentir uma intrusa.

— Nem a faziam se sentir bem-vinda? Bailey meneou a cabeça.

— Não houve nenhum atrito verdadeiro até minha mãe morrer. Quando Charles se fechou em si mesmo, se isolando totalmente, meus irmãos assumiram o controle. Isso pareceu apenas natural. Os negócios pertenciam a eles. Eu sentia que sempre teria um emprego na empresa, mas nunca esperei nenhuma porcentagem. Houve uma cena quando Charles anunciou que eu teria 20%. Ele estava dando 40% para cada filho, mas isso não pareceu satisfazê-los.

— Eles brigaram com você?

— Um pouco. — Então ela suspirou. — Ficaram furiosos — admitiu. — Com o pai, comigo. Contudo, Thomas se resignou rápido o bastante. Estava mais interessado em vendas e contabilidade do que no trabalho criativo, e sabia que essa era a minha especialidade. Nós nos dávamos bem o suficiente. Timothy ficou menos contente com os arranjos, mas dizia que eu me cansaria da rotina, encontraria um marido rico e deixaria tudo para eles, de qualquer maneira.

Ainda doía lembrar daquilo, do modo como ele a ridicularizava.

— O dinheiro que Charles me deixou está em um fundo. Será meu quando eu tiver 30 anos. Não é grande coisa, mas é mais do que o suficiente. Mais do que o necessário. Ele pagou minha universidade, me deu um lar, uma carreira que amo.

"E, quando ele me enviou para a universidade, me deu MJ e Grace. Foi onde nos conhecemos. Estávamos no mesmo dormitório no primeiro semestre. No segundo, estávamos morando juntas. Era como se nos conhecêssemos por uma vida inteira. Elas são as melhores amigas que já tive. Oh, Deus, o que fiz?"

— Conte sobre elas.

Bailey respirou fundo e tentou.

— MJ é inquieta. Mudou de ideia quanto à profissão com a mesma frequência que algumas mulheres mudam de estilo de cabelo. Fez todos os tipos de cursos estranhos. Passava nos testes ou era reprovada, dependendo de seu humor. Ela é atlética, impaciente, generosa, divertida, e tem consideração pelas pessoas. Trabalhou como garçonete no último ano da faculdade por pura diversão, alegando que era tão boa naquilo que teria de abrir seu próprio restaurante. Comprou um, dois anos atrás. MJ's. É um pub na avenida Geórgia, perto do centro comercial.

— Não conheço.

— É um tipo de bar de bairro. Clientes regulares, música irlandesa nos fins de semana. Quando há brigas ou desordem, ela mesma cuida disso, na maioria das vezes. Se não consegue intimidar ou gritar com alguém, os coloca para fora. MJ é faixa-preta em caratê.

— Me lembre de não cruzar o caminho dela.

— Ela gostaria de você. MJ pode se cuidar sozinha, é isso que continuo dizendo a mim mesma.

Ninguém pode cuidar melhor de MJ O'Leary do que ela mesma.

— E Grace?

— Ela é linda, você viu pelo esboço. A beleza é o que a maioria das pessoas vê, e não enxergam muito mais. Ela a usa quando quer... despreza isso, mas a usa.

Observando as pombas se agitarem, Bailey deixou as memórias virem.

— Grace ficou órfã cedo, era mais jovem do que eu, e foi criada por uma tia na Virginia. Esperavam que ela se comportasse, que agisse de certa maneira. Que fosse uma Virginia Fontaine.

— Fontaine? As lojas de departamento.

— Sim, dinheiro, muito dinheiro. E antigo o bastante para ter aquela aura que um século de prestígio proporciona. Pelo fato de ser linda, rica e de uma boa família, era esperado que tivesse uma educação adequada e andasse com as pessoas certas e fizesse um bom casamento. Grace tinha outras ideias.

— Ela não posou para... — Cade parou, pigarreou.

Bailey simplesmente arqueou uma sobrancelha.

— Como ensaio principal, com pôster, sim, enquanto ainda estava na faculdade. A miss Abril da Ivy League. Ela fez isso sem piscar um olho, com a ideia de escandalizar a família e, como Grace colocou, explorar os exploradores. Tinha seu próprio dinheiro quando completou 21 anos, de modo que não deu a mínima para o que sua família adequada pensava.

— Eu nunca vi a foto — disse Cade, se perguntando se deveria estar se sentindo arrependido ou grato sob as circunstâncias. — Mas sei que ela causou um grande tumulto.

— Era isso que ela queria. — Os lábios de Bailey se curvaram num sorriso. — Grace gostava de criar caso. Foi modelo por um tempo, porque isso a divertia. Mas não a satisfiz. Acho que ainda está procurando pelo que irá satisfazê-la. Trabalha muito em instituições de caridade, viaja por capricho. Chama a si mesma de "a última diletante", mas isso não é verdade. Ela faz um trabalho incrível pelas crianças carentes, mas não quer isso publicado. Tem uma tremenda

compaixão e generosidade em relação aos mais fracos.

— A dona de bar, a socialite e a gemóloga. Um trio único.

Aquilo a fez sorrir.

— Suponho que parece um trio improvável. Nós... Eu não quero soar estranha, mas nós nos reconhecemos. É simples assim. Não espero que você entenda isso.

— Quem entenderia melhor? — murmurou ele. — Eu reconheci você.

Ela olhou para cima, então, encontrou os olhos de Cade.

— Saber quem eu sou não resolveu nada. Minha vida está uma confusão. Coloquei minhas amigas em um perigo terrível, e não sei como ajudá-las. Não sei como parar o que comecei.

— Dando o próximo passo. — Ele lhe levantou a mão, beijou-lhe os dedos. — Vamos voltar para casa, pegar a sacola de lona e contatar um amigo meu da polícia. Encontraremos suas amigas, Bailey.

Cade olhou para o céu enquanto as nuvens cobriam o sol.

— Parece que finalmente teremos chuva.

Timothy Salvini engoliu um outro analgésico. Seu rosto doía tanto que era difícil pensar. Mas pensar era exatamente o que tinha de fazer. O homem que mandara mutilar seu rosto e depois ordenara que fosse cuidado por um médico particular, lhe dera uma última chance.

Se ele não achasse Bailey e pelo menos um dos diamantes até o cair da noite, não havia um único lugar da terra onde pudesse se esconder.

E o medo era um sentimento muito mais terrível do que a dor física.

Não entendia como as coisas podiam ter dado tão errado. Tinha planejado tudo, não tinha? Lidado com os detalhes enquanto Thomas enterrava a cabeça na areia. Fora ele a ser contatado, abordado. Porque era o inteligente, Timothy lembrou a si mesmo. Era quem sabia fazer os jogos.

E havia sido ele a fazer o acordo.

Thomas havia agarrado a chance primeiro. Metade de dez milhões de dólares teria contentado seu irmão gêmeo, e teria satisfeito seus próprios desejos de riqueza.

Não mais a renda miserável que o negócio deles gerava, por mais bem-sucedido que fosse. Dinheiro de verdade, dinheiro para sonhar.

Então Thomas tinha voltado atrás. Esperara até o último momento, quando tudo estava quase em seu devido lugar, e estava planejando trair seu próprio irmão.

Oh, Timothy ficara furioso ao ver que Thomas tinha planejado pegar os milhões e fugir do país, deixando todo o risco e a responsabilidade em suas costas.

Porque seu irmão estava com medo, pensava Salvini, agora. Porque estava preocupado com Bailey e com o que ela sabia. A menina ambiciosa sempre estivera no caminho. Mas ele teria lidado com ela, teria cuidado de tudo se Thomas não tivesse ameaçado arruinar as coisas.

A discussão simplesmente saíra de controle, pensou, esfregando uma das mãos sobre a

boca. Tudo saía de controle. Os gritos, o ódio, a tempestade.

E, de alguma maneira, a faca estivera lá, em sua mão. Presa em sua mão e já ensanguentada antes que se desse conta.

Não tinha sido capaz de se deter. Simplesmente não conseguira parar. Enlouquecera por um momento, admitia. Mas isso se devia a todo o estresse, ao senso de traição, à fúria de ser enganado pelo próprio irmão.

E ela estivera lá. Encarando-o com aqueles olhos enormes. Olhando-o do escuro.

Se não fosse pela tempestade, se não fosse pela escuridão, Timothy a teria encontrado e cuidado de Bailey. Ela tivera sorte, nada mais. Ele era o inteligente.

Aquilo não era culpa sua. Nada daquilo era culpa sua.

Mas estava sendo culpado por tudo. Sua vida estava em perigo por causa da covardia de seu irmão e dos métodos de uma mulher da qual ele se ressentia havia anos.

Timothy tinha certeza de que ela enviara pelo menos uma das pedras pelo correio. Achara o recibo na bolsa que Bailey deixara no escritório quando fugira. Apesar disso, ela era esperta, pensou.

Sua irmãzinha sempre pensara que era a esperta. A Pequena Senhorita Perfeita, constantemente agradando o pai dele com honras e prêmios que ganhava na universidade. Honras e prêmios não significavam nada no mundo dos negócios. Astúcia significava. Coragem significava. Cautela significava.

E Timothy Salvini possuía essas três qualidades.

Teria conseguido cinco milhões de dólares também, se o seu irmão não tivesse vacilado e alertado Bailey, e então perdido a calma e tentado enganar o cliente deles.

Cliente, pensou Timothy, cuidadosamente tocando os curativos no rosto. Era mais como um senhor de escravos agora, mas isso também mudaria.

Ele pegaria o dinheiro e a pedra, encontraria as outras e fugiria para muito longe, e fugiria rapidamente. Porque Timothy Salvini tinha olhado o diabo nos olhos. E era esperto o bastante para saber que, uma vez que as pedras estivessem nas mãos do diabo, ele não seria mais útil.

Então, seria um homem morto.

A menos que fosse esperto.

Tinha sido esperto o bastante para esperar. Passando horas do lado de fora do prédio de Bailey, esperando-a voltar para casa. Soubera que ela voltaria. Era uma criatura de hábitos, previsível como o nascer do sol. E ela não o desapontara.

Quem diria que uma pessoa tão... comum... teria a capacidade de arruinar todos os seus planos? Separar as pedras, enviá-las para endereços diferentes. Oh, aquilo fora inesperadamente inteligente da parte dela. E muito inconveniente para ele.

Mas seu trabalho agora era se concentrar em Bailey. Os outros estavam se concentrando nas outras mulheres. Timothy lidaria com isso na hora certa, mas, por enquanto, sua paciência valera a pena.

Havia sido tão fácil! Realmente fácil. O carro elegante estacionara, Bailey descera. E o

homem tinha seguido, com pressa demais para trancar a porta do carro. Salvini havia localizado o registro do veículo no porta-luvas, anotado o endereço.

Agora estava quebrando a janela da porta dos fundos da casa vazia e entrando.

A faca que usara para matar seu irmão estava presa seguramente no cinto. Muito mais silenciosa do que um revólver e tão eficiente quanto um, ele sabia.

— Mick É um bom policial — Cade disse a Bailey quando parou o carro na garagem. — Ele vai ouvir e vai ignorar todo o protocolo para obter as respostas.

— Se eu tivesse ido diretamente a eles..

— Você não teria chegado mais longe do que está agora — interrompeu Cade. — Talvez nem tão longe. Você precisava de tempo depois de tudo que passou, Bailey. — Ele ficava nauseado ao pensar sobre aquilo. — Dar um tempo a si mesma. — Cerrou os dentes quando se recordou da maneira como a forçara a entrar no prédio onde tudo tinha acontecido.

— Me perdoe por ter sido duro com você.

— Se você não tivesse me pressionado, eu poderia ter continuado fugindo. Evitando tudo. Eu queria fazer isso.

— A situação a estava consumindo, fazendo você sofrer. — Ele se virou, segurando-lhe o rosto. — Mas se você não tivesse bloqueado a memória, poderia ter voltado direto para seu apartamento. Como um pombo-correio, ligando para suas amigas. Ele a teria encontrado. Todas vocês.

— Ele teria me matado. Eu não queria encarar isso. Não podia, suponho. Pensei em Timothy como meu irmão por mais de dez anos. Até mesmo o defendia para MJ e Grace. Assim como defendia Thomas. Mas ele teria me matado. E matado minhas duas amigas.

Quando ela deu de ombros, Cade assentiu.

— A melhor coisa que fez por vocês três foi perder a memória por um tempo. Ninguém a procuraria aqui. Por que o fariam?

— Espero que você esteja certo.

— Estou certo. Agora, o próximo passo é envolver a polícia, mandá-la pegar Salvini. Ele está com medo, machucado e desesperado. Não será difícil pegá-lo.

— Ele contará à polícia quem o contratou. — Bailey relaxou um pouco. — Timothy não é forte o bastante para fazer diferente. Se achar que pode fazer algum tipo de acordo com as autoridades, não vai hesitar. E Grace e MJ..

— Ficarão bem. Estou ansioso para conhecê-las. — Ele se inclinou, abriu a porta. Um trovão soou, fazendo-a parecer ansiosa, e Cade apertou-lhe a mão. — Nós todos iremos a um bar, comemorar um pouco.

— Está combinado. — Alegando-se com a imagem, ela desceu, pegou a mão dele. — Quando tudo isso acabar, talvez você possa me conhecer.

— Querida, quantas vezes tenho de lhe dizer? Conheci você no minuto em que entrou pela minha porta. — Cade pegou as chaves, enfiou uma delas na fechadura.

Foram o puro instinto e sua necessidade inata de proteger que lhe salvaram a vida.

O movimento foi um borrão no canto de seu olho. Cade se virou em direção àquilo, empurrando Bailey para trás. O solavanco rápido de seu corpo fez a faca atingir seu braço, em vez de se enterrar em suas costas.

A dor foi imediata e violenta. O sangue ensopou sua camisa e escorreu para o pulso antes

que ele conseguisse reagir. Havia um único pensamento em sua mente... Bailey.

— Saia! — gritou para ela enquanto se esquivava do próximo golpe da faca. — Corra!

Mas ela estava paralisada, chocada pelo sangue, adormecida pela repetição horrenda de um outro ataque.

Tudo tinha acontecido tão rapidamente. Bailey tinha certeza de que o tempo não fora maior do que o de uma respiração. Mas viu o rosto de seu irmão, repleto de curativos, um corte sobre a sobrancelha esquerda.

Olhos de assassino, novamente.

Ele se moveu em direção a Cade. Cade girou, agarrou-lhe o pulso da mão que segurava a faca. Os dois ficaram tensos e rígidos, os rostos muito próximos, o cheiro de suor, sangue e violência enchendo o ar.

Por um momento, só havia sombras no foyer escuro, a respiração deles ofegante enquanto os trovões soavam.

Bailey viu a faca se aproximando do rosto de Cade, até o ponto que estava quase sob o queixo dele, enquanto os dois homens balançavam sobre o ensanguentado piso de madeira do foyer, como dançarinos obscenos.

Seu irmão mataria novamente, e ela ficaria parada, assistindo.

Bailey avançou.

Foi um movimento instintivo, impensado. Pulou nas costas de Timothy, puxou-lhe os cabelos, soluçando, xingando-o. O golpe súbito fez Cade tropeçar para trás, a mão escorregando, a visão nublado.

Com um grito de dor quando ela enterrou as unhas no rosto ferido dele, Salvini a jogou longe. A cabeça de Bailey bateu com força no corrimão, deixando-a zozna por um momento. Mas, então, estava de pé novamente, atacando-o com sede de vingança.

Foi Cade quem a puxou, tirou-a do caminho da faca, que chegou a centímetros do rosto dela. Então, a força do salto de Cade fez com que os dois homens batessem contra a mesa. Em segundos, estavam rolando e lutando no chão, ofegantes como cachorros. O único pensamento de Cade era viver o bastante para manter Bailey em segurança. Mas suas mãos estavam escorregadias de sangue, e não teriam um aperto firme.

Usando toda sua força, conseguiu torcer a mão em que Timothy segurava a faca, desviando a lâmina de seu próprio coração. Então, a empurrou de volta.

Quando rolou o corpo, já sentindo a fraqueza, sabia que tinha acabado.

Bailey estava rastejando em sua direção, chamando seu nome. Ele a olhou, e conseguiu erguer uma das mãos para o rosto arranhado dela.

— Você deveria deixar os atos heroicos para mim. — A voz soou fraca, distante, mesmo para seus próprios ouvidos.

— Você está muito ferido? Oh, meu Deus, você está sangrando muito! — Ela estava fazendo alguma coisa com seu braço que queimava como fogo, mas não parecia importar. Virando a cabeça, Cade olhou para o rosto de Salvini, que o encarava de volta, com olhos turvos, mas ainda conscientes.

Cade tossiu para limpar a garganta.

— Quem contratou você, seu cretino?

Salvini sorriu lentamente, um sorriso que terminou numa careta. O rosto estava enrugado, os curativos rasgados, a respiração fraca.

— O demônio — foi tudo que ele disse.

— Bem, diga olá para ele no inferno. — Cade se esforçou para se concentrar em Bailey novamente. As sobrancelhas dela estavam unidas em concentração. — Você precisa de seus óculos para um trabalho feito de perto, querida.

— Quietos. Deixe eu deter o sangue antes de chamar uma ambulância.

— Eu deveria lhe dizer que foi só um cortezinho, mas a verdade é que a dor está quase insuportável.

— Sinto muito. MUITÍSSIMO. — Ela queria deitar a cabeça no ombro dele e chorar, apenas chorar. Mas continuou enrolando o que rasgara da camisa de Cade no braço e pressionando contra o corte longo e profundo. — Vou chamar a ambulância assim que terminar isso. Você vai ficar bem.

— Ligue para o detetive Mick Marshall. Certifique-se de chamá-lo, use meu nome.

— Certo. Fique quieto, farei isso.

— Que diabos está acontecendo aqui? A voz o fez se encolher.

— Diga que estou alucinando — murmurou ele. — Diga, eu lhe suplico, diga que não é a minha mãe.

— Santo Deus! Cade! O que você fez? Isso é sangue?

Ele fechou os olhos. Vagamente, escutou Bailey, numa voz firme e tola, ordenar que sua mãe chamasse uma ambulância. E, agradecido, desmaiou.

Ele recuperou a consciência dentro da ambulância, com Bailey lhe segurando a mão, a chuva batendo ligeiramente no capô. E outra vez no pronto-socorro, com luzes brilhando em seus olhos e pessoas gritando. A dor era como um animal voraz tirando-lhe pedaços do braço.

— Podem me dar algum analgésico? — perguntou, o mais educadamente possível, e desmaiou novamente.

Da próxima vez que acordou, estava em uma cama. Permaneceu imóvel, de olhos fechados, até testar o nível da dor e da consciência. Numa escala de zero a dez, deu nota seis à dor, mas parecia totalmente acordado desta vez.

Abriu os olhos e viu Bailey.

— Oi! Eu tinha a esperança de que você fosse a primeira pessoa que eu veria quando acordasse.

Ela se levantou da cadeira ao lado da cama para pegar sua mão.

— Vinte e seis pontos, nenhum dano muscular. Você perdeu muito sangue, mas recebeu uma transfusão. — Então, Bailey se sentou na beira da cama e se permitiu chorar.

Não tinha derramado uma lágrima desde que lutara para deter o sangramento, enquanto ele estava deitado no chão. Nem durante o trajeto de ambulância, que corria pelas ruas molhadas enquanto trovões e raios vinham do céu.

Ou durante o tempo que havia passado andando de um lado para o outro nos corredores do hospital, ou durante a experiência difícil de lidar com os pais de Cade. Nem mesmo quando se esforçara para contar à polícia o que havia acontecido.

Mas agora dava vazão às lágrimas.

— Me desculpe — murmurou quando terminou.

— Dia difícil, hein?

— Certamente um dos piores.

— Salvini?

Bailey desviou os olhos para a janela onde a chuva escorria.

— Está morto. Liguei para a polícia, chamei o detetive Marshall. Ele está aí fora, esperando que você acorde e que os médicos lhe permitam entrar. — Ela se levantou, arrumou os lençóis. — Tentei contar tudo a ele, esclarecer. Não tenho certeza se fiz isso muito bem, mas ele tomou notas, fez perguntas. Está preocupado com você.

— Nós faremos um retrospecto. Tudo ficará bem, Bailey — disse Cade, e pegou-lhe a mão novamente. — Você pode aguentar mais um pouco?

— Sim, o tempo que for necessário.

— Diga a Mick para me tirar daqui.

— Isso é ridículo. Os médicos dizem que você tem de ficar em observação.

— Tenho pontos em meu braço, não um tumor no cérebro. Vou para casa, beber uma cerveja e conversar com Mick.

Ela ergueu o queixo.

— Sua mãe disse que se você comesse a se lamentar...

— Não estou me lamentando, estou... — Cade parou, estreitou os olhos e se sentou. — Como assim, minha mãe? Eu não estava delirando?

— Não, ela foi à sua casa para lhe dar uma chance de se desculpar; o que, aparentemente, você nunca faz.

— Ótimo, fique do lado dela.

— Não estou do lado de sua mãe. — Bailey meneou a cabeça. Podiam realmente estar tendo aquela conversa num momento como aquele? — Ela ficou apavorada, Cade, quando percebeu o que tinha acontecido, que você estava ferido. Ela e seu pai...

— Meu pai? Pensei que ele estivesse pescando em Montana.

— Ele voou para casa esta manhã. Seus pais estão na sala de espera agora, morrendo de preocupação por você.

— Bailey, se você tem um pinga de afeição por mim, mande-os embora.

— Certamente não farei isso, e você devia se envergonhar de si mesmo.

— Ficarei envergonhado mais tarde. Tenho pontos no braço. — Aquilo não ia funcionar: Ele podia ver isso claramente. — Tudo bem, aqui vai uma proposta. Você pode deixar meus pais entrarem e faço as pazes com eles. Então, quero ver o médico e sair daqui. Conversaremos com Mick em casa e esclareceremos tudo lá.

Bailey cruzou os braços.

— Ela disse que você sempre espera que as coisas sejam do seu jeito. — Com isso, se virou e marchou para a porta.

Foi necessário muito charme, discussão e teimosia, mas, em um pouco mais de três horas, Cade estava deitado em seu próprio sofá. Levou mais duas horas, com a distração de Bailey preocupada ao seu redor, para contar a Mick os eventos desde quinta-feira à noite.

— Você esteve bem ocupado, Parris.

— Ei, trabalho particular não se resume a comer rosquinhas e tomar café, amigo.

Mick gemeu.

— Falando em café... — Ele olhou em direção a Bailey. — Não que queira tirá-la daqui, srta. James..

— Oh. — Ela se levantou. — Vou fazer um café fresco. — Pegando sua própria xícara, apressou-se para a cozinha.

— Esperto, Mick, muito esperto.

— Ouça. — Mick inclinou-se para mais perto. — O tenente não vai ficar feliz com dois cadáveres e dois diamantes desaparecidos.

— Buchanan nunca está feliz.

— Ele não gosta de policial de mentirinha como você, por princípio, mas há muitos ângulos ruins nesse caso. O fato de sua amiga ter esperado quatro dias antes de informar um assassinato é apenas um deles.

— Ela não se lembrava de nada. Perdeu a memória.

— Sim, ela diz isso. E, pessoalmente, acredito. Mas o tenente...

— Se Buchanan tiver algum problema com isso, mande-o vir falar comigo. — Irritado, Cade se sentou e ignorou a dor no braço. — Meu Deus, Mick, Bailey assistiu a um dos irmãos assassinar o outro e se voltar para ela. Vá à cena do crime, veja o que ela viu e depois me diga se esperaria que um civil pudesse lidar com aquilo.

— Certo. — Mick ergueu uma das mãos. — E enviar os diamantes pelo correio.

— Ela os estava protegendo. Os diamantes estariam desaparecidos agora se Bailey não tivesse feito alguma coisa. Você tem o meu depoimento e o dela. Sabe exatamente como tudo aconteceu. Bailey vem tentando encaixar as peças desde que veio a mim.

— É assim que vejo as coisas — disse Mick após um momento, e olhou para a sacola de lona no chão, perto de sua cadeira. — Ela confessou tudo. Não há dúvida quanto à legítima

defesa. Ele quebrou uma vidraça na porta dos fundos, entrou, esperou por você.

Mick passou uma das mãos pelos cabelos crespos. Sabia muito bem que as coisas poderiam ter se desenrolado de outra maneira. Poderia ter facilmente perdido um amigo.

— Embora eu lhe tenha dito para colocar um alarme.

Cade deu de ombros.

— Talvez eu coloque. Agora que tenho algo que vale a pena proteger.

Mick olhou em direção à cozinha.

— Ela é... ah... a escolhida?

— Bailey é certamente minha. Nós precisamos encontrar MJ O'Leary e Grace Fontaine, Mick, e rápido.

— Nós?

— Não vou ficar sentado sem fazer nada. Mick assentiu novamente.

— Tudo que sabemos sobre O'Leary é que houve um tumulto no apartamento dela, aparentemente causado por uma briga feia, e que ela fugiu com homem de rabo-de-cavalo. Parece que sumiu.

— Ou sumiram com ela — murmurou Cade, olhando por sobre o ombro para se certificar de que Bailey não estava ouvindo. — Eu lhe contei sobre o recado na secretária eletrônica de Bailey.

— Sim. Não há como rastrear uma mensagem na secretária, mas vamos procurá-la. Quanto a Fontaine, tenho homens checando a casa dela em Potomac, e estamos procurando a casa nas montanhas. Devo saber alguma coisa em poucas horas.

Ele se levantou, pegou a sacola e sorriu.

— Nesse meio tempo, preciso contar isso a Buchanan, assisti-lo sapatear com o responsável pelo museu Smithsonian. — Mick teve de rir, sabendo o quanto seu tenente detestava bancar o diplomata. — Quanto você calcula que valem as pedras?

— Por enquanto, pelo menos duas vidas — Bailey disse quando entrou com a bandeja de café.

Mick pigarreou.

— Lamento por sua perda, srta. James.

— Eu também. — Mas ela viveria com isso. — As Três Estrelas de Mithra não têm preço, detetive. Naturalmente, para propósitos de seguro e coisas assim, o museu Smithsonian requer uma avaliação profissional do valor de mercado. Mas qualquer valor em dólar que eu der às pedras como gemóloga é inútil, realmente. Amor, conhecimento e generosidade. Não existe preço.

Incerto de seus movimentos, Mick mudou o peso do corpo de um pé para o outro.

— Sim, senhora.

Bailey lhe deu um sorriso.

— Você é muito amável e paciente. Estou pronta para ir, assim que quiser.

— Ir?

— Para a delegacia. Você tem de me prender, não tem?

Mick coçou a cabeça, trocou o peso do corpo para o outro pé novamente. Era a primeira vez em vinte anos de carreira que uma mulher lhe servia café e, então, educadamente pedia para ser presa.

— Lutei muito para que você não fosse acusada. É claro que ainda quero que fique disponível, mas calculo que Cade tenha tudo sob controle. E imagino que o museu irá querer ter uma longa conversa com você.

— Eu não vou para a prisão?

— Agora ela ficou pálida. Sente-se, Bailey. — Para garantir que ela se sentasse, Cade lhe pegou a mão e a puxou.

— Presumi que, até que os diamantes fossem recuperados... eu seria considerada responsável.

— Seus irmãos eram responsáveis — corrigiu Cade.

— Tenho de concordar com isso — murmurou Mick. — Vou ter de adiar o café para uma próxima vez. Posso precisar falar com você novamente, srta. James.

— E minhas amigas?

— Estamos trabalhando nisso. — Ele fez um breve gesto de saudação para Cade e partiu.

— Timothy não pode machucá-las agora — disse Bailey. — Mas a pessoa que o contratou...

— Quer apenas os diamantes, não as suas amigas. As probabilidades são de que Grace esteja em seu esconderijo na montanha, e MJ por aí, quebrando os queixos de alguns sujeitos.

Aquilo quase a fez sorrir.

— Você tem razão. Teremos notícias delas em breve. Tenho certeza disso. Eu saberia se alguma coisa tivesse acontecido. Sentiria. — Ela serviu uma xícara de café, então a deixou sobre o pires, intocada. — Elas são a única família que possuo agora. Suponho que tenham sido minha única família por um bom tempo. Eu só fingia que era diferente.

— Você não está sozinha, Bailey. Sabe disso. Não, não estava sozinha. Cade estava lá, esperando.

— Você deveria estar deitado, Cade.

— Deite comigo.

Ela se virou, viu o sorriso malicioso dele.

— E descansando.

— Não estou cansado.

O sorriso de Bailey desapareceu, e os olhos se tornaram escuros e sérios.

— Você salvou a minha vida.

Ele pensou no jeito como ela pulara sobre as costas de Salvini, mordendo e arranhando

como uma gata selvagem.

— Eu diria que teríamos de tirar cara ou coroa para saber quem salvou quem.

— Você salvou a minha vida — repetiu Bailey, vagorosamente. — No instante em que entrei na sua. Eu teria ficado perdida sem você. Hoje, você me deu cobertura, lutou por mim. Arriscou a sua vida para proteger a minha.

— Eu sempre quis matar o dragão pela donzela. Você me deu essa chance.

— Não estamos falando de cavaleiros de armadura ou de Sam Spade. — A voz dela estava embargada pela emoção. — Era sangue de verdade saindo do seu corpo. Foi meu irmão que usou uma faca para golpeá-lo.

— E você — Cade a relembrou — não é responsável pelo que ele fez, e é inteligente demais para acreditar que seja.

— Estou tentando ser. — Bailey se virou por um momento, até que reunisse coragem suficiente. — Se eu tivesse agido de outra maneira, se você tivesse morrido, em vez de meu irmão, quem mais eu poderia culpar? Eu o procurei, eu o envolvi nisso.

— É o meu trabalho. — Ele se levantou, se retraindo apenas um pouco. — Teremos um problema com isso? Com o que faço para viver? Os riscos envolvidos em minha profissão?

— Não pensei tão longe ainda. — Bailey se virou para encará-lo. — O que você fez por mim vem em primeiro lugar. Jamais serei capaz de compensá-lo por um momento sequer disso.

Num movimento impaciente, Cade afastou os cabelos do rosto.

— Você vai me deixar irritado assim, Bailey.

— Não, vou dizer o que tenho de dizer. Você acreditou em mim desde o primeiro instante. Me levou para sua casa. Comprou uma escova de cabelos. Alguma coisa tão simples, a que centenas de outras pessoas não teriam dado valor. Você me ouviu e prometeu ajudar. E manteve sua promessa. E, hoje, isso tudo quase o matou.

O olhar dele se intensificou.

— Quer que eu lhe diga que morreria por você? Suponho que eu morreria. Mataria por você? Sem dúvida nenhuma. Você não é uma fantasia para mim, Bailey. É a mais pura realidade.

O coração de Bailey disparou na garganta, fazendo-a engolir em seco. Cade estava zangado com ela novamente, notou. Os olhos estavam impacientes no rosto ferido. O braço estava enfaixado do cotovelo ao ombro e, com certeza, doendo.

E Cade era seu, sem sombra de dúvida.

— Você quer ser sensata quando a razão não vem ao caso. Isso não é uma peça do quebra-cabeça, Bailey. É o quebra-cabeça completo. — Frustrado, passou uma das mãos pelos cabelos de novo. — Amor era a primeira Estrela, não era?

Simples assim, percebeu ela. Poderoso assim. Comprimindo os lábios, deu um passo em direção a ele.

— Sou Bailey James — começou. — Tenho 25 anos e moro em Washington. Sou gemóloga. Sou solteira.

Bailey teve de parar e andar um pouco antes de continuar:

— Sou uma pessoa organizada. Uma de minhas melhores amigas diz que ordem é uma religião para mim, e lamento que ela possa estar certa. Gosto de tudo em seus devidos lugares. Gosto de cozinhar, mas não cozinho com frequência, uma vez que moro sozinha. Adoro filmes antigos, especialmente filmes noir.

Cade lhe sorria agora, mas ela meneou a cabeça. Tinha de haver mais coisas sobre sua pessoa do que aquilo.

— Deixe-me pensar — murmurou, impaciente consigo mesma. — Tenho uma fraqueza por sapatos italianos. Prefiro ficar sem almoço por um mês a ficar sem um bonito par de sapatos. Gosto de roupas boas e antiguidades. Prefiro comprar um item de boa qualidade do que diversos de qualidade inferior.

A mesma amiga me chama de esnobe em relação a roupas, e é verdade. Prefiro viajar em busca de pedras a visitar Paris, embora eu não me importasse de fazer as duas coisas.

— Vou levar você.

Mas Bailey meneou a cabeça de novo.

— Não terminei. Tenho defeitos, muitos defeitos. Às vezes leio até tarde da noite e durmo com a luz acesa e a televisão ligada.

— Bem, teremos de resolver isso.

Cade se aproximou, mas ela deu um passo atrás, ergueu uma das mãos.

— Por favor. Fico estrábica sem meus óculos de leitura, e detesto usá-los porque sou vaidosa, então fico estrábica com frequência. Não namorei muito na faculdade, porque era tímida e estudiosa e chata. Minha única experiência sexual aconteceu recentemente.

— Isso é verdade? Se você se calasse, poderia ter uma outra experiência sexual.

— Eu não acabei — disse ela com ênfase, como uma professora castigando um aluno malcomportado. — Sou boa no meu trabalho. Desenhei estes anéis.

— Eu sempre os admirei. Você fica tão bonita quando está séria, Bailey. Preciso tocá-la.

— Sou uma pessoa ambiciosa — continuou ela, desviando para o lado quando Cade tentou tocá-la. — Pretendo ser bem-sucedida no que faço. E gosto da ideia de me tornar famosa um dia.

— Se você vai me fazer persegui-la em volta do sofá, pelo menos me dê uma vantagem. Estou com pontos.

— Quero ser importante para alguém. Quero saber que sou importante. Quero ter filhos e preparar o jantar da noite de Ação de Graças. Quero que você entenda que tentei ser sensata sobre isso, porque é assim que sou. Sou meticulosa, prática e posso ser muito tediosa.

— Nunca passei um fim de semana tão tedioso na minha vida inteira — zombou ele secamente. — Mal consegui manter os olhos abertos. — Quando Bailey riu, Cade a manobrou e a puxou para seus braços. E praguejou quando a dor se irradiou direto para seu ombro.

— Cade, se você abrir esses pontos...

— Você é tão meticulosa e prática que pode costurá-los de novo. — Ele lhe ergueu o

queixo com os dedos e sorriu. — Já terminou agora?

— Não. Minha vida não ficará tranquila até que MJ e Grace voltem e eu saiba que elas estão seguras e as Três Estrelas estão no museu. Ficarei preocupada até lá. Sou muito boa em me preocupar, mas acredito que você já saiba disso.

— Vou anotar, só no caso de esquecer novamente. Agora, por que você não me leva para cima e brinca de médica?

— Há mais uma coisa. — Quando ele fez uma careta, Bailey respirou fundo. — Amo muito você.

Cade ficou imóvel, os dedos tensos no queixo dela. As emoções o envolveram, doces e potentes como o vinho. Podia não haver estrelas nos olhos de Bailey, pensou. Mas o coração dela estava nas estrelas. E pertencia a ele.

— Você demorou bastante para chegar a isso.

— Pensei que essa seria a melhor forma de acabar. Cade a beijou gentilmente por um longo momento.

— É a melhor forma de começar — murmurou ele.

— Amo você, Cade — repetiu ela, e lhe tocou os lábios com os seus novamente. — A vida começa agora.

Uma Estrela estava fora de seu alcance, por enquanto. Ele soubera no momento em que tinha sido colocada nas mãos das autoridades. Não ficara irado ou amaldiçoara os deuses. Era, afinal de contas, um homem civilizado. Havia apenas mandado embora seu mensageiro agitado com um único olhar gelado.

Agora, estava sentado em sua sala de tesouros, passando o dedo sobre a haste de uma taça de ouro preenchida com vinho. Uma música soava no ar, acalmando-o.

Adorava Mozart, e gentilmente seguia a melodia com a mão.

A mulher lhe causara muitos problemas. Salvini a subestimara, alegando que ela não passava de uma menina mimada por seu falecido pai. Com cérebro, é claro, e habilidades inegáveis, mas sem coragem. Um verdadeiro "ratinho", ele fora assegurado, que se fechava em seu mundo com as pedras e não se intrometia nos negócios de ninguém.

O erro tinha sido confiar no julgamento que Salvini fizera de Bailey James.

Mas não cometeria esse erro novamente. Ele riu sozinho. Não seria necessário, uma vez que a srta. James e seu protetor já tinham acabado com Timothy Salvini.

E, com tal conveniência, não havia nada que o ligasse às pedras, às mortes. E nada que o impedisse de completar o seu plano... com alguns ajustes, é claro. Podia ser flexível quando necessário.

Dois Estrelas ainda estavam acessíveis, ainda perdidas ou vagando por aí. Podia vê-las se fechasse os olhos, reluzindo lindamente, esperando que ele as pegasse e as unisse com a terceira. Abraçasse o poder delas.

Ele as teria muito em breve. Qualquer pessoa que estivesse em seu caminho seria removida.

Era uma pena, realmente. Não era para haver necessidade de violência. Nenhuma gota de sangue deveria ter sido derramada. Mas agora que isso tinha acontecido, bem...

Ele sorriu para si mesmo e tomou um grande gole do vinho tinto. Sangue, pensou, haveria sangue.

Três mulheres, três pedras, três Estrelas. Era quase poético. Podia apreciar a ironia daquilo. E, quando o triângulo dourado estivesse completo, quando as Três Estrelas de Mithra fossem somente suas e pudesse acariciá-las quando estivessem no altar, pensaria nas mulheres que tinham tentado mudar seu destino.

Ele se lembraria delas com alguma ternura, até mesmo com admiração.

Esperava poder conseguir para elas uma morte poética.



NORA ROBERTS

TRILOGIA: ESTRELAS DE MITHRA VOL. 01

Estrela Oculta

PDL